

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

A CRÔNICA JORNALÍSTICA NO BRASIL
Antonio Prata, um cronista deste tempo

ANSELMO JOSÉ FERREIRA DA SILVA

São Paulo
Fevereiro de 2019

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

A CRÔNICA JORNALÍSTICA NO BRASIL
Antonio Prata, um cronista deste tempo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, área de concentração “Comunicação na Contemporaneidade” e linha de pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luiza Coiro Moraes

ANSELMO JOSÉ FERREIRA DA SILVA

São Paulo
Fevereiro de 2019

AGRADECIMENTOS

Aos professores Dimas Künsch e José Eugenio Menezes.

À minha esposa Wilma, aos meus filhos Marília e Caetano (In Memoriam).

À orientadora deste trabalho, Profa. Dra. Ana Luiza Coiro Moraes.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Silva, Anselmo José Ferreira da

A CRÔNICA JORNALÍSTICA NO BRASIL Antonio Prata, um cronista deste tempo / Anselmo José Ferreira da Silva -- São Paulo, 2019.

158 f. ; il. 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) – Faculdade Cásper Líbero, 2019.

Orientador: Profa. Dra. Ana Luiza Coiro Moraes

1. Jornalismo. 2. Crônica Jornalística. 3. Gênero 4. Antonio Prata
I. Silva, Anselmo José Ferreira II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação e Mercado. III. Título.

CDD 070.401

Bibliotecária responsável: Ana Maria Pereira da Silva - CRB 9/9086

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: ANSELMO JOSÉ FERREIRA DA SILVA

"A CRÔNICA JORNALÍSTICA NO BRASIL: ANTONIO PRATA, UM CRONISTA
DESTE TEMPO"



Prof. Dr. Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP



Prof. Dr. Wellington Wagner Andrade
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Profa. Dra. Ana Luiza Coiro Moraes
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 4 de abril de 2019.

RESUMO

O tema desta dissertação é a crônica jornalística no Brasil, um gênero de escrita que possui duas frentes em constante interação, o jornalismo e a literatura, e que se propagou com a expansão da imprensa entre os séculos XIX e XX, espraiando-se por veículos como jornais, revistas, televisão, rádio e hoje também internet, alcançando frequentemente a edição em livros. O trabalho abrange inicialmente uma contextualização histórica, ainda que breve, do gênero e apresenta alguns dos principais cronistas brasileiros, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga, incluindo nessa lista, um cronista contemporâneo, Lourenço Diaféria. Num segundo momento são estudadas as características principais da crônica, numa abordagem de caráter mais teórico. O terceiro e último momento, de natureza analítica, inclui o estudo do objeto empírico, que é a crônica do jornalista Antonio Prata, do jornal *Folha de S.Paulo*. São eleitas para estudo as suas produções dos anos 2013-2018 que mostram uma relação direta e explícita com os principais acontecimentos políticos de um período reconhecidamente conturbado da vida nacional. A metodologia de trabalho, além da pesquisa bibliográfica, inclui a seleção, leitura atenta e análise de cunho qualitativo dessas crônicas sob a ótica da categoria política, tendo como parâmetros as características do gênero levantadas na segunda parte do trabalho. As principais referências teóricas para o estudo desse gênero “tipicamente brasileiro” (José Marques de Melo) incluem autores como o próprio Melo, Antonio Candido, Massaud Moisés, Jorge de Sá. Um gênero de escrita em geral apreciado pelo leitor, entre outras razões, por sua aproximação com a literatura, por sua leveza e capacidade de dialogar com a vida cotidiana e os pequenos dramas das pessoas, a crônica jornalística trabalha com o registro direto ou indireto de fatos atuais, assumindo-os para dentro do seu modo de escrita, com cenários, personagens, protagonistas e testemunhas, configurando um discurso predominantemente narrativo. O objetivo principal deste trabalho é reforçar o valor da crônica jornalística em todos os tempos, inclusive na atualidade, sendo esta a razão principal da escolha de um cronista e escritor de sucesso no Brasil do século XXI.

Palavras-chave: Jornalismo. Crônica jornalística. Gênero. Antonio Prata.

ABSTRACT

The theme of this dissertation is the journalistic chronicle in Brazil, a genre of writing that has two fronts in constant interaction, journalism and literature, and which spread with the expansion of the press between the nineteenth and twentieth centuries, spreading by vehicles such as newspapers, magazines, television, radio and today also internet, often reaching the edition in books. The work initially encompasses a brief historical contextualization of the genre and presents some of the main Brazilian chroniclers such as Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade and Rubem Braga, including in this list, a contemporary chronicler, Lourenço Diaféria. In a second moment the main characteristics of the chronicle are studied, in a more theoretical approach. The third and last moment, of analytical nature, includes the study of the empirical object, which is the chronicle of the journalist Antonio Prata, of the newspaper Folha de S.Paulo. They are chosen to study their productions of the years 2013-2018 that show a direct and explicit relation with the main political events of an admittedly troubled period of the national life. The work methodology, besides bibliographical research, includes the selection, careful reading and analysis of the content of these chronicles from the standpoint of the political category, having as parameters the characteristics of the genre raised in the second part of the work. The main theoretical references for the study of this genre "typically Brazilian" (José Marques de Melo) include authors such as Melo, Antonio Candido, Massaud Moisés, Jorge de Sá. A genre of writing generally appreciated by the reader, among other reasons, because of its proximity to literature, its lightness and ability to dialogue with everyday life and the small dramas of people, the journalistic chronicle works with the direct or indirect record of taking them into their mode of writing, with scenarios, characters, protagonists and witnesses, configuring a predominantly narrative discourse. The main objective of this work is to reinforce the value of the journalistic chronicle in all times, including today, being the main reason for choosing a successful chronicler and writer in Brazil of the 21st century.

Keywords: Journalism. Journalistic Chronicle. Genre. Antonio Prata.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista das 18 crônicas eleitas para análise – p. 78

Quadro 2: A produção literária de Antonio Prata – p. 85

Quadro 3: A crônica de 2013 eleita para o estudo, a primeira do conjunto de 18 – p. 89

Quadro 4: A crônica sobre os rolezinhos, de janeiro de 2014 – p. 93

Quadro 5: Na crônica de fevereiro de 2014, o registro do aumento da polarização – p. 95

Quadro 6: Crônica sobre a Copa do mundo, de fevereiro de 2014 – p. 97

Quadro 7: A caminho do jogo de abertura da Copa, em junho de 2014 – p. 98

Quadro 8: Cinco crônicas do período das eleições presidenciais de 2014 – p. 99

Quadro 9: Depois das eleições de 2014, a crônica “O último a sair” – p. 107

Quadro 10: Uma crônica pós-*impeachment*, de setembro de 2016 – p. 109

Quadro 11: Uma crônica de 2017: “Cenários” – p. 111

Quadro 12: As cinco crônicas do ano 2018: “O Brasil se esfumando” – p. 113

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 – Uma história da crônica no Brasil	13
1.1 Machado de Assis, um pioneiro do gênero	20
1.2 O <i>flâneur</i> inspira crônicas em Paris com reflexos no Brasil	24
1.3 Antonio Candido e a história do gênero	27
1.4 Cronistas que marcaram época	31
1.4.1 Carlos Drummond de Andrade	31
1.4.2 Rubem Braga	37
1.4.3 Lourenço Diaféria	45
Capítulo 2 – Aspectos teóricos sobre a crônica jornalística	54
2.1 Um gênero brasileiro, “desde Caminha”?	57
2.2 A leveza e o peso do circunstancial	59
2.3 Tipos de modos de entender a crônica	65
Capítulo 3 – Antonio Prata, um cronista deste tempo	76
3.1 Antonio Prata, cronista	83
3.2 A “direita raivosa” sai do armário	88
3.3 A invasão dos bárbaros	92
3.4 “Pra frente, Brasil!”	96
3.5 Eleições de 2014	98
3.6 Do pós-eleições de 2014 até o pós- <i>impeachment</i>	106
3.7 O Brasil do ano de 2018 e a “direita raivosa” no poder	113
3.8 Considerações finais	122
Referências	127
Anexo 1. Crônicas de Lourenço Diaféria em veículos corporativos	133
Anexo 2. Crônicas de Antonio Prata que compõem o <i>corpus</i> de análise	139

INTRODUÇÃO

Nos anos 1990, quando atuava como jornalista profissional na função de editor de jornais e revistas internos e externos para empresas, fui instigado por alguns dos clientes a ampliar o interesse dos leitores das publicações. Foi então que busquei a ajuda de cronistas da época, sendo o principal deles Lourenço Diaféria, que começou a produzir suas crônicas para alguns desses veículos. O cronista paulistano do bairro do Brás aparece no segundo capítulo desta dissertação, ao lado de nomes famosos do passado, e algumas de suas crônicas para os jornais de empresa sobre as quais eu estou falando podem ser encontradas nos Anexos.

Foi nesse período que comecei a gostar sobremaneira desse gênero de escrita jornalística. A inserção de crônicas nos veículos sob o meu comando representou um sucesso, e as publicações passaram de fato a despertar maior interesse do público, formado por leitores, funcionários e clientes. Vários anos depois, já em 2014, ao concluir a graduação em Letras na Faculdade São Bernardo (Fasb), elaborei a minha primeira pesquisa sobre o gênero no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Esse mesmo tema me trouxe em seguida ao Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, e aqui apresento os resultados da pesquisa que fiz nos semestres que durou o curso.

Durante essa trajetória, participei do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”, hoje sediado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), cujos líderes são os professores Dimas Künsch, o primeiro orientador deste trabalho, e Mateus Yuri Passos. Nesse grupo, pude mostrar e discutir em vários momentos a pesquisa, além de participar de dois eventos, o II e o III Seminário Brasil-Colômbia de Estudos e Práticas da Compreensão, em 2016 e em 2017. Apresentei trabalhos, e um desses trabalhos, com o título “Antonio Prata: um cronista de nosso tempo”, foi publicado como capítulo de livro, com resultados parciais da pesquisa. Este texto, como o TCC, foi colocado nas Referências, porque ajudam a compor a minha trajetória de pesquisa.

Inclusive, no texto publicado em livro ficou clara a ligação entre a pesquisa por mim desenvolvida e os interesses do grupo de pesquisa. A crônica, como se verá em algum momento específico desta dissertação, por causa de suas características (um

assunto que será tratado em profundidade no segundo capítulo desta dissertação), aparece para o grupo de pesquisa como um gênero compreensivo, no sentido de que dialoga, sugere, apresenta, agrega e põe significados em conversação com a vida e as ações das pessoas, sem impô-los. Sem querer chegar a uma verdade única, absoluta, final. Esse assunto irá ser abordado em algum momento do segundo capítulo.¹

A pesquisa que aqui se apresenta tem como tema a crônica jornalística no Brasil, sua natureza e características principais e, como objetivo, verificar a presença e importância desse gênero de produção textual no jornalismo da atualidade. Esse objetivo é alcançado com o estudo de um cronista de renome, Antonio Prata, jornalista e autor de livros. É interesse deste trabalho, portanto, mostrar, por meio do estudo de um dos mais importantes cronistas brasileiros atuais, como a crônica jornalística sobrevive e se mantém como gênero jornalístico de prestígio em nossos dias – o que explica o subtítulo desta dissertação, “Antonio Prata, um cronista deste tempo”. Esse argumento não dispensa, antes sugere que novos e mais amplos estudos possam ser feitos para mostrar a atualidade da crônica no jornalismo que se pratica em nossos dias, num tempo em que as mídias digitais adquirem cada vez mais proeminência.

Como hipótese, considera-se que desde as primeiras narrativas de crônicas – na França, na época dos *folhetins* – o gênero vai se configurando, aos poucos, como uma das formas de expressão de jornalistas e escritores, juntando informação, opinião e interpretação na formulação de relatos que se reportam à atualidade – assumindo, portanto, um caráter jornalístico. A atualidade é aqui entendida como o tempo do relato jornalístico por excelência. Esta dissertação se apoia na ideia de que esse tipo de narrativa continua tendo um espaço importante na contemporaneidade. A crônica jornalística, pelo modo como ela se entende e é feita, assume relevância cada vez maior, por sua conexão direta com a vida (miúda) e com os acontecimentos do cotidiano, num tempo como este em que estamos vivendo, em que aumenta de forma muito grande e assustadora a quantidade de conexões. As conexões são importantes, mas os laços e os vínculos também são. São indispensáveis. A crônica, pelo menos a crônica de qualidade, mantém esse laço forte com a vida real e vivida.

¹ A partir do primeiro semestre de 2018, ingressei também no grupo de estudos denominado “Estudos Culturais da Comunicação Contemporânea” (ECCC), sob a liderança da Profª. Ana Luiza Coiro Moraes, orientadora deste trabalho até a sua conclusão. Nesse grupo, conheci outros trabalhos de colegas mestrands e foi possível ampliar os subsídios para a minha pesquisa, ainda que não de um modo tão profundo como no caso do primeiro grupo de pesquisa, basicamente por causa do tempo curto de participação.

Como hipótese secundária, propõe-se que a crônica jornalística, além de sobreviver e de se contextualizar na atualidade, desperta o interesse dos leitores por meio dos métodos de escrita e construção de histórias que registram a factualidade temporal, desenvolvendo-se no campo amplo e bastante estudado da narrativa com as suas distintas funções. A criação de cenários e de personagens a partir das observações do próprio cronista gera a sobrevivência da crônica tempos depois de publicada. Nesse sentido, do seu modo, a crônica jornalística passa a registrar a história do tempo vivido a partir dos pequenos detalhes e recortes da vida de cada dia.

Esse alinhamento histórico da crônica por si só já a situa como um gênero jornalístico ou literário em constante evolução, como a pesquisa irá demonstrar. Isso é feito por meio do estudo de alguns dos seus principais protagonistas em dois séculos de existência, desde os primeiros cronistas até Antonio Prata. Assim sendo, a justificativa primordial desta dissertação é mostrar a força comunicativa de uma narrativa que participa da leitura do tempo presente e propõe um conjunto de significados que podem servir para a transformação das pessoas e das condições sociais em que essas pessoas vivem. O estudo da crônica de Antonio Prata sob o viés da política ajuda a entender o valor da crônica para o debate nacional. Isso não quer dizer que todas as outras crônicas produzidas por ele dentro e fora do período escolhido para a pesquisa tenham menor valor o significado social.

Esta é uma pesquisa que podemos chamar de teórica, porque investe no estudo de características, noções, conceitos e teorias.² Um breve olhar para o estado da arte nos revela um trabalho recente sobre o tema, produzido no interior da linha de pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Trata-se da dissertação de Jhonathan Wilker da Silva Pino, *Crônica de Lourenço Diaféria e a poetização do cotidiano na imprensa brasileira*, defendida em 2015.

Lourenço Diaféria, como adiantamos, é um dos cronistas estudados já no primeiro capítulo desta dissertação. Por sua vez, a “poetização do cotidiano”, que aparece no título dado à dissertação por Wilker da Silva Pino, chama a atenção para uma das características da crônica jornalística, que é o objeto de nosso estudo no segundo capítulo. A pesquisa

² Pedro Demo (2000, p. 20), em sua *Metodologia do conhecimento científico*, explica justamente que a pesquisa teórica é “dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”.

reflete sobre a qualidade jornalística e literária apresentada pelas crônicas de Lourenço Diaféria.

Uma das principais peças de pesquisa para o referencial deste trabalho diz respeito ao *Boletim Bibliográfico* n. 46, edição de jan.-dez. de 1985, pela Biblioteca Mário de Andrade de São Paulo, que reúne teóricos como Luís Roncari, mais treze textos de professores em jornalismo e literatura brasileira, entre os quais Marlyse Meyer e Davi Arrigucci Júnior. Outros nomes que integram a lista dos referenciais teóricos incluem desde Antonio Candido, mais do universo da literatura, e José Marques de Melo, mais do universo do jornalismo, até Jorge de Sá, Moisés Massaud, José Castello e outros. O referencial teórico inclui ainda outros conceitos em contextos onde o que eles estudam é de interesse para esta nossa pesquisa.

O objeto empírico da pesquisa são crônicas de Antonio Prata. O *corpus* da pesquisa é constituído por crônicas publicadas no período 2013-2018 na *Folha de S.Paulo*. Trata-se de um total de cerca de 250 crônicas, das quais foram selecionadas para um estudo analítico um total de 18 crônicas: 1 (uma) de 2013, 9 (nove) de 2014, 1 (uma) de cada um dos anos 2015, 2016 e 2017 e 5 (cinco) de 2018. Esse é o *corpus* específico, o recorte sobre o qual se debruça de fato esta pesquisa. As crônicas são analisadas à luz do referencial teórico abordado nos dois primeiros capítulos deste trabalho, sobre as características ou as marcas que identificam o gênero crônica jornalística, e à luz dos objetivos da pesquisa. A seleção dessas 18 crônicas se dá a partir da categoria “Política nacional”, tendo todas elas forte e direta ligação com os grandes eventos políticos nacionais do período. Nelas, portanto, o cronista se refere a esses eventos e assume uma clara posição crítica sobre os acontecimentos.

O fato de metade das crônicas escolhidas para este estudo terem sido publicadas num único ano, 2014, revela a importância desse ano no processo político que entre 2013 e 2018 levou o país de um governo popular de características de esquerda (de Dilma Rousseff como sucessora de Lula) à vitória da direita política e econômica, no final de 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência. O ano de 2014, com as eleições presidenciais, que dois anos depois culminariam com o *impeachment* da presidenta Dilma, e com a Copa do Mundo de Futebol representa um ano-chave nesse processo.

Continuando a falar sobre a área da metodologia, alguns elementos aparecem como básicos daquilo que a literatura acadêmica identifica como análise de cunho qualitativo e

empírico³: a identificação do *corpus* geral da pesquisa (250 crônicas); a leitura atenta e o estudo de todas elas; a escolha do *corpus* específico (18 crônicas); a identificação das marcas principais do gênero crônica jornalística (capítulo 2, com o apoio do trabalho feito no capítulo 1, que é mais de viés histórico), a escolha da categoria política que justifica a seleção das 18 crônicas para a análise empírica; a montagem de uma lista contendo todas essas crônicas, com um conjunto de elementos que ajudam a identificá-las como de interesse para a análise (início do terceiro capítulo); a análise do texto, dos argumentos que tece sobre o tema político nacional e de algumas das principais marcas características da crônica, a descrição e a interpretação. Tudo somado, são esses os passos de um percurso metodológico montado para dar conta da pesquisa, da resposta às suas hipóteses e do alcance de seus objetivos.

Esta dissertação se estrutura em três grandes capítulos. No primeiro deles eu estudo a trajetória histórica da crônica, de suas origens na historiografia e de como ela, por meio do folhetim e dos namoros com a literatura, veio se formando como um gênero jornalístico ao lado de outros gêneros. A breve passagem pela história da crônica mostra também algumas figuras brasileiras famosas, que desde o século XIX vêm fazendo da crônica um gênero jornalístico de excelência. O nome de Machado de Assis desponta com toda a sua fama de um dos pioneiros e mais exímios produtores de crônicas.

O segundo capítulo trata da teoria da crônica, de como ela se configura como gênero dentro do jornalismo, sua natureza, suas características. Ouvimos as vozes de estudiosos e também de cronistas e comentaristas. A intenção é reunir um conjunto de características ou marcas que nos podem ajudar no terceiro capítulo, no momento da análise.

O terceiro e último capítulo, como já informado, é o de análise do objeto. Abre com uma contextualização das 18 crônicas escolhidas para o estudo, apresenta a lista e um pequeno resumo de todas elas (Quadro 1), diz algo sobre a biografia de Antonio Prata e, daí em diante, analisa, descreve e interpreta essas 18 crônicas, tendo como instrumentos os elementos teóricos trabalhados no segundo capítulo e a categoria política, isto é, da relação entre a crônica de Antonio Prata e a vida política nacional.

³ A pesquisa empírica é dedicada ao tratamento da "face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural" (DEMO, 2000, p. 21). A valorização desse tipo de pesquisa é pela "possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base fatural. O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática" (DEMO, 1994, p. 37).

Capítulo 1

UMA BREVE HISTÓRIA DA CRÔNICA NO BRASIL

Historicamente, a palavra crônica, como descreve Massaud Moisés (1992), origina-se do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*. O vocábulo “crônica” designava, já na Antiguidade, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. É nesse sentido, por exemplo, que o Judaísmo conservou os seus *Livros das Crônicas*, parte hoje da Bíblia (Antigo Testamento), com relatos dos feitos das famílias reais. “Situada entre os anais e a História”, escreve Moisés, a crônica “limitava-se a registrar os eventos sem aprofundá-los”, diz, continuado no mesmo parágrafo:

Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da História. A partir da Renascença, o termo “crônica” cedeu a vez a “História”, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo. Não obstante, o vocábulo ainda continuou a ser utilizado, no sentido histórico, ao longo do século XVI, como, por exemplo, nas *chronicle plays*, peças de teatro calçadas em assunto verídico, como não poucas de Shakespeare. (MOISÉS, 1992, p. 245).

Segundo Moisés, a designação crônica passa a ser empregada na imprensa a partir do século XIX. Liberto de sua conotação historicista ou historiográfica, o vocábulo assume sentido estritamente literário e, com a difusão da imprensa, a crônica adere ao jornal, via folhetim.

É em 1799, que o seu aparecimento ocorre, mercê dos *feuilletons* dados à estampa por Julien-Louis Geoffroy no *Journal de Débats*, que se publicava em Paris. Fazendo a crítica diária da atividade dramática, esse professor de Retórica na verdade cultivava uma forma ainda embrionária de crônica, evidente no fato de reunir os seus artigos em seis volumes, sob o título de *Cours de Littérature Dramatique* (1819-1820) (MOISÉS, 1992, p. 245).

A ideia atravessa o Atlântico, chega ao Brasil, encontrando “numerosos imitadores”. O termo francês foi traduzido por “folhetim”, e “não poucos escritores do

tempo, desde Alencar e atingindo o apogeu em Machado de Assis, cultivaram a nova modalidade de intervenção literária”. Com João do Rio, entre 1900 e 1920, no Rio de Janeiro, a crônica “alcança larga difusão e aceitação” (MOISÉS, 1992, p. 245). Tinha sido deixada para trás a ideia de crônica como a tentativa de transmitir com fidelidade um tempo que estava sendo vivido ou que se mostrava em documentos ainda recentes, num mundo em que não existiam jornais e cabia aos reis, com o auxílio de seus cronistas, zelar pela memória dos acontecimentos importantes (LOPEZ, 1992, p. 166).

Entre os séculos XIX e XX, os principais jornais e revistas do Brasil adotam o modelo do folhetim importado da França. O folhetim, como iremos ver adiante, havia surgido em 1836, por meio de um editor de sucesso em Paris, Émile Girardin, que pediu para alguns escritores produzirem narrativas de ficção para serem veiculadas e, assim, sem querer, descobriu nesse modelo um jeito de vender mais jornal.

O folhetim era a crônica, mas também novela ou romance quando publicados em jornal. Por seu lado, “a crônica exigia naturalmente participação direta e movimentada na vida mundana, de que era um eco ou o espelho na imprensa” (COUTINHO, 1999, p. 126), valendo mais uma vez ressaltar a contribuição de João do Rio (cujo nome real era Paulo Barreto) para a ampliação do espaço da crônica na imprensa. Nosso mestre da reportagem (MEDINA, 1988) se faz também promotor do espaço da crônica, a partir de seu contato direto com a rua, que deixou registrado em obras como *As religiões do rio*, *A alma encantadora da rua* e *Cinematographo: crônicas cariocas*. Até então, qualquer texto que não estivesse dentro das normas jornalísticas era publicado no rodapé dos jornais e enquadrado como folhetim.

Situado numa cidade em remodelação, a Rio de Janeiro do início do século XX que quer imitar Paris, João do Rio vive num momento fértil em que o jornal vai aos poucos assumindo na capital federal as prerrogativas da indústria cultural (MEDINA, 1988, p. 53). Repórter ou escritor, quem é João do Rio? “Pelo menos num aspecto os autores não levantam controvérsias: Paulo Barreto é o cronista e o repórter do 1900 no Rio de Janeiro, centro dessa atividade no Brasil da época” (MEDINA, 1988, p. 54). Afonso Lopes de Almeida deixa clara essa aproximação entre a crônica e a reportagem jornalística em João do Rio, a partir da rua e do cotidiano da cidade. “O cronista por excelência de 1900 brasileiro seria Paulo Barreto. E uma das principais inovações que ele trouxe para a nossa imprensa foi a de transformar a crônica em reportagem”, defende Almeida (apud MEDINA, 1988, p. 58).

A crônica que nos chega de Paris misturada com tudo o que cabe no modelo folhetim, e que depois se transforma para assumir as feições de um gênero próprio, é anterior a João do Rio e às inovações ocorridas no mundo do jornalismo do início do século XX. Antonio Candido identifica no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro as origens da crônica no Brasil, numa espécie de folhetim de rodapé largo, como numa seção de classificados. A seção compunha-se de uma espécie de artigo que habitualmente tratava de questões e acontecimentos do dia. Algo novo aconteceria com o escritor José de Alencar, que passou a comparecer toda semana a uma seção, e seus textos foram gradativamente tornando-se o comentário descompromissado, pessoal e diminuindo de tamanho, adotando o tom ligeiro. Assim teria começado a crônica, que floresceu em nosso país, ainda na visão de Antonio Candido (1992, p. 22), especialmente nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

No Brasil, “a febre do folhetim não tardou a contaminar a imprensa brasileira”, analisa Cristiane Costa (2005, p. 231). Esse modelo, segundo ela, foi um dos responsáveis pela formação do público leitor brasileiro, e a maioria dos principais escritores nacionais iria publicar seus romances em jornal. O primeiro deles foi José de Alencar, que, convidado por um amigo para ser folhetinista do *Correio Mercantil*, em 1854, passa a assinar a série “Ao correr da pena”. O segundo – mais tarde – seria Machado de Assis (COSTA, 2005, p. 233).

Voltando no tempo, sob o ponto de vista do surgimento desse gênero textual e editorial, o folhetim aparece nas páginas dos jornais franceses no século XIX, como apontamos, quando o proprietário do jornal *La Presse*, Émile de Girardin, junta-se a Dutacq, do jornal *Le Siècle*, para lançarem na parte inferior da página, ou seja, no rodapé de seus periódicos, textos de ficção curtos, ou textos de ficção mais extensos divididos em partes, como capítulos de uma série.

O objetivo comum desses editores ao inserir a nova seção na publicação dos jornais franceses era o de manter a fidelidade das assinaturas de seus leitores tradicionais e de ampliar a recepção do jornal, até então circunscrita às camadas mais abastadas da população, num período em que se amplia a urbanização da população e o acesso à alfabetização (GARCIA; FERREIRA, 2014, p. 108).

Nesses folhetins, jovens escreviam textos que originariam a crônica jornalística: “Eram tipo cães vadios, livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome de vale-tudo, a crônica” (MEYER, 1985, p. 22). De acordo com Brayner (1992, p. 407), os

textos: “durante um certo período da história eram assinados por anônimos ou com envergonhadas iniciais, pois à época a crônica era considerada ‘literatura pé-de-chinelo’.

No Brasil, dando razão à percepção de Antonio Candido, as primeiras crônicas foram inseridas no *Jornal do Commercio* a partir de outubro de 1838, revolucionando o jornalismo da época. Eram publicadas diariamente nos jornais da Corte, jornais esses que logo passaram a ser acompanhados pelos das províncias, alimentando o imaginário dos que já sabiam ler e dos que só sabiam ouvir, e garantindo a vida do jornal e dos periódicos (MEYER, 1985, p. 22).

O conceito geral é o do recém-nascido folhetim e, com grande força, a ideia de um romance quilométrico servido em fatias, picadinho, que dia após dia e por anos a fio ocupa um privilegiado rodapé dos jornais e depois das revistas. Neles se inseriam as crônicas, em meio ao noticiário político, pesado e mal distribuído, disposto em coluna com ínfima entrelinha e letra miúda, sendo o resto do espaço consumido por notícias comerciais, anúncios e pedidos, podendo as crônicas também estar colocadas em meio a bordados e culinárias nas seções femininas da época (MEYER, 1985, p. 40).

A propósito das tendências vindas da Europa, especialmente da França, e o surgimento da crônica, Moisés (1992) deixa claro em seus estudos que, no trânsito para os trópicos e sujeita ao curso do tempo, a crônica acaba por se assentar na imprensa brasileira. Mesmo que originária da França – como de resto tantas outras manifestações culturais ao longo do século XIX –, a crônica assume entre nós caráter *sui generis*. “Em outros termos, criou-se uma nova forma de crônica (ou se deu erroneamente esse rótulo a um gênero novo), que como tal nunca vingou entre os franceses. (MOISÉS, 1992, p.245).

No seguimento das ideias de Moisés (1992), ele diz que: “Podemos dizer que crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, imaginação etc., afastando-se do sentido de história, de documentário, que lhe emprestam os franceses:

Consequentemente, se gaulesa na origem, a crônica naturalizou-se brasileira, ou, mais precisamente, carioca. É certo que há cronistas, e de mérito, em vários Estados onde a atividade jornalística manifesta vibração algo mais do que noticiosa – mas também é certo que, pela quantidade, constância e qualidade de seus cultores, a crônica semelha um produto genuinamente carioca. E tal naturalização não se processou sem profunda metamorfose, que explica o entusiasmo com que alguns estudiosos defendem a cidadania brasileira da crônica: ao menos em relação à crônica dos nossos dias, tudo faz crer que raciocinam

corretamente. De qualquer modo, a crônica tal que se desenvolveu entre nós, parece não ter similar noutras literaturas, salvo por influência de nossos escritores (MOISÉS, 1992, p. 246).

Se carioca em suas origens, não se pode afirmar que a crônica contemporânea brasileira tenha suas raízes plantadas em algum estado específico da Nação. Sobre o pioneirismo da publicação de crônicas no Brasil, parece ser consenso que um lugar de destaque merece ser dado ao jornal *Espelho Diamantino*, a *O Carapuceiro* e ao *Correio da Moda*, confirmando a ideia de que não se deve entender a origem histórica de um gênero literário, jornalístico ou qualquer outro de forma simples e linear, uma vez que estamos trafegando no território da cultura.

A crônica brasileira tem uma cara própria, leve, bem-humorada, amorosa, com o pé na rua. Quase 150 anos depois de instaurada nos jornais, ela apresenta uma espetacular capacidade de se reinventar e se comunicar com o leitor. Literatura é tudo aquilo que permanece. O jornal *Espelho Diamantino*, produziu a partir de 1828 a pré-história, a crônica brasileira ao manter uma seção fixa para registrar os usos e costumes do período. O padre Lopes Gama, em *O Carapuceiro*, em 1832, e Martins Pena, no *Correio da Moda*, em 1839, confirmaram a necessidade editorial de registrar, comentar com verve, como desse na telha, o que se se via e ouvia pelas ruas (FERREIRA, 2017, p. 15).

Mas foi, mais uma vez, a partir de janeiro de 1854, quando José de Alencar publicaria o primeiro folhetim da série “Ao correr da pena”, no *Correio Mercantil*, que o gênero começou a ganhar aspecto semelhante aos dias de hoje. Alencar comentava com graça e leveza os acontecimentos da semana – a primeira corrida de Jockey Club, a missa do galo na Catedral – e fazia o casamento definitivo entre literatura e jornalismo. Em 1861, Joaquim Manuel de Macedo, autor do clássico *A moreninha*, daria uma contribuição valiosa ao cultivo do gênero, ao inventar um caminho perseguido ainda hoje pelos cronistas: o *flâneur*, o andarilho que comenta o que vê pelas calçadas. No *Jornal do Commercio*, em 44 textos sob o título “Um passeio”, ele simplesmente flanava pelo Rio de Janeiro.

Assim, José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, Zé e Joaquim, deixavam o gênero com pistas a serem percorridas pela multidão de cronistas dos séculos seguintes. Eles apostavam, como clausura primeira de sobrevivência, no abuso da subjetividade e na descontração do texto para criar peças que funcionavam como oásis de respiração e bom gosto no meio das crises e tragédias em geral reportadas pelo jornal (SANTOS, 2007, p. 15). Para o organizador de *As cem melhores crônicas brasileiras*, o fato escolhido como

tema da crônica era apenas um detalhe, “de total desimportância, só um pretexto reles para que o escritor, esse ‘vira-lata’ talentoso, viajasse a pena e desse um geral na humanidade” (SANTOS, 2007, p.15).

Santos conta como numa das crônicas de Machado de Assis sobre a crise financeira de agosto de 1896, uma flutuação cambial que desvaloriza a moeda brasileira, “Desencaixotando Machado”, a crônica de fato se dá “no detalhe, no mínimo, no escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada”, mas o cronista “puxa uma palavra daqui, uma reminiscência clássica dali, e coloca-se de pé uma obra delicada de observação absolutamente pessoal”. Está-se diante de um “falar à fresca”, como pedia “o bruxo do Cosme Velho”, e “muitas vezes uma crônica brilha, gloriosa, mesmo que o autor esteja declarando, como é comum, a falta de qualquer assunto (SANTOS, 2007, p. 15).

A respeito das origens históricas da crônica a partir do seu sentido original, ligado à historiografia, e depois sua transformação no espaço do folhetim e na sequência fora dele, José Marques de Melo (2003) confirma basicamente o que se afirmou até aqui. Ele recorda inicialmente o sentido original de narração cronológica de acontecimentos:

Do ponto de vista histórico, crônica efetivamente significa narração de fatos, de forma cronológica, como documento para a posteridade. A produção dos cronistas foi legitimada pela literatura que a recolheu como representativa da expressão de uma determinada época. É desta maneira que Hernani Cidade registra a obra de Azurara no conjunto da literatura portuguesa, chamando-o de “primeiro cronista das conquistas de além-mar” (MELO, 2003, p. 149).

É como folhetim que a crônica entra no jornalismo brasileiro, aponta Melo, esse “espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período”, como entende esse autor. A redação das matérias, sempre de acordo com Melo, era confiada a escritores, poetas e ficcionistas. Reportando-se a Afrânio Coutinho, Melo vê a origem do folhetim, no Brasil, com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. “Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompeia, Coelho Neto etc.” (MELO, 2003, p 152). Melo acrescenta informações importantes ao conceito de folhetim, explicitando que o folhetim de antigamente não era o mesmo que a crônica de hoje:

Era uma seção do jornal dedicada a assuntos variados – uma espécie de “bazar asiático” – reunindo comentários sobre os mais diferentes

assuntos. [...] Uma seção de miscelânea, que quebrava a rotina e o estilo pesado do jornal tradicional. Pouco a pouco, porém, o folhetim foi assumindo a característica que o tornaria um gênero autônomo no nosso jornalismo, desvencilhando-se da seção de variedades. Transmuda-se em crônica (MELO, 2003, p. 153).

Melo assume a posição de Antonio Candido sobre a década de 1930 como um período de definição e consolidação da crônica no Brasil, “como gênero bem nosso” (CANDIDO apud MELO, 2003, p. 153). Nos anos 1930, continua Candido (apud MELO, 2003, p. 154), “se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga”.

Assumindo esse marco histórico, Melo chama a atenção para dois episódios “que mudariam sensivelmente o panorama cultural brasileiro”, ambos decorrentes dos processos de urbanização e industrialização do País: a Semana de Arte Moderna e o desenvolvimento da imprensa.

A Semana de Arte Moderna de 1922, que inicia um movimento de brasilidade, levando a nossa literatura, seja na temática, seja na linguagem, a se aproximar da realidade nacional. É sobretudo no plano da linguagem que esse movimento influencia a imprensa brasileira, fazendo-a abandonar o velho estilo discursivo dos bacharéis para descobrir a simplicidade e a clareza da linguagem coloquial. Se a crônica já havia, no final do século XIX, esboçado reação no terreno linguístico, ela não consegue impregnar o jornalismo como um todo. Depois de 1922, não. Observaremos uma mudança nos padrões do estilo jornalístico (MELO, 2003, p. 154).

Melo se apoia, nesse seu comentário, nos estudos de Néelson Werneck Sodré sobre a história da imprensa no Brasil. E aponta na sequência o segundo episódio que teria favorecida a consolidação do gênero crônica jornalística no Brasil:

O desenvolvimento da imprensa, pois nesse período os jornais diários das grandes cidades assumem feições empresariais, tornando-se mais dinâmicos, ampliando seu público leitor, incorporando a agilidade da moderna imprensa europeia e norte-americana. Essa revolução da imprensa conduz a uma diversificação do conteúdo e à ampliação das seções permanentes para atender a um público leitor mais exigente (a emergente classe média). Nesse quadro, a crônica adquire um lugar especial. E o cronista é um intérprete das mutações que dão nova fisionomia à sociedade brasileira (MELO, 2003, p. 154-155).

1.1. Machado de Assis, um pioneiro do gênero

É improvável que possa haver alguma sensível discordância entre os autores sobre o fato de que a crônica jornalística assume personalidade de gênero com um dos maiores nomes das Letras nacionais, Machado de Assis, ele que, “ao praticar esse gênero, confessava-se escrevendo ‘brasileiro’”, como aponta Melo (2003, p. 153). Com 20 anos de idade, em 1859, Machado de Assis começa a escrever crônicas, conhecidas como “Aquarelas”, em *O espelho*, uma revista de literatura, modas, indústrias e arte. Ali ele inicia sua longa trajetória de cronista, que dura até 1900, exatamente quatro décadas, “onipresente com as suas crônicas, a ocupar aquele respirador artificial do jornal, colocado meio a tanta matéria política pesada, mal distribuída, disposta em colunas de infinita entrelinha e letra miúda” (BRAYNER, 1992, p. 407).

Depois dessa fase, Machado de Assis, escreve efetivamente crônicas por quatro décadas para o *Diário do Rio de Janeiro* (1860-1867), *A Semana Ilustrada* (1876-1878), *O Futuro* (1862), *Ilustração Brasileira* (1876-1878), *O Cruzeiro* (1878) e *Gazeta de Notícias* (1883-1897). Nesse trânsito entre veículos, fez uso constante de pseudônimos, uma das características de seu tempo. Uma de suas crônicas fala exatamente sobre o gênero. Machado de Assis cria um texto crítico, com o título de “O nascimento da crônica, no qual revela, por meio de processo metalinguístico, o ensino-aprendizagem da produção de uma boa crônica:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica. Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas (ASSIS, 1877, p. 27).

E, não obstante, Machado continua a sua aula de como fazer uma crônica aprofundando-se didaticamente na feitura de um texto do gênero, com desenvoltura:

[...] Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano. Não

posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coletânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor [...] Eis a origem da crônica [...] Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido! Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não fazia àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia? (ASSIS, 1877, p. 27).

O escritor teoriza sobre o melhor modo de se produzir uma crônica e o faz numa única narrativa, apresentando a origem de um estilo que contempla o cotidiano e as circunstâncias com seus fatos triviais, e com um certo didatismo Machado de Assis ensina ao mesmo tempo em que produz o que ensina com o método de quem domina a técnica. Cronista regular da imprensa carioca de seu tempo, foi um criador – apesar de sempre assinar suas crônicas com pseudônimos –, com outros de seu tempo, de um modelo comum à época, desse tipo de texto denominado crônica. Pouco a pouco, foi construindo algo que ultrapassaria a barreira do estilo para se consagrar como um modo de produzir a crônica política brasileira

A propósito, Afrânio Coutinho diz que a crônica, no Brasil, como apontamos, adquiriu personalidade com o escritor e que isso exigia para o cronista uma “participação direta e movimentada na vida mundana – reuniões da sociedade, teatro, parlamento”, o que induzia “o cronista a incorporar a linguagem coloquial à sua narrativa, abandonando pouco a pouco o estilo empolado e discursivo da prosa jornalística e literária de então” (COUTINHO, 2003, p. 153).

Margarida de Souza Neves, num de seus artigos sobre história da crônica, também faz longas referências a Machado de Assis, citando igualmente “O nascimento da crônica” e ressaltando “a ironia comum nos textos do autor”, além de outras particularidades:

São muitas as invenções que povoam o cotidiano dos cariocas na virada do século XIX para o Século XX. A crônica, na sua acepção moderna, é uma delas. Percorrendo, com os olhos da história, esses textos breves e saborosos que passam a ocupar na grande imprensa (outra das novidades do tempo) o espaço anteriormente ocupado pelo folhetim,

constituiu-se um prazer e uma árdua tarefa. Sem dúvida, a riqueza do comentário imediato sobre a vida da cidade, aliado à qualidade literária inquestionável de alguns cronistas, dilui as fronteiras entre o prazer e o ofício para o historiador que se aventure a explorar essa particular documentação (NEVES, 1992, p. 76).

Ao lado de Machado de Assis figura o escritor Lima Barreto, que escrevia suas crônicas em *A Gazeta da Tarde*. Barreto tornou-se um dos cronistas de importância para a crônica nessa nova imprensa de modelo parisiense.

A relevância da crônica, reconhecidamente um *gênero menor* no parecer dos críticos literários, para a época em questão pode ser inferida pelo fato inquestionável de ter sido um modelo de narrativa largamente utilizado pelos intelectuais da época como por todos aqueles que aspiravam a viver das letras. Assim, Machado de Assis deixou-nos sua visão do seu tempo vivido, sempre atravessada por esse magnífico amálgama de ceticismo e humor que lhe é característico, em crônicas que abarcam um longo período que se estende de 1859 a 1897 (NEVES, 1992, p. 77).

Além de Machado de Assis e Lima Barreto, outros cronistas de seu tempo deixavam gravadas, no que se tornou praticamente um “gênero compulsório da época”, suas visões sobre este que foi também um período efervescente da vida carioca. “A crônica, pela própria etimologia *chronu/crônica* – que vem do grego –, é um gênero colado ao tempo e na sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais (NEVES, 1992, p. 77).

Essas crônicas incorporam uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. Num e noutro caso a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido de formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito de formas diversas, o tempo feito texto. Não fosse senão por esta razão, já seria justo que delas se ocupassem os historiadores (NEVES, 1992, p. 82).

Meyer lembra que, em 1859, Machado de Assis, como dissemos no início desta seção, então com 20 anos, era considerado um prosador novato, e que a crônica servia a vários propósitos. “Era volúvel e heterogênea, enquanto gênero, e era vista com um repertório de invariantes formais ou temáticas, mas como um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias” (MEYER, 1985, p. 93).

Neves (1992, p. 83), por sua vez, aponta as modificações relativas às formas pelas quais passam a literatura em geral e a crônica em particular. Ao assinalar os pontos de inflexão do gênero crônica entre 1870 e 1920, sublinha a profissionalização do jornalismo; a construção, nos parâmetros da época, de um público de massa; e a incorporação dos meios técnicos na produção literária, para além da técnica como tema e da incorporação da linguagem e do estilo das inovações da época à própria escrita literária.

Em publicação cujo título é *Cinematógrafo de Letras*, um neologismo retirado de uma crônica de João do Rio, a autora sublinha a proximidade das transformações das crônicas na virada do século às inovações técnicas que encantam a cidade, inclusive a fotografia e sua influência na técnica de redação.

A crônica, ao invés de um quase diário cheio de confissões e impressões pessoais ou de um jogo ininterrupto com preciosismos e ornamentação retóricas, deixa de competir com a imagem visual. Descarta o ornato. E toma a técnica o que lhe serve. Seca a própria linguagem e passa a trabalhar com uma concisão maior e consciência precisa da urgência e do espaço jornalístico (NEVES, 1992, p. 84).

Em *A crônica*, João Roberto Faria lembra que “entre o jornalismo e a literatura muitos escritores brasileiros do século XIX exercitavam em jornais antes de estrear propriamente como poetas, romancistas ou dramaturgos, escrevendo crônicas” (FARIA, 1992, p. 303). A recém-surgida profissão de jornalista consolidava-se como uma opção inclusive para eventuais pretensões artísticas.

Os jovens talentosos que são excluídos de qualquer carreira política por falta de meios dedicam-se ao jornalismo; agora é este o ponto de partida e a forma típica de uma carreira literária. Como jornalistas, não só constroem uma ponte para o mundo da política e da verdadeira literatura, como, muitas vezes, alcançam uma influência considerável, proventos e reputação através do próprio jornalismo (HAUSER, 1972, p. 892).⁴

Um deles, José de Alencar, começou sua carreira literária aos 25 anos de idade, como folhetinista do *Correio Mercantil*, entre 3 de setembro de 1854 e 8 de julho de 1855, onde escreveu a primeira série dos folhetins semanais, intitulada “Ao correr da pena”, que

⁴ Melo (2003, p. 153): “Os historiadores literários explicam que os escritores da época, não tendo condições de viver da literatura, recorriam à imprensa como fonte de sustentação. A imprensa pagava mal, mas pagava em dia. E era também uma oportunidade para que os homens de letras conquistassem um público permanente”.

projetou o seu nome no meio intelectual e social do Rio de Janeiro, então capital do Império. “A importância desses textos para se traçar o perfil intelectual de Alencar, ou mesmo para se perceber sua evolução como escritor, foi assinalada primeiramente por José Maria Vaz Pinto Coelho, já em 1874, quando reuniu as crônicas de Alencar em um livro” (FARIA, 1992, p. 303). No *Jornal do Commercio*, em 44 textos sob o título “Um passeio”, José de Alencar simplesmente flanava pelo Rio de Janeiro (SANTOS, 2007, p. 15), e o tema do *flâneur* nos conduz ao próximo tópico de nossas breves considerações sobre a história da crônica jornalística.

1.2 O *flâneur* inspira crônicas em Paris com reflexos no Brasil

Na literatura sobre o tema, a ideia de *flâneur* lembra quase sempre Walter Benjamin, para quem o termo representou uma evolução do capitalismo na modernidade e, em especial, pode-se afirmar, uma evolução para os apreciadores de escrever crônicas. Paula Tárzia Fonteles Silva e José Expedito Passos Lima comentam que Benjamin, em *Paris, a capital do século XIX*, trata da “modernidade no seu momento mais significativo e em processo de expansão. Ele mostra a transformação da cidade em metrópole, “identificando as suas consequências junto aos seus habitantes, a cultura, a arquitetura, a moda e a arte” (SILVA; LIMA, 2008, p. 75).

Segundo os autores (2008, p. 76), Benjamin apresenta o processo de modelação das cidades modernas com base na produção industrial. Demonstra como a burguesia mobiliza o proletariado em torno do próprio fetiche, visto que o embelezamento urbano acaba por inibir o avanço do proletariado, apresentando os falsos benefícios do modelo de vida burguês.

Benjamin, aborda os comportamentos sociais – até hoje presentes, e a questão das compras de “mercadorias” como sonho coletivo, que o capitalismo do século XIX produziu em meio ao caráter de fetiche, que remetia essa sociedade ao apego à publicidade, às arquiteturas e às práticas sociais. Diante disso, as imagens do *flâneur* são típicas do cenário urbano de Paris e essenciais para o autor exprimir um cenário daquilo que ele entende de modernidade em seu tempo. No caso, a mercadoria não poderá nunca ser simplesmente objeto (de uso ou de troca), pois lhe é inerente um poder, que a coloca num status interpretado como um “inconsciente coletivo”. Assim, no que diz respeito ao valor de uso e ao valor de troca, ele acrescenta aquilo que podemos definir “valor de exposição” (SILVA; LIMA, 2008, p. 76).

Benjamin considera que a rua se torna moradia para o *flâneur*, que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Ele explica que os letreiros esmaltados e brilhantes das companhias tornaram-se um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivania onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho observa o ambiente (SILVA; LIMA, 2008, p. 76).

Em “*A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin*”, Martha D’Angelo lembra que, na França, o espaço urbano parisiense começa a ser planejado e reorganizado por Haussmann. As transformações realizadas por ele levaram Benjamin a dizer que nessa época Paris se torna “uma cidade estranha para os próprios parisienses”. Conciliando interesses do Estado e dos grandes grupos financeiros, Haussmann consegue implantar sua política de urbanização, fugindo de uma normatividade marcada pela polarização do homem e do cidadão (D’ANGELO, 2006, p. 242).

Por seu turno, o poeta Baudelaire veste a máscara do *flâneur*, resistindo à divisão esquizofrênica do espaço moderno: “Ele é ator e espectador ao mesmo tempo, como a prostituta, que em hipostática união é vendedora e mercadoria” (BENJAMIN, 1991, p. 40). Embora não existe sem a multidão, o *flâneur* não se deixa confundir com ela, aponta D’Angelo. Ele se sente à vontade no espaço público. Caminha no meio da multidão como se personalidade fosse “desafiando a divisão do trabalho, negando a operosidade e a eficiência do especialista”:

Submetido ao ritmo de seu próprio devaneio, ele sobrepõe o ócio ao “lazer” e resiste ao tempo matematizado da indústria. A versatilidade e mobilidade do *flâneur* no interior da cidade dão a ele um sentimento de poder e a ilusão de estar isento de condicionamentos históricos e sociais. Por isso, ele parte para o mercado, imaginando que é só para dar uma olhada. As fantasmagorias do espaço a que o *flâneur* se entrega, tentando conquistar simbolicamente a rua, escondem a “mágica” que transforma o pequeno burguês em proletário, o poeta em assalariado, o ser humano em mercadoria, o orgânico no inorgânico. Mas a *flânerie* de Baudelaire guarda uma certa consciência de sua própria fragilidade. O efeito narcotizante que a multidão exerce sobre o *flâneur* é o mesmo que a mercadoria exerce sobre a multidão (D’ANGELO, 2006, p. 242).

No Brasil, o *flâneur* também obedeceria a uma lógica de produção burguesa, de uma literatura sem grandes sobressaltos e sem personagens reais ou oficiais – era o observador de costumes essencial para a produção dos *folhetins*, revelando “a mesma finura de observação, a ironia piedosa e cética que marcam a sua visão de mundo, tal como expressam os seus romances e contos” (COUTINHO, 1999, p. 125), num momento em que a crônica conquista sua forma definitiva. “Dispondo de maior espaço o jornal se enriquece de atrativos”, e, ao lado do noticiário, do grave artigo de fundo e das seções ordinárias, “transforma a crônica em matéria cotidiana, como recreio do espírito, amável e brilhante cintilação de inteligência” (COUTINHO, 1999, p. 123)

Dessa maneira, a crônica surge em momentos de disputas políticas com o propósito de entreter e “apimentar” alguns fatos da semana, ou do mês, com o propósito de tornar fácil a sua leitura para todos os públicos. “Quase sempre visava o mundo feminino, criando, em consequência, um ambiente de finura e civilidade, na imprensa, que exerceu sensível efeito sobre o progresso e o refinamento da vida social brasileira” (COUTINHO, 1999, p. 123). O autor (1999, p. 125) lembra que, aos poucos, foram os homens das letras que passaram pelas crônicas: “Os cronistas foram também os primeiros romancistas, notando-se que o romance urbano ou de costumes era por assim dizer um desenvolvimento natural da crônica”.

Escrever crônica era um passo para se chegar a um romance. Esse fenômeno de hibridismo, isto é, a crônica ou folhetim desdobrada em romance, mas deixando transparecer as suas características, seja no estilo nervoso do escritor, seja no trecho de um ou outro capítulo, tornou-se mais ou menos comum naquela altura do século. Para isso concorreu naturalmente a circunstância de que ambos os gêneros iam convergir nos jornais sob o mesmo título geral de folhetim (COUTINHO, 1999, p. 125).

Em “Imagens de Paris nos trópicos”, Angela F. Perricone Pastura (2014) mostra alguns dos principais vetores que trouxeram o *flâneur* para o Rio de Janeiro, importado de Paris, no contexto do conceito propagado por Charles Baudelaire e Walter Benjamin – do transeunte para quem a rua não é um lugar de passagem, mas de vida, observação e prazer. A autora fala sobre a força do *flâneur* na engenharia urbana, bem como sobre a influência da cultura francesa na elite carioca no século XIX, assim como a sua força na imprensa, por exemplo (cita o caso do cronista João do Rio, apreciador da cultura, da

moda e da vida social francesa), a disseminação da cultura francesa nas escolas, a atração exercida pelo idioma.

João do Rio, sobre quem já falamos no texto introdutório deste capítulo, ou Paulo Barreto, jornalista e escritor, levou o conceito do *flâneur* para as redações, tirando o repórter de dentro da redação e o levando para as ruas. “Com ele, a crônica deixa de ser o registro amudado do cotidiano ou laboratório narrativo do romancista para se transformar em algo independente: a reportagem, o inquérito”, analisa Raul Antelo (apud PASTURA, 2014, p. 13). Focado no que se fazia e acontecia na Europa, nosso *flâneur* carioca produz os seus escritos “para uma cidade que ingressava na modernidade”, considera Pastura, que continua:

Tentar compreendê-lo é evidenciar as suas contradições: de um lado, o repórter nas ruas, que retrata as misérias populares, e, de outro, o povo humilde que nelas vivia, e o cronista de um mundo chic, da parte refinada da sociedade, em textos publicados na coluna “O Cinematógrafo” da *Gazeta de Notícias*, ou nas crônicas mundanas no Pall-Mall do Rio (PASTURA, 2014, p.13).

Mas, segundo Pastura, ele soube muito bem escrever para todas as pessoas, dos miseráveis das ruas às camadas chiques da sociedade.

Fixados em traços gerais, reunidos em crônicas, reportagens e livros, é possível se desvendar a alma do Rio da época. Especialmente nos textos de crônicas que deixou que podem ser vistas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; sobretudo por inserirem-se num gênero híbrido de documento e literatura, permitem perceber o efêmero do cotidiano urbano, que ele fixa. Sua crônica mimetiza o *flâneur* textual, a exemplo de “*A Rua*”, texto que flana ao dirigir-se o olhar para a vida urbana carioca e seus signos (PASTURA, 2014, p. 17).

1.3 Antonio Candido e a história do gênero

Antonio Candido destaca, no texto de abertura de *A vida ao rés-do-chão*, que a crônica nasceu com o jornal, mas só quando este se tornou diário, com tiragem relativamente grande, é que se virou, um gênero acessível a todos. Em sua visão:

A crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse”. Mas aí vem a segunda parte,

que é importante para o nosso estudo das características do gênero: “Graças a Deus – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós” (CANDIDO, 1992, p. 13-14).

Na visão de Candido (1992), no Brasil, a crônica tem uma história positiva, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, quer pela naturalidade, que se aclimatou no Brasil, quer pela originalidade. De uma proposta de informar e comentar, deixada – segundo ele – a outros tipos de jornalismo, a crônica, virou entretenimento. Paralelamente, a sua linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política:

Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. No século passado, em José de Alencar e em Machado de Assis, ainda se notava o corte de artigo leve, já em João do Rio (1881-1921), percebemos a inclinação para o humor e o sarcasmo, que contrabalançam um pouco a tara do esnobismo (CANDIDO, 1992, p. 16).

Nunca é demais insistir que neste ponto do nosso trabalho, ao contemplar por diversos caminhos os aspectos mais importantes da breve história do gênero, que estamos traçando, estamos ao mesmo tempo em vários aspectos, levantando por meio da atenção à voz de cronistas e de estudiosos da crônica, as principais marcas formais e estilísticas do gênero. Nem poderia ser diferente, uma vez que abordar a história da crônica é também se ocupar com os modos como esse gênero foi se configurando ao longo do tempo – e assim chamamos de novo a atenção para uma observação, já feita anteriormente, sobre o dinamismo desse e de qualquer outro gênero, com uma vantagem talvez para a crônica, uma vez que esse gênero, como tem sido apontado, nasce diretamente do contato com o miúdo da vida, do contato com a vida, da *flânerie*, em suma, da própria vida em movimento.

Voltando a Antonio Candido, ele dá um exemplo das mudanças operadas, ao dizer que “a leitura de Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos exagerados”. O autor continua:

Nas crônicas não parecia caber uma sintaxe rebuscada, com inversões frequentes; nem o vocabulário opulento como se dizia, para significar que era variado, do sinônimos e palavras tão raras quanto soantes. Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a

crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias (CANDIDO, 1992, p. 16).

Como adiantamos, na visão de Cândido, a crônica moderna definiu-se e consolidou-se na década de 1930, como um gênero bem ao estilo do brasileiro e cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, a exemplo de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, além de um, Rubem Braga, “que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero”, como também já trouxemos, ao nos concentrar, parágrafos antes, na análise de José Marques de Melo sobre o tema. Prossegue Antonio Cândido, no mesmo trecho:

Tanto em Drummond quanto nele [Rubem Braga] observamos um traço que não é raro na configuração da moderna crônica brasileira: no estilo, a confluência da tradição, digamos clássica, com a prosa modernista. Essa fórmula foi bem manipulada em Minas (onde Rubem Braga viveu alguns anos decisivos da vida); e dela se beneficiaram os que surgiram nos anos 40 e 50, como Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. É como se (imaginemos) a linguagem seca e límpida de Manuel Bandeira, coloquial e corretíssima, se misturasse ao ritmo falado de Mário de Andrade, com uma pitada do arcaísmo programado pelos mineiros. Neles todos e alguns outros, como por exemplo, Raquel de Queirós, há um traço comum: deixar comentários mais ou menos argumentativos e expositivos para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas (CANDIDO, 1992, p. 16-17).

Vamos guardar com atenção para mais adiante essa ideia do “ritmo falado”, ou essa outra ideia, que lhe é próxima, de “conversa aparentemente fiada”, ou, ainda, essa impressão deixada pela crônica, de pôr “de lado qualquer seriedade nos problemas”. Adiantemos que essas características ou possibilidades estilísticas se fazem presentes, sem maiores dificuldades de identificação por parte do pesquisador, em um cronista moderno como Antonio Prata, objeto de nosso estudo no terceiro capítulo. A razão parece simples: há um gênero chamado crônica no Brasil, que vem evoluindo desde a metade do século XIX, com José de Alencar, Machado de Assis e outros, com uma tradição histórica, com as suas marcas, com os seus modos de produção – e o cronista sabe disso, e dentro desse contexto maior, ele se inventa e reinventa a cada dia.

Mas voltemos ao mestre Antonio Candido, perseguindo com sua ajuda o mapa da mina. Ele avalia que uma crônica pode relatar coisas mais sérias e empenhadas, simulando uma espécie de “zigzague de uma aparente conversa fiada”, mas igualmente entoar conteúdos sérios, mesclado com coisas alegres da vida, por meio de relatos de fatos e de

tipos humanos, formando um registro inesperado daquilo que surge de repente, e que o cronista procura captar:

Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco de sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio. Parece às vezes que escrever crônica obriga a uma certa comunhão. Produz um ar de família que aproxima os autores acima da sua singularidade e das suas diferenças. (CANDIDO, 1992, p. 21).

Essa possibilidade, que a crônica apresenta, de colocar numa mesma roda de conversa o sério e o hilário, a comédia e a tragédia humana, contribui para alçar o gênero num patamar humano mais profundo, que é o mundo do sonho, da imaginação, da luta pelos significados da vida, a busca por comunhão, acima das singularidades e diferenças entre os indivíduos. É Antonio Candido mesmo quem faz essas considerações no texto citado. Refletindo mais profundamente sobre o assunto, poderíamos imaginar que é o lado arte da crônica – seu namoro com a literatura e a ficção –, mais do que a sua vinculação ao mundo do jornalismo, que nos projeta, por meio da leitura da crônica, no mundo do humano como espécie, com suas alegrias e dores comuns.

Em mais de um momento deste nosso trabalho, embora o tema não vá ser aprofundado para não fugirmos aos objetivos desta nossa pesquisa, ressoa a ideia de que é esse “capital simbólico” (vamos introduzir aqui o conceito de Pierre Bourdieu, de resto reconhecido na academia) que dá à crônica, mais do que a uma notícia e mais até mesmo que uma (boa) reportagem, o seu caráter de perenidade.

Continuando de onde paramos, Antonio Candido avalia, entretanto, que cada autor cronista impõe um toque pessoal ao seu trabalho, considerando suas ideologias e o seu jeito pessoal de encarar a vida. Mas, para ele, apenas um deles é cronista puro. Ele elenca nessa restrita “pureza” o cronista Rubem Braga. Ele insiste na “força da crônica brasileira”, para além dos estilos dos autores – em sua “capacidade de traçar o perfil do mundo e dos homens” (CANDIDO, 1992, p. 22).

Se atentarmos bem para essa capacidade, e de novo avançando o sinal para pensar lá na frente, no terceiro capítulo, a respeito da crônica de Antonio Prata inserida no movimento político nacional dos anos 2013-2018, parece desde logo possível imaginar, com base nos estudos e apontamentos de Antonio Candido, a contribuição importante da crônica atual do nosso autor para o traçado do “perfil do mundo e dos homens”, o perfil

político do Brasil no confronto com os seus monstros e em busca de saídas para as suas muitas crises. Mas isso, como dizíamos, é assunto para depois.

1.4 Cronistas que marcaram época

Como vimos até aqui nesse nosso breve excuro pela história desse gênero de escrita, as crônicas começaram a ser escritas no Brasil no século XVIII, com a expansão da imprensa. Nessa época surgiram os primeiros cronistas brasileiros, a exemplo de José de Alencar, Machado de Assis, João do Rio, entre outros.

Mas, como também vimos, em parte, foi ao longo do século XX que a crônica se firmou no País com feições e posturas próprias. A chamada crônica moderna nasce pelas mãos de um grande número de bons cronistas, nomes de gente mais antiga e também de gente mais próxima a nós, como Rachel de Queiróz, Nelson Rodrigues, Mário de Andrade, Fernando Sabino, Lima Barreto, Carlos Heitor Cony, Luís Fernando Veríssimo, Clarice Lispector, Humberto Werneck, Mario Prata, Paulo Francis e tantos outros, incluindo nessa lista incompleta o nome do próprio cronista atual que iremos estudar no terceiro capítulo, Antonio Prata.

Seria muito bom estudar a produção de cada um deles e sua contribuição para a história do gênero. Não temos condições, e também fugiria aos objetivos deste trabalho fazer uma coisa assim. Elegemos três cronistas para um estudo na linha que estamos indicando: Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga e Lourenço Diaféria. Toda escolha implica deixar de lado as coisas que não são escolhidas. O risco de se cometer injustiças está sempre presente. Tanto mais quando essa escolha não está fundada, como no nosso caso, em critérios muito sérios e objetivos. Digamos que os três foram escolhidos porque representam tantos outros, e que ao falar deles – respeitadas as idiosincrasias de cada autor – estaremos também falando dos demais e do gênero crônica, como ela se entende e como ela é produzida.

1.4.1 Carlos Drummond de Andrade

O poeta e também cronista Drummond nasceu na cidade mineira de Itabira, e assim que chegou em Belo Horizonte em 1920, passou a integrar o grupo Literário Modernista da cidade, que era integrado por nomes da literatura, da poesia e do jornalismo. Sua

carreira como cronista deu-se em grande parte no *Correio da Manhã*, onde escreveria suas crônicas entre 1954 e 1968 numa seção que tinha o título de “Imagens – Tanto as do seu Bairro, quanto as do Mundo e do Homem. Depois manteve-se como cronista no Caderno B do *Jornal do Brasil* (LEÃO, 1982, p. 7).

Voltemos a ouvir Marques de Melo, quando ele chama mais de uma vez a atenção para a importância das Semana de Arte Moderna de 1922 para a configuração do gênero da crônica jornalística no Brasil:

Vale ressaltar que, após a Semana de Arte Moderna de 1922, a crônica assume feição de gênero tipicamente nacional e, mais precisamente na década de 30, emergem cronistas de respeito, com basicamente duas faces: a crônica de costume, que se valia de fatos do cotidiano como fonte de inspiração para um relato poético ou descrição literária; e a crônica moderna, que figura no corpo do jornal, como matéria ligada ao espírito da edição noticiosa (MELO, 2003, p. 106).

A Semana de Arte Moderna, sempre na visão de Melo, promoveu a partir de São Paulo e do Rio de Janeiro uma revolução e renovação literária que se propagou pelo Brasil – já então, um país em relativo desenvolvimento e que passava por um ciclo de prosperidade econômica –, gerando repercussões em grupos, revistas, jornais, produzindo intercâmbios e alternativas mais vivas e criadoras. É sob esse signo de prosperidade das letras que Drummond evoluiu, não apenas com a sua poesia refinada, mas também com as suas crônicas.

Aliás, falando sobre o gênero, ele chegou certa vez a reclamar em carta aos seus leitores um espaço para as “frivolidades” do cronista, reivindicando junto aos jornais um “espaço descompromissado”, uma vez que “o jornal já está cheio de assuntos graves e que o inútil tem a sua forma particular de utilidade”. No jogo duplo de sentidos entre sério e frívolo, útil e inútil, mostrando que o jornal e o leitor do jornal precisam desse frívolo que não é frívolo e desse inútil que é útil, prossegue Drummond, em texto citado por Melo (2003, p. 155), cobrando “a pausa, o descanso, o refrigério” e criticando “o desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida”. “Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por ser tornar uma utilidade”.

Jorge de Sá, referindo-se ao poeta e também cronista, argumenta que dizer que a poesia de Drummond está presente em suas crônicas não passa de redundância. Porque, afinal, “em tudo o que ele escreve – seja sob a forma de poema, seja a de narrativa curta

– existe a magia da síntese, o ritmo adequado, o jogo de imagens e o fino humor que nos revela o desgaste da vida e a sua renovação”. O autor segue em frente, no mesmo trecho:

Mas o fato de ser um dos maiores poetas brasileiros não o obriga a fazer poesia quando escreve prosa. Se isso acontece é porque Drummond conhece bem os deslimites do gênero e, além disso, ele sabe que a crônica também tem a sua musa, conforme ele mesmo afirma em *A loja fechou*. Nessa crônica ele coloca todo um “canto plangente”, sob a proteção de sua divindade inspiradora específica, que vem em forma de narrativa sem perder a condição básica de imagem poética: a conciliação entre o objeto nomeado. Tal qual como em *O camiseiro*, cujo leitor de hoje talvez nem saiba da existência da loja O Camiseiro e, por isso, não visualizará o prédio em si, explica, acrescentando que, entretanto, a medida em que for lendo a crônica, construirá no seu imaginário o próprio ser da loja, que tanto marcou a memória do Rio de Janeiro. Assim, a nênia, canto de morte – funciona como um canto de vida, reconstruída pelo escritor (SÁ, 1987, p. 65-66).

Na introdução de um de seus livros, *Cadeira de balanço*, uma coletânea de crônicas de Drummond, Angela Vaz Leão, depois de dizer que considera Drummond um tímido e que talvez por isso exija explicações, justifica por que reúne suas crônicas em uma publicação com o nome de um móvel que reflete a tradição brasileira, um móvel que, antigo, não fica mal em apartamento moderno. “Favorece o repouso e estimula a contemplação serena da vida, sem abolir o prazer do movimento. Assim, quem nela se instala poderá ler as páginas mais a seu conforto”, ela diz, convidando o leitor a sentar (LEÃO, 1982, p. 12). A cadeira de balanço, podemos dizer, ocupa no pensamento da autora sobre a crônica a ideia de fruição. Uma notícia não chama para a fruição, mas uma crônica, sim. Tanto mais quando se trata de um cronista-poeta, como Drummond.

A autora avalia que, nas crônicas de Drummond, o que chama a atenção é um certo ar desconfiado que não avança afirmativas, ou melhor, que desestimula suas afirmativas sob a aparência da negação. Mas é bom não se deixar enganar, ela avisa, porque “atrás da desconfiança e da timidez está a certeza de quem sabe o que quer, de quem se impõe um programa”. Mas será que há mesmo um programa?, ela pergunta, como para chamar a atenção para a complexidade da crônica e da própria vida em que a crônica se escora. A resposta, é melhor que venha em forma de outra pergunta: “Haverá programa num ciclo que reúne crônicas escritas ao sabor das situações, motivadas por um cotidiano tão variado e tão precário como a própria vida? (LEÃO, 1982, p. 4).

Vaz Leão (1982) pontua que o livro se compõe de doze pequenas crônicas dentro de um bloco denominado “Historinhas que acabam antes de começar”. Em seguida vem

o bloco “A vida de qualquer um”, com mais quinze crônicas. Segue para “Figuras que a gente encontra”, com dez, e “Cariocas”, com dezessete. Constam ainda os blocos “Política mais ou menos”, com sete crônicas, “Os marcados”, onze, “Correspondência particular”, três e, finalmente, “Extra”, uma única crônica, sendo que nestas últimas, Drummond, alcança, pessoas que ama, com as quais sente a necessidade de se comunicar. Assim, em “Velho feito baraúna e nervos”, em que conversa com o pai morto, sem interferência de espaço e tempo.

Também na vida de Drummond aparece o tema dos pseudônimos, comum entre cronistas, e que talvez merecesse um estudo à parte. No artigo “Crônicas de um falso Drummond”, Rita de Cassia Barbosa dá conta de que Drummond e Antônio Crispim eram a mesma pessoa em algumas crônicas.

Ainda não se prestou devida atenção ao fato de que, oculto sob o nome de Antônio Crispim, há um Drummond que desempenha a função de cronista entre 23 de março de 1930 e 20 de setembro de 1931, escrevendo para o *Minas Gerais*, de Belo Horizonte. Durante esse período, uma única vez aparece grafada a assinatura Carlos Drummond de Andrade, ocasião em que se faz a apreciação de *Libertinagem*, de Manuel Bandeira. E Antônio Crispim foi, voluntariamente, um pseudônimo banal, um sujeito igual aos outros sem pretensões de destacar-se (BARBOSA, 1983, p. 117).

Na verdade, Drummond mesmo disse achar isso necessário, que precisava de um nome qualquer para assinar suas coisas no *Minas Gerais*, o diário oficial do estado, para onde ele se transferiu, deixando o *Diário*. “Levei comigo o pseudônimo que já usava nesse. O jornal oficial, mais grave, permitia menos brincadeiras literárias e o tipo de crônica nele praticado por mim já era uma concessão benévola de um diretor generoso”, contou certa vez. (BARBOSA, 1983, p. 117). De fato, Antônio Crispim estreia no *Diário de Minas* em 1923 e ali, até 1929, exerce com relativa regularidade a função de cronista, veiculando ainda poemas, uma reportagem e uns poucos artigos. Até mesmo os periódicos mineiros modernistas *A Revista* e *Leite Criolo* chegam a abrigar colaborações de Crispim, bem como a revista carioca *Fon-Fon* (BARBOSA, 1983, p. 117). Assim, Drummond cria um personagem, fazendo-o autor de suas crônicas, Antônio Crispim, “um sujeito igual aos outros”. Revela-se aí, a visão da autora, o propósito de Drummond de se fazer passar por uma pessoa simples, próxima do leitor.

Nesse jogo imbricado entre disfarce e personagem, constroem-se as crônicas. Dando predominância ora a um ora a outra, persiste sempre a

preocupação do autor em ser alguém que observa e discorre sobre o que se passa a sua volta a partir de uma ótica que não a do eu-escritor. E essa intenção de ocultamento de si vê-se confirmada pela única vez em que o autor do texto sobre *Libertinagem* é o Drummond. Ao assumir a postura de camuflagem e desdobramento, o cronista adota a mesma visão oblíqua, mediada, característica do poeta, sobretudo nessa fase e, mascarando-se, participa ou observa o espetáculo do mundo. Tenta, assim, estendendo a dimensão de sua subjetividade, criando um *alter ego* Antônio Crispim (BARBOSA, 1983, p. 118).

Adentrando um pouco o campo das próprias crônicas do autor, como exemplos, em uma delas, “Fantasma”, publicada em *O Globo* em 1960 e posteriormente em *A bolsa e a vida*, Drummond “brinca” com a ideia do fantasma, a figura de um funcionário público. Nesse exemplo, o cômico e o trágico, o lúdico e o sério se conversam:

[...] O vulto não poderia ser descrito: faltavam-lhe contornos físicos, mas sentia-se-lhe a presença. E assim vago, incorpóreo, um extraordinário princípio de vida o animava, acima de nossos vãos critérios objetivistas. O cavalheiro não me conhece, permita que me apresente. Sou funcionário fantasma do Estado da Guanabara. Posso sentar-me? Sentou-se como qualquer não fantasma, preservando o vinco da calça. Era simpático, não dava ideia de além, e não se vestia à maneira pomposa do defunto do poema de Pedro Nava (DRUMMOND, 1960, p. 164-165).

E o que dizer da crônica “Aconteceu alguma coisa”, publicada no Caderno B do *Jornal do Brasil*, em plena ditadura, que virou livro em 1974, *De notícias & não notícias faz-se a crônica?* Nela Drummond retrata o clima de violência da época. Ele começa a narrativa, descrevendo que há um “bolo” de gente numa calçada do Rio de Janeiro e alguém comenta: “Vai ver mataram alguém?”. Em outro comentário, uma frase lembra que provavelmente um banco foi assaltado. Num terceiro momento, um personagem diz: “Vai ver que foi um grupo de subversivos, e eles estão encurralados e não querem se render”, tudo escrito bem ao jeito como corriam as notícias na época, quando a imprensa vivia sob censura militar. Ao final, depois de várias hipóteses, todo o movimento não passava de uma liquidação de geladeira, bem capitalista, numa loja de eletrodomésticos, algo que também era novidade no Brasil dos anos 1970.

Já em “Carta a uma senhora”, a história começa com uma garotinha que fez uma redação no Ginásio, dedicada à mãe em seu dia:

Mammy, hoje é dia das Mães e eu desejo-lhe milhões de felicidades e tudo mais que a Sra. sabe. Sendo hoje o dia das Mães, data sublime

conforme a professora explicou o sacrifício de ser Mãe que a gente não está na idade de entender, mas um dia estaremos, resolvi lhe oferecer um presente bem bacaninha e fui ver as vitrinas e li as revistas. Pensei em dar à Sra. o radiofôno Hi-Fi de som estereofônico e caixa acústica de 2 alto-falantes amplificador e transformador mas fiquei na dúvida se não era preferível uma TV legal de cinescópio multirreacionário som frontal, antena telescópica embutida, mas o nosso apartamento é um ovo de tico-tico, talvez a Sra. adorasse o transistor de 3 faixas de ondas e 4 pilhas de lanterna bem simplesinho, levava para a cozinha e se divertia enquanto faz comida [...] (DRUMMOND, 1998, p. 65).

Enfim, a menina sonha e apresenta na crônica a face mais conflitante do capitalismo. Uma data que deveria servir de homenagem às mães acaba completamente contaminada pela propaganda e pelo consumismo. Há a obrigação de comprar algo para a mãe, mesmo quando nem dinheiro existe para se comprar nada. Em seu desespero pelo presente sonhado, a criança, num diálogo emocionante com a mãe, acaba tendo mesmo que ficar num “beijo bem beijado”, nada mais:

Dói Mammy, o braço dói de escrever e tinha um liquidificador de 3 velocidades, sempre quis que a Sra. não tivesse o trabalho de espremer laranja, a máquina de tricô faz 500 pontos, a Sra. sozinha faz muito mais. Um secador de cabelo para Mammy! gritei, com capacete plástico mas passei adiante, a Sra. não é desses luxos, e a poltrona anatômica me tentou, é um estouro, mas eu sabia que a minha Mãezinha nunca tem tempo de sentar [...] Mais o quê? Ah sim, o colar de pérolas acetinadas, caixa de plástico perolado, par de meias, etc. [...]. Acabei achando tudo meio chato, tanta coisa para uma garotinha só comprar e uma pessoa só usar, mesmo sendo a Mãe mais bonita e merecedora do Universo. E depois, Mammy, eu não tinha nem 20 cruzeiros, eu pensava que na véspera deste Dia a gente recebesse não sei como uma carteira cheia de notas amarelas, não recebi nada e te ofereço este beijo bem beijado e carinhosão de tua filhinha Isabel (DRUMMOND, 1998, p. 65).

Já em “O Fim do Mundo”, Drummond brinca com a prática de um tipo de imprensa sensacionalista, que alardeia e prevê catástrofes como o apocalíptico final do mundo:

Não se sabe ainda se o mundo acabou realmente no sábado, como fora anunciado. Pode ser que sim, e não seria a primeira vez que isso acontece. A falta de sinais estrondosos e visíveis não é prova bastante da continuação. Muitas vezes o mundo acaba em silêncio, ou fazendo um barulho leve de folha. Tempos depois é que se percebe, mas já estamos vivendo em outro mundo, com sua estrutura e seus regulamentos próprios, e ninguém leva lenço aos olhos pelo falecido. O mundo primitivo dos répteis, o mundo neolítico, o egípcio, o persa, o

grego, o romano, o maia... todos esses acabaram, e muitos outros ainda [...]. A história é cemitério de mundos, notando-se que uns tantos acabaram de morte tão acabada que nem sequer figuram lá com uma tabuleta; não se sabe que fim levaram as cinzas [...]. Aos sete anos de idade imaginei que ia presenciar a morte do mundo, ou antes, que morreria com ele. Um cometa mal-humorado visitava o espaço. Em certo dia de 1910, sua cauda tocava a Terra; não haveria mais aula de aritmética, nem missa de domingo, nem obediência aos mais velhos. Essas perspectivas eram boas. Mas também não haveria mais geléia, Tico-Tico, a árvore de moedas que um padrinho surrealista preparava para o afilhado que ia visitá-lo [...]. Preparei-me para morrer, com terror e curiosidade. O que aconteceu à noite foi maravilhoso. O cometa Halley apareceu mais nítido, mais denso de luz e airosamente deslizou sobre nossas cabeças sem dar confiança de exterminar-nos [...]. Havíamos armazenado uma lembrança para gerações vindouras que não teriam a felicidade de conhecer o Halley, pois ele se dá ao luxo de aparecer só uma vez cada 76 anos [...]. Hoje, o excitante é imaginar a possibilidade dessa destruição por obra e graça do homem. A Terra e os cometas devem ter medo de nós (Drummond, 2002, p. 81-83).

1.4.2 Rubem Braga

Um “cronista puro”, e talvez o maior da literatura brasileira contemporânea, diz Antonio Cândido sobre Rubem Braga, “o seu estilo singelo, correto e elegante, cheio de humor e poesia, e admirável é apto para comunicar o sentimento da vida diária e descobrir os aspectos sugestivos das mais variadas facetas da realidade” (CANDIDO, 2004, p. 113).

Lygia Marina Moraes traz uma pequena biografia de Rubem Braga, um capixaba da cidade de Cachoeiro de Itapemirim, que, tendo nascido em 1913, aprendeu a ler em casa e, ao entrar para a escola Centro Operário e de Proteção Mútua, foi direto para o segundo ano primário. Começou o curso secundário no Ginásio Pedro Palácios, em sua cidade natal, e foi terminá-lo em Niterói. Em 1962, matriculou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, fez os dois primeiros anos do curso e se transferiu depois para a Faculdade de Belo Horizonte, formando-se em 1932. Começou a trabalhar em jornal ainda estudante, assinando uma crônica diária no *Diário da Tarde*, da capital mineira, para o qual fez também reportagens, inclusive a cobertura da Revolução Constitucionalista de 1932. Depois passou a trabalhar como cronista e repórter para o *Diário de São Paulo* (MORAES, 1979, p. 14).

Rubem Braga nunca exerceria a advocacia, tendo sido completamente absorvido pelo jornalismo, firmando-se como cronista, comentarista político e repórter. Trabalhou em diversos jornais de São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre e Rio de Janeiro,

idades onde residiu. Em 1935 fundou, no Recife, a *Folha do Povo*. Em 1936 publicou em livro a sua primeira seleção de crônicas, *O conde e o passarinho*. Várias vezes foi detido ou perseguido por sua posição política de oposição ao governo (MORAES, 1979, p. 24).

O jornalista, repórter e cronista acompanhou a Força Expedicionária Brasileira na campanha de 1944-1945, da II Guerra Mundial, como correspondente do *Diário Carioca*. Em 1946 fez a cobertura da primeira eleição de Perón, na Argentina e, em 1956, da segunda de Eisenhower, nos Estados Unidos. Além disso, viveu em Paris durante o ano de 1950, de onde enviou regularmente crônicas para o *Correio da Manhã*. Em 1955, chefiou o Escritório Comercial do Brasil em Santiago do Chile, exonerando-se a pedido em novembro do mesmo ano (MORAES, 1979, p. 26).

O escritor e crítico literário brasileiro Davi Arrigucci Júnior considera que em Rubem Braga há um pouco de tudo, o que permite perceber também em suas crônicas as fronteiras instáveis do gênero – inclusive os lugares onde a crônica ameaça de não acontecer como tal, gerando o embaraço de o cronista acabar produzindo um comentário ou um relato, apenas:

Como ocorre de vez em quando com todo cronista rotineiro, muitas vezes a matéria costuma ficar escassa ou faltar. Há momentos em que a crônica teima em não sair, claramente por falta de assunto, gerando-se no limite a situação embaraçosa, literalmente tão moderna, do comentário ou relato diante da ausência do fato, como se a linguagem do cronista se visse obrigada a desgarrar-se necessariamente da circunstância imediata, seu vínculo jornalístico mais ostensivo (ARRIGUCI JR., 1985, p. 46).

É quando em Braga se faz presente a “garra de cronista”, comenta Arrigucci Jr., na briga com a prática do gênero. Entra em cena a experiência, e o corriqueiro e efêmero, que compõem o chão onde a crônica se move, abre espaço, em Rubem Braga, para a “luz interior” que anima a crônica “com o mais profundo de sua experiência humana”:

Mas é quando o assunto se torna tênue, se esgarça ou falta inteiramente, que Braga mostra melhor sua garra de cronista, precisamente agarrando-se a um “puxa-puxa”, como o chamou certa vez Manuel Bandeira, e imprimindo ao gênero seu modo de ser tão característico. Nesses casos, a circunstância corriqueira e efêmera de que o cronista se serve como gancho fica reduzida ao mínimo possível, e a crônica parece que se enrola em si mesma e se solta, voando como bolha de sabão, esfera leve e translúcida, irisada apenas pela luz interior do sujeito que

a alma com o mais profundo de sua experiência humana (ARRIGUCCI JR., 1985, p. 46).

O Modernismo foi decisivo para a qualidade de sua prosa. Ou, antes, a poesia de Manuel Bandeira, com quem encontrou de fato profundas afinidades. O curioso, porém, conta Arrigucci Jr., é que essas afinidades são propriamente com o poeta Bandeira, e não exatamente com o cronista. Ficou íntimo do poeta, dos seus versos, da simplicidade natural, da humildade e da sua obra poética. Em 1966, como informa Arrigucci Jr., não resistiu, confessando numa crônica a sua antiga admiração pelo poeta: “O que Manuel Bandeira me ensinou”. Nessa Crônica ele: “Confessou a importância, para as suas crônicas, daquela franqueza tranquila de quem não se enfeita nem faz pose para aparecer diante do público” (ARRIGUCCI JR., 1985, p. 52).

Numa outra crônica muito conhecida de Braga, o cronista faz poesia com sutileza e muito bom humor, retratando uma situação prosaica da vida, com o encantamento entre um homem e uma mulher viúva. “Ivo viu a uva; eu vi a viúva. Ia passando na praia, vi a viúva, a viúva na praia me fascinou. Deitei-me na areia, fiquei a contemplar a viúva”. Em seguida, relata a passagem de um enterro sob a sua janela, vem depois de um tanto a história de novo da praia, da viúva, um mundo simbólico:

O morto eu o conhecera vagamente; no café da esquina a gente se cumprimentava às vezes [...] era um homem forte, de cara vermelha; as poucas vezes que o encontrei com a mulher ele não me cumprimentou, fazia que não me via; e eu também. Lembro-me de que uma vez perguntei as horas ao garçom, e foi aquele homem que respondeu; agradeceu; [...] E agora estou deitado na areia, vendo sua viúva. Deve uma viúva vir a praia? Nossa praia não é nenhuma festa; tem pouca gente; além disso, vamos supor que ela precise trazer o menino, pois nunca a vi sozinha na praia e seu maiô é preto. [...] Mas eu não morri; e eu sou o outro homem. E a ideia de que o defunto ficaria ressentido se acaso imaginasse que eu estaria aqui a reparar no corpo de sua viúva, essa ideia me faz achá-lo um tolo, embora, a rigor, eu não possa lhe imputar essa ideia, que é minha. Eu estou vivo, e isso me dá uma grande superioridade sobre ele [...] Ah, não quero pensar nisso. Respiro também profundamente o ar limpo e livre. Ondas espoucam ao sol. O sol brilha nos cabelos e na curva do ombro da viúva. Ela está sentada, quieta, séria, uma perna estendida, outra em ângulo. O sol brilha também em seu joelho. O sol ama a viúva. Eu vejo a viúva (BRAGA, 1980, p. 230).

Arrigucci Jr. lembra ainda que Braga, embora poeta bissexto e contista eventual, escreve crônicas desde a década de 1930, e que foi decerto quem deu o maior grau de autonomia estética a esse gênero entre nós, tornando-se, por isso, um modelo de cronista

– o que confirma uma observação de Antonio Candido a respeito de Rubem Braga, nosso 1“cronista puro”, citada antes. Explica Arrigucci Jr. (1985, p. 52):

Ele, forjou, na verdade, uma forma literária única, feita com a mescla de elementos variados, vindos até onde se pode perceber, da antiga tradição do narrador oral (no caso, do contador de causos do interior) e da bagagem do cronista moderno, associado à imprensa e experimentado na labuta das grandes cidades de nosso tempo (ARRIGUCCI JR, 1985, p. 52).

A crônica jornalística nasce de um fato real, por miúdo de que seja, um acontecimento de âmbito social de qualquer alcance ou de âmbito individual, como por exemplo a descoberta que um cronista faz em um dia determinado que o cair da chuva lhe pode lhe restituir determinadas emoções ou lembranças de situações antigas. Nessa direção, afirma Lopes (1992, p. 168, o cronista Rubem Braga é um mestre do gênero. Lembra, que: “A observação de um dado do dia de hoje, pode suscitar a crônica que devaneia com o futuro”.

Em uma biografia premiada, *Rubem Braga, a biografia: um cigano fazendeiro do ar*, de 614 páginas, Marco Antonio de Carvalho, entre muitas outras coisas da vida do cronista, escreve sobre quando, em abril de 1945, as tropas da Força Expedicionária Brasileira, a FAB, enviadas à Itália durante a Segunda Guerra, conseguem vencer os alemães, antecedendo em alguns dias a vitória final dos aliados sobre o nazifascismo. Entre os soldados brasileiros e transitando num Jeep estava o único jornalista e correspondente brasileiro que acompanhou a rendição: Rubem Braga (CARVALHO, 2007, p. 15).

Numa espécie de autorretrato, contextualizando a sua biografia, Rubem Braga deixou registrado o seguinte:

Houve um tempo em que sonhei coisas – não foi ser eleito senador federal nem nada, eram coisas humildes e vagabundas que, entretanto, não fiz, nem com certeza farei. Era, por exemplo, arrumar um barco de uns 15, 20 metros de comprimento, com motor e vela e sair tocando devagar por toda a costa do Brasil, parando para pescar, vendendo banana ou comprando fumo de rolo, não sei, me demorando em todo o portinho simpático [...] Ir indo ao léu, vendo as coisas, conversando com as pessoas – e fazer um livro tão simples, tão bom, que talvez fosse até melhor não fazer livro nenhum, apenas ir vivendo devagar a vida lenta dos mares do Brasil, tomando a cachacinha de cada lugar, sem pressa e com respeito. Isso devia ser bom talvez eu me tornasse conhecido como um homem direito. Assinado, Rubem Braga. (BRAGA apud CARVALHO, 2007, p. 15).

Em vários trechos da biografia, Carvalho descreve relacionamentos e conversas entre Braga e celebridades de sua época, desde que saiu do estado do Espírito Santo, passando por Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros lugares no Brasil onde morou, bem como em grandes cidades no mundo, a exemplo de Paris.

Braga também se meteu em polêmicas, como uma perpetrada por Heitor Villalobos, sobre a mudança do Hino Nacional. No caso Braga disse que até concordava com ele, pois “a letra é um pouco encrascada demais, com frases escritas de trás para adiante”, mas depois acabou discordando quando soube que Lobos compusera um hino à Revolução de 1930, encomendado por Vargas. “Não tem como aceitar nada que venha de simpatizantes de Vargas”, disse, acrescentando:

O Hino Nacional me faz lembrar a infância. E como a minha infância foi muito besta, o hino participa do adjetivo. Quando cantam perto de mim o que ouviam no Ypiranga às margens plácidas, eu ouço apenas a voz de dona Palmyra. E quando a imagem do cruzeiro resplandece, no céu formoso, risonho e límpido, o que verdadeiramente resplandece para mim são os óculos de dona Palmyra, instalados sobre o seu brilhante nariz. Ainda que tudo isso sejam questões íntimas, impressões minhas, e não creio que interessem vivamente à nacionalidade. As crianças de hoje não são melhores que as de ontem. Nós tivemos que suportar o hino quando éramos crianças. Que elas suportem também (apud CARVALHO, 2007, p. 225)

Embora os críticos em geral não considerem a crônica jornalística literatura, por causa de seu caráter volátil, Braga, como outros cronistas, escreveu crônicas ainda hoje inesquecíveis, memoráveis, perenes – e também às vezes polêmicas, retratando, por exemplo, as desigualdades entre brasileiros pobres e ricos. Tratam de coisas e situações que supostamente não deveriam mais existir, no século XXI, mas que existem, sob o guarda-chuva do poderoso capital. Como, por exemplo, na narrativa “Luto em família”, publicada aqui na íntegra, por sua atualidade, porque conversa com o conteúdo analisado no terceiro capítulo e, ainda, porque mostra algo importante no contexto das nossas considerações sobre a crônica sob o ponto de vista histórico.

A assistência foi chamada. Veio tinindo. Um homem estava deitado na calçada. Uma poça de sangue. A Assistência voltou vazia. O homem está morto. O cadáver foi removido para o necrotério. Na seção dos "Fatos Diversos" do Diário de Pernambuco, leio o nome do sujeito: João da Silva. Morava na Rua da Alegria. Morreu de hemoptise. João da Silva - Neste momento em que seu corpo vai baixar à vala comum,

nós, seus amigos e seus irmãos, vimos lhe prestar esta homenagem. Nós somos os Joões da silva. Nós somos os populares Joões da Silva. Moramos em várias casas e em várias cidades. Moramos principalmente na rua. Nós pertencemos, como você, à família Silva. Não é uma família ilustre; nós não temos avós na história. Muitos de nós usamos outros nomes, para disfarce. No fundo, somos os Silva. Quando o Brasil foi colonizado, nós éramos os degredados. Depois fomos os índios. Depois fomos os negros. Depois fomos os imigrantes, mestiços. Somos os Silva. Algumas pessoas importantes usaram e usam o nosso nome. É por engano. Os Silva somos nós. Não temos a mínima importância. Trabalhamos, andamos pelas ruas e morremos. Saímos da vala comum da vida para o mesmo local da morte. Às vezes, por modéstia, não usamos nosso nome de família. Usamos o sobrenome "de Tal". A família Silva e a família "de Tal" são a mesma família. E, para falar a verdade, uma família que não pode ser considerada boa família. Até as mulheres que não são de família pertencem à Silva. João da Silva - nunca nenhum de nós esquecerá seu nome. Você não possuía sangue-azul. O sangue que saía de sua boca era vermelho - vermelhinho da silva. Sangue de nossa família. Nossa família, João, vai mal em política. Sempre por baixo. Nossa família, entretanto, é que trabalha para os homens importantes. A família Crespi, a família Matarazzo, a família Guinle, a família Rocha Miranda, a família Pereira Carneiro, todas essas famílias assim são sustentadas pela nossa família. Nós auxiliamos várias famílias importantes na América do Norte, na Inglaterra, na França, no Japão. A gente de nossa família trabalha nas plantações de mate, nos pastos, nas fazendas, nas usinas, nas praias, nas fábricas, nas minas, nos balcões, no mato, nas cozinhas, em todo lugar onde se trabalha. Nossa família quebra pedra, faz telha de barro, laça os bois, levanta os prédios, conduz os bondes, enrola o tapete do circo, enche os porões dos navios, conta o dinheiro dos Bancos, faz os jornais, serve no Exército e na Marinha. Nossa família é feito Maria Polaca: faz tudo. Apesar disso, João da Silva, nós temos de enterrar você é mesmo na vala comum. Na vala comum da miséria. Na vala comum da glória, João da Silva. Porque nossa família um dia há de subir na política (BRAGA, 1935, p. 30).

Em outra de suas crônicas, o autor envia um recado ao vizinho do andar de baixo, morador do apartamento 903, que voltou a reclamar do barulho. Braga com isso buscava imaginar outro tipo de mundo, em que todas as pessoas se dessem bem e em que predominassem a amizade entre os homens, o amor e a paz (MORAES, 1979, p. 35).

Em tom muito bem-humorado, Braga apresenta, em “Recado ao senhor do 903”, uma espécie de provocação ao vizinho, que vivia – como muitos que vivem em apartamentos e condomínios nas grandes cidades – às turras, reclamando dos “barulhos”. Ele inicia o texto se identificando ao vizinho: “Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento”.

E a partir deste prosaico fato, conta na sequência que recebeu a visita pessoal do reclamante.

Devia ser meia noite – e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a leste pelo 1005, a oeste pelo 1001, ao sul pelo Oceano Atlântico, ao norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 – que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; [...]. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo, quem vier à minha casa (perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45 [...] Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: “Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou”. E o outro respondesse: “Entra, vizinho e come meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a luta é bela”. E o homem trouxesse sua mulher, e os dois fiassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas, o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz (BRAGA, 1991, p. 39).

Perfilada entre as *Cem melhores crônicas* do livro organizado por Joaquim Ferreira dos Santos (2005) e, igualmente, citada como referência em diversos livros de resenha de crônica, “Aula de Inglês”, de Braga, do ano de 1945, é exemplar, sobretudo em termos de construção textual. Segue texto publicado, 19 anos depois, no Caderno B do *Jornal do Brasil* do dia 8 de agosto de 1964.

– Is this an elephant?

Minha tendência imediata foi responder que não; mas a gente não deve se deixar levar pelo primeiro impulso. Um rápido olhar que lancei à professora bastou para ver que ela falava com seriedade, e tinha o ar de quem propõe um grave problema [...] Não tinha nenhuma tromba visível, de onde uma pessoa leviana poderia concluir às pressas que não se tratava de um elefante [...] Mas se retirarmos a tromba a um elefante, nem por isso deixa ele de ser um elefante; e mesmo que morra em consequência da brutal operação, continua a ser um elefante; continua, pois um elefante morto é, em princípio, tão elefante como qualquer outro. Refletindo nisso, lembrei-me de averiguar se aquilo tinha quatro patas, quatro grossas patas, como costumam ter os elefantes. Não tinha.

[...]. Terminadas as minhas observações, voltei-me para a professora e disse convictamente:

– No, it's not!

Ela soltou um pequeno suspiro, satisfeita: a demora de minha resposta a havia deixado apreensiva. Imediatamente me perguntou:

– Is it a book?

Sorri da pergunta: tenho vivido uma parte de minha vida no meio de livros, conheço livros, lido com livros, sou capaz de distinguir um livro à primeira vista no meio de quaisquer outros objetos, sejam quais forem. Aquilo não era um livro [...].

– No, it's not!

Tive o prazer de vê-la novamente satisfeita – mas só por alguns segundos. Aquela mulher era um desses espíritos insaciáveis que estão sempre a se propor questões, e se debruçam com uma curiosidade aflita sobre a natureza das coisas.

– Is it a handkerchief?

Fiquei muito perturbado com essa pergunta. Para dizer a verdade, não sabia o que poderia ser handkerchief;! [...] Era uma palavra sem a menor sombra de dúvidas antipática; [...].

– No it's not!

Minhas palavras soaram alto, com certa violência, pois me repugnava admitir que aquilo ou qualquer outra coisa nos meus arredores pudesse ser um handkerchief.

Ela então voltou a fazer uma pergunta [...] Antes dela abrir a boca eu já tinha certeza de que tratava de uma pergunta decisiva.

– Is it an ash-tray?

Uma grande alegria me inundou a alma. Em primeiro lugar porque eu sei o que é um ash-tray, é um cinzeiro. Em segundo lugar porque, fitando o objeto que me apresentava, notei uma extraordinária semelhança entre ele e um ash-tray. Sim. Era um objeto de louça de forma oval, com cerca de 13 centímetros de comprimento [...]

Respondi:

– Yes!

O que sucedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto completamente iluminado por uma onda de alegria; os olhos brilhavam – vitória! vitória! [...]. Ergueu-se um pouco da cadeira e não se pôde impedir de estender o braço e me bater no ombro, ao mesmo tempo que exclamava, muito excitada:

– Very well! Very well!

Sou um homem de natural tímido [...] Retirei-me imensamente satisfeito daquela primeira aula; andei na rua com passo firme e ao ver, na vitrina de uma loja, alguns belos cachimbos ingleses, tive mesmo a tentação de comprar um. Certamente teria entabulado uma longa conversão com o embaixador britânico, se o encontrasse naquele momento. Eu tiraria o cachimbo da boca e lhe diria:

– It's not an ash-tray! E ele na certa ficaria muito satisfeito por ver que eu sabia falar inglês, pois deve ser sempre agradável a um embaixador ver que sua língua natal começa a ser versada pelas pessoas de boa-fé do país junto com a cujo governo é acreditado (BRAGA apud FERREIRA, 2007, p.65).

1.4.3 Lourenço Diaféria

Terceiro cronista apresentado neste trabalho, Lourenço Diaféria escreve sobre crônica com humildade: “No jornal, a crônica é o intervalo do grande espetáculo. Não resolve nada”. E, completa: “Só serve para dar um tempo de o sujeito ir lá fora, comprar amendoim, tomar café, espreguiçar-se. Talvez até seja uma inutilidade. Ou, talvez, se torne presença quase obrigatória em livros escolares de todos os níveis” (JATOBÁ, 2013, p. 7).

Segundo Jatobá: “Assim era Diaféria, nascido no bairro do Brás, em São Paulo. Entre 1950 e 1955 trabalha como office-boy. Ingressa no jornalismo como revisor e redator na *Folha da Manhã*, em 1956, e assina sua primeira crônica, “*Recado urgente*”:

Em 1964. Sua estréia em livro deu-se em 1976, com *Um gato na Terra do Tamborim*. Em uma das tantas obras que se escreveram sobre ele, desta vez de autoria de Roniwalter Jatobá – que reuniu sessenta crônicas de Diaféria –, o autor lembra que suas narrativas são um bom exemplo do jeito brasileiro de praticar o gênero. Especialmente, por tratar-se de um cronista urbano, um mero repórter das coisas banais da cidade, que com simplicidade e talento passava para o papel as vicissitudes e o que ele chamava de “espasmos do cotidiano paulistano, seu anverso e reverso, suas alegrias e lágrimas” (JATOBÁ, 2013, p. 7).

Para Jatobá (2013, p. 7), Diaféria “explorava coisas miúdas e delas extraía grandezas”, podendo assim escrever “sobre os esgotos que já foram rios para tristeza mútua, como o Tietê, o Tamanduateí, o Pinheiros e o Ipiranga, e sobre cenas fixas e fugazes, como o mundo alagado depois das chuvas torrenciais dos verões de São Paulo”. O autor continua:

Ele sabia das coisas: conhecia o trópico de Capricórnio que passa sobre a cidade, bem como distinguir uma sibipiruna de uma seringueira, além de dizer, feliz, que possuía um jardim doméstico, no fundo de casa, onde ciscavam rolinhas, bem-te-vis, sabiás e azulões. Não podia ser diferente. Afinal, por mais de quatro décadas, esteve sempre interessado em conhecer os meandros da metrópole” (JATOBÁ, 2013, p. 7).

São Paulo era, para Diaféria, a sua personagem principal: “A cidade e sua gente que vivia na selva de cimento em busca da sobrevivência, enfrentando o precário transporte, moradias distantes, ônibus e trens lotados”.

Uma realidade amarga que impregnava os prédios, os viadutos, as estações ferroviárias, os terminais rodoviários, praças, esquinas e porões que constituíam “o mundo onde se agitavam e saltavam os sobreviventes da vida” (DIAFÉRIA, 1981, p.11).

O cronista prestava atenção ao banal e costurava seus retalhos de informações até transformá-los em relato verossímil, estruturando de acordo com as leis da coerência do texto: “As peças ajustadas como num quebra-cabeça. Cumpria o exercício da crônica como um testemunho do nosso tempo, contando as tragicomédias diárias, fazendo o leitor recuperar seu senso crítico enquanto se diverte, alcançando o que está além da banalidade” (JATOBÁ, 2013, p. 9).

Era filho de um italiano, que nunca usou relógio de pulso e que só bateu uma vez em Lourenço e depois chorou. E de uma mãe portuguesa, mulher de fibra, que batia nele de tamanco: “mas nunca esteve ausente quando eu precisei”. Passou a infância no bairro do Brás, lado a lado com os ferroviários das oficinas da antiga Central do Brasil, dos grupos de migrantes nordestinos que chegavam ali e estudou na Escola Rainha Margarida, na rua do Gasômetro, onde fez o curso primário (JATOBÁ, 2013, p. 9).

Contrariando os pais que queriam que estudasse Direito, preferiu Jornalismo e cursou a Faculdade Cásper Líbero e a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, cursos que não chegou a acabar. A primeira crônica na *Folha* data de 1964, quando a direção da Redação gostou de suas divagações em torno de como festejar o São João dentro de um dos minúsculos apartamentos que infestavam a cidade. Do período, duas memoráveis lembranças. Uma boa: a gratidão ao jornalista Hélio Pompeu, secretário de redação na época, que o fez reescrever dez vezes uma matéria de dez linhas, quando entrou na *Folha*, como processo de aprendizagem. Outra ruim: em setembro de 1977, os militares não gostaram da crônica “Herói. Morto. Nós”, sobre um sargento do Exército que havia pulado no fosso das ararinhas, no zoológico municipal de Brasília, a fim de salvar um garoto de catorze anos das presas dos ferozes animais carnívoros: o menino sobrevive, mas o sargento morre. Os militares não gostaram das reflexões de Diaféria sobre o acontecimento...

O texto era uma homenagem ao sargento, herói cotidiano, mas referia-se também à estátua do Duque de Caxias, no centro paulistano, em cujo pedestal se aninhavam pobres de todos os tipos. Eram os anos da Ditadura Militar de mais um general-presidente no poder, Ernesto Geisel (1974-1979). Segue a narrativa:

Não me venham com besteiras de dizer que herói não existe. Passei metade do dia imaginando uma palavra menos desgastada para definir o gesto desse sargento Sílvio, que pulou no poço das ariranhas, para salvar o garoto de catorze anos, que estava sendo dilacerado pelos bichos.

O garoto está salvo. O sargento morreu e está sendo enterrado em sua terra.

Que nome devo dar a esse homem?

Escrevo com todas as letras: o sargento Silvio é um herói. Se não morreu na guerra, se não disparou nenhum tiro, se não foi enforcado, tanto melhor.

Podem me explicar que esse tipo de heroísmo é resultado de uma total inconsciência do perigo. Pois quero que se lixem as explicações. Para mim, o herói - como o santo - é aquele que vive sua vida até as últimas conseqüências.

O herói redime a humanidade à deriva.

Esse sargento Silvio podia estar vivo da silva com seus quatro filhos e sua mulher. Acabaria capitão, major. Está morto. Um belíssimo sargento morto. E todavia. Todavia eu digo, com todas as letras: prefiro esse sargento herói ao duque de Caxias [...] O duque de Caxias é um homem a cavalo reduzido a uma estátua. Aquela espada que o duque ergue ao ar aqui na Praça Princesa Isabel - onde se reúnem os ciganos e as pombas do entardecer - oxidou-se no coração do povo. O povo está cansado de espadas e de cavalos. O povo urina nos heróis de pedestal. Ao povo desgosta o herói de bronze, irretocável e irretorquível, como as enfadonhas lições repetidas por cansadas professoras que não acreditam no que mandam decorar [...] O povo quer o herói sargento que seja como ele: povo. Um sargento que dê as mãos aos filhos e à mulher, e passeie incógnito e desfardado, sem divisas, entre seus irmãos [...] No instante em que o sargento - apesar do grito de perigo e de alerta de sua mulher - salta no fosso das simpáticas e ferozes ariranhas, para salvar da morte o garoto que não era seu, ele está ensinando a este país, de heróis estáticos e fundidos em metal, que todos somos responsáveis pelos espinhos que machucam o couro de todos [...]. Esse sargento não é do grupo do cambalacho [...] Esse sargento não pensou se, para ser honesto para consigo mesmo, um cidadão deve ser civil ou militar. Duvido, e faço pouco, que esse pobre sargento morto fez revoluções de bar, na base do uísque e da farolagem, e duvido que em algum instante ele imaginou que apareceria na primeira página dos jornais [...] É apenas um homem que - como disse quando pressentiu as suas últimas quarenta e oito horas, quando pressentiu o roteiro de sua última viagem - não podia permanecer insensível diante de uma criança sem defesa [...] O povo prefere esses heróis: de carne e sangue [...] Mas, como sempre, o herói é reconhecido depois, muito depois. Tarde demais [...] É isso, sargento: nestes tempos cruéis e embotados, a gente não teve o instante de te reconhecer entre o povo. A gente não distinguiu teu rosto na multidão. Éramos irmãos, e só descobrimos isso agora, quando o sangue verte, e quanto te enterramos. O herói e o santo é o que derrama seu sangue. Esse é o preço que deles cobramos [...] Podíamos ter estendido nossas mãos e te arrancando do fosso das ariranhas - como você tirou o menino de catorze anos - mas queríamos que alguém fizesse o gesto de solidariedade em nosso lugar (DIAFÉRIA, 2013, p. 213).

Preso pela Polícia Federal e enquadrado na Lei de Segurança Nacional, processado e condenado a oito meses de prisão, Diaféria só foi inocentado três anos depois. Franklin Valverde comenta:

Com um conteúdo que foi considerado ofensivo às forças armadas, haja vista ter ele ofendido um dos símbolos míticos do Exército brasileiro, o seu patrono, Duque de Caxias, bem como por tratar-se de um jornalista que desafiava os militares – e muitos assim fizeram –, Diaféria foi processado. Com esse fato e em protesto, a *Folha* publicou em branco sua coluna no caderno ‘*Ilustrada*’. Os militares protestaram e o general Hugo Abreu, então ministro-chefe da Casa Militar do governo do general Ernesto Geisel, por telefone, ameaçou o *publisher* da *Folha*, Octávio Frias de Oliveira, de fechar o jornal, caso persistissem as críticas ao governo e a coluna continuasse a ser publicada em branco. Frias cedeu. E desse episódio resultou a saída do jornalista Cláudio Abramo da direção de redação do jornal (VALVERDE, 2008, s/p).

Quando preso, Diaféria dedicou-se à leitura do livro de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, e também a escrever um livro sobre a história do Corinthians, seu clube de coração.

Na *Folha*, publicou 1.869 crônicas ou reportagens assinadas. Depois que deixou o jornal, Diaféria, em 1980, passou a publicar livros infanto-juvenis, estreando com *O empinador de estrelas* e a escrever para o *Jornal da Tarde*, *Diário Popular* e *Diário do Grande ABC*, além das rádios Excelsior, Gazeta, Record, Bandeirantes e da TV Globo. Na TV Globo São Paulo, configura-se como um dos cronistas pioneiros em apresentação de crônica na Televisão.

O jornalista Dagomir Marquesi costuma dizer que Diaféria era “um cronista em estado puro, um cronista nato, cortava fatias da vida e as dissecava em palavras. Ele falava do paulistano como um regionalista falaria de um sertanejo”. Ele acrescenta:

Seu objeto de estudo era o homem comum, o cidadão anônimo. Seu negócio era observar o lado mais comum da vida e descrever o que dele apreendia. Dito assim parece tão fácil. Não se afastava de seu território: São Paulo, capital. “Não existe nada mais fácil para mim do que explicar o que vem a ser uma megalópole”, afirmou numa entrevista no ano de 2000. “Megalópole é um molusco invertebrado com várias patas. É uma espécie de gelatina que respira [...] Megalópole é o mesmo que um x-tudo de pedra, aço, cimento e vidro com bastante mostarda e ketchup” (MARQUESI, Época, SP.)

Para Marquesi, ainda, Diaféria se afastaria das crônicas para escrever ensaios sobre suas grandes paixões. Lançou um livro sobre dom Paulo Evaristo Arns, o cardeal-

arcebispo de São Paulo que teve sérios problemas com a Ditadura, *A caminhada da luz*. Descreveu seu bairro (em *Brás: sotaques e desmemórias*) e participou de uma coletânea sobre a bela estação ferroviária central de São Paulo, *Um século de Luz*. Faleceu em 16 de setembro de 2008, deixando crônicas duradouras. Produziu “um retrato de figuras anônimas de São Paulo, compondo para sempre um rico painel humano da metrópole, em textos repletos de emoção e lirismo” (SÁ, 1987, p. 38). Usava o tempo todo como cenário a metrópole paulista, utilizando em paralelo uma vertente do humorismo: a precedência do fato sobre os personagens que o vivem, como afirma Sá (1987, p. 38).

Jornalisticamente, o narrador confere mais importância ao acontecimento em si, porque é a partir dele que depreenderemos o lado risível de cenas que se repetem no dia-a-dia, embora vividas por atores diferentes. Ele tinha consciência de que sua função é prestar atenção ao banal e, por isso, ele deixa de lado os tipos (mais duradouros e, portanto, índices de uma situação difícil de ser mudada) e focaliza os acontecimentos mais efêmeros e, assim, com possibilidades de não acontecer de novo. Esses acontecimentos são narrados em textos organizados de forma que não haja lacunas impedindo o leitor de visualizar a totalidade cênica (SÁ, 1987, p. 38).

Em *A morte sem colete*, o cronista insere quarenta crônicas – a maioria com temática social e retratando histórias do cotidiano de trabalhadores, desempregados, garis, entre outros, e suas ansiedades e busca por um espaço de reconhecimento na sociedade brasileira. São temas e dramas humanos. Nesse contexto, sempre tomando por base o cenário paulista e seguindo pela vertente do humorismo, o cronista valorizava a precedência dos fatos sobre os personagens que vivem. Sá lembra que, com otimismo e consciente de que sua função é prestar atenção ao banal, Diaféria deixa de lado os tipos (mais duradouros e, portanto, índices de uma situação difícil de ser mudada) e focaliza os acontecimentos (mais efêmeros e, assim, com possibilidades de não acontecer de novo). “São acontecimento narrados em textos organizados de forma que não haja lacunas impedindo o leitor de visualizar a totalidade cênica” (SÁ, 1987, p. 39).

E acrescenta: “Liberando o lado subjetivo de cada enfoque, Diaféria nos oferece um elemento ausente da reportagem: a emoção como fator predominante. Isso facilita a nossa participação porque é emocionalmente que integramos em nós uma determinada experiência”, escreve Sá, que continua:

Assim, não se trata apenas de contar mais um lance policial cercado de suspense hollywoodiano, porém questionar a relação que existe entre

os donos da cidade e seus habitantes. Ou melhor, a relação existente entre os dominadores e os dominados, por mais repetitivo que isso possa parecer. Ludicamente, o cronista percorre a cidade. Ouve conversas, recolhe frases interessantes, observa as pessoas, registra situações – tudo através do olhar de quem brinca e, pelo jogo da brincadeira, reúne forças para superar a realidade sufocante. É nesse contexto que o fato em si ganha mais importância do que os personagens (SÁ, 1987, p. 44).

Um exemplo dessa capacidade de imagens em letras e textos pode ser avaliada por meio da crônica “Um papel picado”:

Amigo, ouça o que lhe digo: eu havia feito num papel bem limpo o rascunho de uma crônica feliz para esse dia [...] Sofremos tanto neste ano que não achava justo, nem correto, fechar o calendário com a pena amarga, e as teclas negras desta máquina de aço, ferindo o coração de moças e senhoras e mesmo de austeros cavalheiros, que estão fartos de más notícias [...]. Tinha pensado numa crônica simples: a história de um homem que todas as quartas-feiras, quando o sol escorrega pelo Pico do Jaraguá, sobe a Rua da Consolação anônimo e lampeiro e começa a distribuir punhados de flores nas portas dos edifícios, nos balcões dos bares, nos pontos de ônibus, nas esquinas, cinemas e pizzarias [...] Entre as flores, azaléias [...] Como as azaléias não são suficientes para atender a todas as pessoas dos bares, edifícios, cinemas e esquinas, o homem imaginário, porém verdadeiro, ao chegar ao farol da Paulista, verifica com aborrecimento que suas mãos estão vazias. Então ele faz um gesto redondo e, com o compasso de seus dedos, cria um jardim no espaço e dele recolhe agora em abundância buquês de pamplonas, angélicas, augustas e fuligens [...] E sai a entregar essas flores mágicas, uma a uma, aos velhos, aos descrentes, aos bêbados, aos desesperados, aos estafetas, aos telegrafistas, aos meninos de recados, aos porteiros, aos enfartados, aos ginecologistas, aos padres, aos motoristas, aos bispos, aos coronéis, aos marreteiros, e a todos quantos, de uma forma ou outra, querem flores da cidade [...]. Quando chega a noite, com seu reposteiro de trevas, as antenas de televisão e as calhas dos telhados estão floridas e há intenso perfume no ar [...]. Reconheço que talvez fosse uma crônica boba, fútil e desnecessária. Que bela cena na cidade [...] Deu tudo ao contrário. A violência pôs tudo a perder. Quatro detentos se amotinam e, em nome do desespero, jogam a sua última cartada. Querem o maior dos bens – e o primeiro que perderam: a liberdade. Querem o futuro. Querem esperança do calendário. Querem recuperar o ano novo e o ano velho. Querem fugir do horror dos muros, do terror do fim do mundo. Não sabem, ou não querem entender, que em torno deles se fecha o derradeiro cadeado, e há uma vala de sete palmos sendo cavada, enquanto o tempo passa. A moeda da violência [...] E enquanto a cidade acompanha a louca e suicida tentativa de fuga, começo a rasgar em pequenos pedaços a crônica amena que havia preparado para servir à distinta freguesia. Por fim, os corpos tombam na calçada [...] Cidadão amigo, ouça o que lhe digo: se amanhã, à meia-noite, ao espocar seu champanhe nacional ou estrangeiro, para comemorar o encerramento deste ano amargo e rude, você perceber pedacinhos de papel atirados da janela de um sobrado, preste atenção:

são os restos de meu recado. É a crônica alegre que eu tinha bolado [...] Entre os papeizinhos, se você abrir com bastante cuidado, talvez descubra as aparas de uma pétala de azaléia cor de sangue [...] Fique com ela. É o que consegui salvar de meus votos de felicidades (DIAFÉRIA, 1983, p. 36).

Em outra crônica, “Ser pai”, Diaféria fala sobre consumismo, referindo-se ao Dia dos Pais. Ele conta no primeiro parágrafo e na primeira pessoa, com certo ar de surpresa, que percebe que será homenageado – “pelos dois pequenos pacotes que minha mulher, com uma tranquilidade que faria inveja à maneira como o governo nos impinge os seus, acaba de guardar no armário do quarto”, conta ele, e acrescenta: “Pelo volume, peso, formato, creio que vou renovar meu estoque de meias e cuecas. Não sei o que seria de minha elegância íntima não fosse o Dia dos Pais”, completa, com humor.

Diaféria lembra ainda como viu os filhos menores que, com a sua “colaboração financeira direta, compraram folhas de papel-espelho, cola, purpurina, fita azul, envelopes coloridos”, que viu “quando um deles, por distração, deixou-se apanhar recortando um bonito coração vermelho”.

Reflete sobre a importância da paternidade, as responsabilidades, os percalços – e o pensamento viaja para um país onde eleições não existem, e o pai não tem como garantir ao filho pequeno o presente de ver uma votação para presidente. Brincando, a crônica é séria:

Um pai é muito importante para os filhos, por isso procuro cumprir minha missão em tempo integral. Entretanto, é aos sábados, das 14 às 17 horas, que eu me supero. Nesse dia e horário torno-me um pai realmente compreensivo, cheio de afeto. Pena que meus filhos vivam me contradizendo. Eu vou suportando as arrogâncias deles até um certo ponto; para ser mais preciso, às 16h45min. Depois, então, eu viro a mesa, paro com a discussão, exijo respeito total e digo um basta! – e vou ver televisão [...] Dos encargos de pai, aquele que acho mais pesado, embora seja o que mais rigorosamente me é cobrado, é ser contribuinte do imposto sobre a renda. Eu não teria nenhuma reclamação, se, de fato, usufrísse renda. Na falta dela, a Receita Federal vem em meu socorro e tributa meu salário. Mas há uma vantagem: os filhos de pais contribuintes são promovidos a dependentes. Meu dependente caçula é o que mais aprecia minhas qualidades. Fazemos grandes projetos juntos para o futuro. Prometi-lhe que, quando crescer, eu o levarei a ver como é uma eleição para Presidente da República. Ele ficou animado, perguntou se também podia votar. Parece que o ouvi dizer que gostaria de eleger um presidente civil. Pedi calma. O moleque já tem 6 anos, daqui a pouco será eleitor; não gosto de prometer o que não sei se me deixarão cumprir [...] antes que começasse a chorar, comprei-lhe um jogo de soldadinhos

de chumbo, com canhões e tudo, para que se divirta enquanto espera (DIAFÉRIA, 1983, p. 71).

De novo, Diaféria está escrevendo um texto pueril, mas, sob o signo da ditadura militar, aproveita para citar a necessidade de se votar e de se colocar um presidente civil no poder. Prossegue a crônica, e o assunto agora é a troca de fusíveis queimados por um pai responsável:

Minha melhor especialidade como pai é trocar fusível. Sempre que a chave elétrica cai, cabe a mim inspecionar a caixa de força. Graças a meu completo desconhecimento de fios e voltagens, a operação troca-fusível se reveste de emoções e expectativas sempre renováveis. O fusível é de cartucho e deve ser encaixado em presilhas de metal. Se a coisa não é feita com descortínio e engenho, desprendem-se faíscas terríveis. [...] Somente um pai experiente e corajoso como eu enfrenta essa. Até hoje não errei nenhuma vez, tanto que estou aqui, escrevendo esta crônica, em perfeita saúde. Não custa, porém, avisar que, se me ocorrer algum contratempo, quero que saibam que foi no cumprimento do dever. De resto, aprecio trocar fusíveis queimados. Poucas coisas envaidecem mais um coração vermelho de pai do que saber que também ele tem capacidade para dar à luz (DIAFÉRIA, 1983, p. 71).

No trecho, o cronista usa a palavra fusível para lembrar dos “fuzis” dos militares, fala também em “cartucho”, tudo por analogia, para mostrar ao leitor mais atento uma provocação aos militares, além de falar de sua saúde ameaçada. Também brinca com o dar à luz, um privilégio da mãe. E continua:

[...] Há pais que, no lugar das havaianas, sonham com o macarrão da mama. Difícil o pai que não está sujeito a essas cavilações, de modo especial quando a mulher sucumbe à fraqueza de exigir dinheiro para a feira. Pouco adianta explicar que a inflação está sob controle e que os preços não sobem como dizem. Mulher não acredita em discurso de marido. Fui dos poucos que tentaram reagir. Certa ocasião fechei a cara, obtemperei que não cederia nem mais um centavo. Que comprasse apenas o que o dinheiro comportasse, e tudo bem [...] Meia hora depois uma mulher voltou da feira. Trazia apenas um repolho.

- É isso aí - ela disse -, fiz o que você mandou. Você não é nem sombra do homem com quem casei.

É evidente que eu não iria engolir uma verdade dessas em minha própria casa. Peguei o repolho, segurei-o com a mão direita, esgazei os olhos e não deixei barato. Falei em tom dramático:

- Ser ou não ser, eis a questão!

A réplica quase me arrasou:

- Deixa de frescura, Hamlet.

Para recuperar o prestígio depois dessa cena, não me restou outro recurso senão obrar um gesto assombroso. Infelizmente a oportunidade surgiu quando o bужão de gás vazou. Todos fugiram, e só eu fui convocado. Procurei fazer ver que a valorosa equipe do Corpo de Bombeiros existe exatamente para atender a tais emergências (DIAFÉRIA, 1983, p. 72).

Cápítulo 2

ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A CRÔNICA NO BRASIL

“A crônica é a reinvenção da lua abstraída das violações científicas e espaciais, é a metafísica dos postes e das azaleias, é a lupa que permite confirmar, com a palavra escrita, se o sabonete Palmolive continua a abrir os poros e manter a pele leve e acetinada”, escrevia Lourenço Diaféria, mais de trinta anos atrás, num texto reproduzido por José Marques de Melo (2003, p. 162), em seu *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, uma obra cuja primeira edição é de 1985.

Quase como para responder ao apelo de Carlos Drummond de Andrade, reportado no capítulo anterior, sobre a necessidade de os jornais cuidarem com mais atenção das coisas frívolas e inúteis que não são nem frívolas nem inúteis – o poeta e cronista pensava na crônica –, Diaféria, traduzindo, como diz Melo (2003, p. 162), “com sentimento e paixão” o “sentido brasileiríssimo da crônica”, dizia que “a crônica existe para dar credulidade aos jornais, saturados de notícias reais demais para ser levadas a sério”. E o cronista continuava traduzindo para nós alguns daqueles sentidos mais fortes da crônica jornalística que estamos buscando neste segundo capítulo, sobre a teoria da crônica:

A crônica descobre as pessoas no meio da multidão de leitores. Ela revela ao distinto público que atrás do botão eletrônico existe um baixinho resfriado e de nariz pingando, que assoa e vocifera. A crônica serve para mostrar o outro lado de tudo – dos palanques, das torres, dos eclipses, das enchentes, dos barracos, do poder e da majestade. Ela não consta no periódico por condescendência. A crônica é a lágrima, o sorriso, o aceno, a emoção, o berro, que não têm estrutura para se infiltrar como notícia, reportagem, editorial, comentário ou anúncio publicitário no jornal. E, contudo, é um pouco de tudo isso (DIAFÉRIA, apud MELO, 2003, p. 162).

Entendida, no Brasil, como “relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária”, como entende Melo (2003, p. 149), para quem o cronista atua “como consciência poética da atualidade”, mantendo “vivo o interesse do seu público” e convertendo “a crônica em algo desejado pelos leitores” (MELO, 2003, P. 156), a crônica jornalística reúne um conjunto de características que

conformam o gênero e que nos interessa aqui levantar, antes de proceder à análise prevista para o terceiro capítulo. É possível listar desde logo as principais dessas características, a partir do que foi sendo dito nas páginas anteriores, até este momento, depois de termos escutado o depoimento de um dos cronistas com quem nos ocupamos no primeiro capítulo, Lourenço Diaféria. Procederemos por pontos:

- a) **Gênero jornalístico opinativo:** o livro de José Marques de Melo que estamos citando trata de gêneros jornalísticos opinativos, e é dentro dessa categoria que se situa o gênero crônica. Assim, de forma muito mais explícita e, inclusive, fazendo parte daquilo que poderíamos chamar de pacto com o leitor ou com a audiência, a crônica mostra que tem a ver com opinião e tomada de posição, sendo que a subjetividade do cronista está em melhores condições de aflorar, junto com o seu lado de autor, tanto mais se considerarmos duas outras características do gênero, a saber: a predominância das formas narrativas e a aproximação com as técnicas de escrita literárias. Sem maior aprofundamento porque não é o que nos preocupa fazer nesta parte do nosso trabalho, podemos dizer que a crônica se distancia – e parece fazê-lo com consciência e prazer – daquele jornalismo objetivo ou que se pretende vender como tal. Vale lembrar que, se a crônica pode ser classificada no campo do jornalismo de opinião, isso não acontece, como em outros gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo etc.), pela força do argumento, do raciocínio lógico, da análise, com os quais, como fica claro, não se produz exatamente uma crônica.
- b) **Namoro com a literatura:** pela via da narrativa – com seus personagens, cenas, diálogos, ações... –, o texto da crônica mantém, sim, uma proximidade com o mundo da ficção literária, e esse é uma das razões, inclusive, para o preconceito que em mais de um momento parece rondar o gênero: esse hibridismo lhe é às vezes prejudicial, tanto por afastá-lo daquilo que se convencionou chamar de objetividade jornalística quando por não ser considerado, por outro lado, literatura. Há, pois, no processo de produção da crônica preocupações de natureza não só técnica, mas também estética.
- c) **Um texto “gostoso” de se ler:** Quando Melo (2003, p. 156) se refere ao fato de a crônica ser “algo desejado pelos leitores”, podemos sem grande sombra

de dúvida imaginar que entre as razões para essa sedução encontra-se o fato desse bom entendimento da crônica com a narrativa e com a literatura. Qualquer manual básico sobre narrativa irá destacar que narrar é fundamental, é próprio do humano e existe, sob várias formas, desde a noite dos tempos. Some-se a isso a preocupação do cronista com uma estilística e com a estética narrativa, e podemos facilmente entender que a crônica chama também o leitor para um momento de fruição – ainda que o fato, a situação ou o detalhe que dispara a criatividade do cronista possa ser horrível, trágico, assustador, como às vezes é.

- d) **Outras características:** para não nos estendermos demais com essa lista, e para finalizar esse momento, podemos resumir mais algumas características que foram aparecendo em nosso estudo, para não perdê-las de vista, ainda que sem tempo e condições de aprofundá-las. 1) A crônica aparece, em geral, como um texto curto, de leitura ligeira, como mostra a experiência desde as suas origens no século XIX; 2) O detalhe, o recorte, o efêmero, o miúdo etc., e portanto um olhar treinado também para ver coisas que outros olhares apressados não veem, que gosta em gerar de flamar pelo mundo, constituem elementos ou atitudes disparadoras da composição do texto de uma crônica; 3) A etimologia grega da palavra crônica lembra o tempo (*chronos*), e por muitos séculos o vocábulo esteve associado à historiografia, como apontado, mas ao migrar para o jornalismo a crônica assume outra relação com o tempo, no sentido de atualidade, que é de fato o tempo do jornalismo (ou da informação de atualidade); 4) Por abstrair, em dose maior ou menor, do fato enquanto tal, romper com a superfície e enveredar pelos caminhos do humano, da alma humana, da psique ou da mente humana, a efemeridade que em caso normal é associada à crônica passa a assumir um grau maior ou menor de perenidade, razão pela qual, inclusive, as melhores crônicas de todos os tempos podem ser relidas em diferentes tempos e situações históricas, encontrando muitas vezes essa perenidade ao ser publicada em livros.

Esse conjunto de características da crônica jornalística não pretende ser completo. Inclusive porque é fácil perceber que faltam coisas nessa lista, coisas que também apareceram nas páginas anteriores, como, por exemplo, a frequente marca da ironia, até

do sarcasmo, às vezes. O aspecto lúdico pode ser uma outra dessas coisas, ou melhor, o lúdico que conversa com o sério. Nesse esforço para juntar as peças e construir um campo de sentidos sobre a crônica, podemos reproduzir um comentário dos organizadores da obra sobre o texto que publiquei, “Antônio Prata: um cronista do nosso tempo”, do qual falei na Introdução. Dizem eles:

Brincando e ao mesmo tempo falando muito sério sobre a vida que acontece no miúdo - vida que é feita de “pequenos lances” (Alcino Leite Neto) -, a crônica jornalística, desde que se consagrou como gênero de escrita no Brasil, já a partir do final do século XIX, conta de alguma maneira a história de uma verdadeira resistência. Compreensivamente, a crônica chama fortemente a atenção para o fato de que a vida “não é lógica” (Clarice Lispector), que a realidade resiste à definição e ao conceito, que é nas franjas da chamada objetividade que a vida real acontece. A crônica, diz mais uma vez Neto em texto citado pelo autor, se apresenta “como se fosse uma luta para desentranhar da realidade adversa um momento de graça, de sabedoria e de poesia”. Registrando o circunstancial, às vezes com ironia crítica, outras vezes com o intuito de divertir, a crônica, em seu namoro fértil com a literatura, possui o dom de transportar o leitor para o reino ora trágico e ora cômico do transcendente, lá onde tentamos, a duras penas, nos entender como humanos (KÜNSCH et al, 2017, p. 67).

2.1 Um gênero brasileiro, “desde Caminha”?

Há praticamente um consenso da parte dos autores e pesquisadores que estamos citando sobre o fato de a crônica constituir, dentro do jornalismo, “um gênero tipicamente brasileiro”, como expressa Melo (2003, 148), ou ainda quando chama a atenção para o que chama de “sentido brasileiríssimo da crônica” (MELO, 2003, p. 162). José Castello (2013, p. 304) sustenta isso. Antonio Candido também deixou isso claro em textos citados no capítulo anterior: a crônica veio do exterior no pacote do folhetim e se deu bem no Brasil. Tivemos desde o século XIX bons cronistas, e bons cronistas continuam a produzir suas crônicas nos dias de hoje, servindo como exemplo nesta pesquisa o nome de Antonio Prata. Mas talvez o argumento mais forte em favor da brasilidade do gênero encontra-se no fato de não haver, em outros países, um gênero idêntico, às vezes nem similar – e quando o vocábulo crônica aparece, pensa-se em outra coisa, como, por exemplo, na reportagem ou num tipo específico de reportagem.

Os mais empolgados com o gênero e com suas raízes nacionais, quase esquecendo por completo as origens históricas da crônica, como vimos no capítulo anterior, costumam

ver já na carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão das naus portuguesas sob o comando de Pedro Álvares Cabral, no ato do “descobrimento” – ou da “tomada de posse”, como as pesquisas hoje indicam –, as origens brasileiras do gênero. E é assim que o português Caminha acaba virando um cronista nacional. Em *A crônica* (1987, p. 5), Jorge de Sá se refere à correspondência de Caminha como a primeira crônica escrita no Brasil, em 1500. Segundo ele, foi ali a primeira vez que a paisagem brasileira despertaria o entusiasmo de um “cronista” em alguém, oferecendo-lhe conteúdo para aquela que seria o que ele chama de “certidão de nascimento” do país.

Se a carta de Caminha inaugurou o gênero ou configurou um processo literário ou jornalístico seria discutido ainda por muito tempo. Entretanto, “sua importância histórica e a sua presença constante até mesmo nos modernos poemas e narrativas atestam que, pelo menos, é o início da estruturação” (SÁ, 1987, p.5). Diz ainda o autor tratar-se de um marco, configurando a criação de um cronista no melhor sentido literário do termo. Caminha reproduz, com engenho e arte, “tudo o que ele registra no contato com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva” (SÁ, 1987, p.5).

O texto da “primeira crônica” escrita no Brasil por Caminha, a “Carta de Achamento do Brasil”, dirigia-se ao rei de Portugal, relatando minuciosa e cotidianamente os pormenores do “achamento”, o que mostra uma visão portuguesa dos acontecimentos – e a crônica seria então portuguesa, e não brasileira. Mais que a Caminha, poderíamos imaginar que a pergunta deveria ser endereçada talvez aos índios, para saber deles como eles narraram um com os outros a saga do “descobrimento”.

Editada em livros, inclusive pelo cronista Rubem Braga, a carta de Caminha tem na verdade muito pouco de crônica jornalística, e mais daquele gênero mais antigo de crônica, ligado à historiografia, como se falou – tratava-se de um relato, que se pretendia fidedigno, ao rei Dom Manuel, ainda que os portugueses possam ter se divertido bastante com índios e índias despreocupados em mostrar “suas vergonhas”.

(...) Fomos todos nos batéis em terra, armados; e a bandeira conosco. Eles andavam ali na praia, à boca do rio, para onde nós íamos; e, antes que chegássemos, pelo ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos, e acenaram que saíssemos. Mas, tanto que os batéis puseram as proas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mancal. E tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio, e meteram-se entre eles. E alguns aguardavam; e outros se afastavam. Mas, a coisa era de maneira que todos andavam misturados. Eles davam desses arcos com suas setas por

sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que lhes davam (...). E então tornou-se o Capitão para aquém do rio. E logo acudiram muitos à beira dele. Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta (...). Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma (CAMINHA apud BRAGA, 1999, p.5).

O relato é “fiel às circunstâncias”, e “todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa” (SÁ, 1987, p. 6). Dessa forma, continua o autor, Caminha narra os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganham uma certa concretude:

Essa concretude assegura a permanência, impedindo que caíam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances, e, estabelecendo esta estratégia, Caminha orquestrou também o princípio básico da crônica: o de registrar o circunstancial e nossa literatura nasceu, pois, do circunstancial. Nasceu da crônica (SÁ, 1987, p. 6).

Parece forçar bastante a barra atribuir à carta de Caminha esse gosto e esse olhar para o circunstancial que se encontram na base da composição da crônica jornalística. Mais ainda descobrir na pena de Caminha algo assim como o ato fundador da literatura pátria. O que nos leva a fazer uma observação sobre os textos, sobretudo de jornalistas e pesquisadores de jornalismo, que tratam (com empolgação, geralmente) da crônica: há um claro empenho tanto no sentido de fixar o lado brasileiro da crônica, como também de ver nela um gênero jornalístico puro – daí nascendo a insistência sobre o fato ou acontecimento jornalístico, a informação e a atualidade, como veremos mais adiante, em detrimento às vezes daquelas características apontadas antes, que fazem da crônica algo “sui generis” dentro do jornalismo.

2.2 A leveza e o peso do circunstancial

Com ou sem Caminha ocupando um posto importante nessa história, o fato é que desde que a crônica aportou por aqui, mais de três séculos depois de Cabral, até os dias

atuais, o gênero passou por distintas etapas. Percorreu um caminho e um processo cujo ponto principal é constituído por seu abasileiramento – e o apego ao circunstancial, esse olhar quase que desinteressado sobre o pequeno e o miúdo, às vezes o recorte do recorte, configura-se como uma de suas marcas essenciais. O cronista-repórter lança sobre esses detalhes da vida o seu olhar poético, mas é também preciso anotar – é importante assinalar isso – que, muitas vezes, esse “miúdo” é também o inusitado de uma situação, o paradoxo, aquilo que chama a atenção ou que incomoda. Na crônica “Herói. Morto. Nós”, de Lourenço Diaféria, sobre a qual falamos no capítulo anterior, há sentidos inusitados no episódio do militar que, em plena Semana da Pátria, se lança ao poço das ariranhas para salvar uma vida, mostrando um gesto extremo de heroísmo num tempo de repressão, violência e desprezo à própria vida, causados pelo regime militar.

Temos visto desde Machado de Assis, quando ele fala sobre o ofício do cronista, passando pelo estudo, ainda que breve, da *flânerie*, como o cronista é alguém de olho atento, com o pé na rua – a rua cuja alma é encantadora, como diz o título de uma das principais obras do nosso *flâneur* do início do século XX, João do Rio. Seja pela linguagem ou pela sintaxe, seja pelos recortes que retira dos fatos e das situações cotidianas, a crônica jornalística depende da vida mundana, nasce dela, ou melhor e mais uma vez, desse olhar para as coisas em geral miúdas – não sem importância – do cotidiano. Sá, que concorda com a marca do circunstancial, continua a pensar na carta de Caminha:

[...] muitos pensam que narrativa curta é sinônimo de conto (...). A crônica não tem essa característica. Perdendo a extensão da carta de Caminha, conservou a marca de registro circunstancial feito por um narrador-repórter, que relata um fato não mais a um só receptor privilegiado, como o el-rei D. Manuel, porém a leitores que formam um público determinado (Sá, 1987, p.7).

Está aí embutida, na voz de Sá, a ideia do “relato do fato (jornalístico)” a que nos referíamos antes. De fato, o relato como relato se situa distante da crônica, ainda que o relato, dependendo do objeto da crônica, possa vir a ser utilizado com bom proveito. Mas a crônica, definitivamente, não está centrada na ideia de relato – e isso, mesmo contrariando a visão objetivista do jornalismo, que, como dissemos, costuma estar por detrás dos estudos sobre a crônica.

A crônica, acrescenta Sá, soma jornalismo e literatura, e seu conteúdo é dirigido a uma classe que tem preferência pelo jornal onde é publicada. Depois de algum tempo,

irá integrar alguma coletânea. O organizador geralmente é o próprio cronista. O cronista, além de ter de se identificar com a ideologia ou com a linha editorial do veículo onde ele publica suas crônicas, também tem de se adequar ao espaço de que dispõe (SÁ, 1987, p.7) – e o comentário do autor deixa perceber como os estudos de crônica são ainda herdeiros do modelo de jornal ou revista impressa. Parece que continua a existir, por detrás de todas as considerações, a noção da crônica que nasce lá atrás do folhetim para se transformar com o tempo em gênero jornalístico, com toda a força do jornal impresso e da revista nesse processo.

Endossando Sá, José Castello, acrescenta que, “nas fronteiras longínquas da literatura, ali onde os gêneros se esfumam, as certezas vacilam e os cânones se esfumam, resiste a crônica”. Em sua visão, nem todos os escritores se arriscam a experimentá-la e os que o fazem se expõem, muitas vezes, a uma “difusa desconfiança”:

Para os puristas, a crônica é um *gênero menor*. Para outros, ainda mais desconfiados, não é literatura, é jornalismo – o que significa dizer simples registro documental. Alguns acreditam que ela seja um gênero de circunstância, datado – oportunista. Não é fácil praticar a crônica. Definida pelo dicionário como “narração histórica, ou registro de fatos comuns”, a crônica ocupa um espaço fronteiro entre a grandeza da história e a leveza atribuída à vida cotidiana. Uma posição instável e nem um pouco cômoda, em que a segurança oferecida pelos gêneros literários já não funciona. Lugar para quem prefere se arriscar, em vez de repetir. A crônica confunde porque está onde não deveria estar: nos jornais, nas revistas, e até na televisão – e nem sempre nos livros. Literatura ou jornalismo? Invenção ou uma simples (e literal) fotografia da existência? Coisa séria ou puro entretenimento? (CASTELLO, 2013, p. 304).

Já estamos a esta altura em plenas condições de perceber, na análise do gênero por Castello, citada na referência acima, um conjunto de anotações pelo menos duvidosas sobre a crônica. Podemos observar isso, por exemplo, quando ele, ao admitir a crônica como gênero jornalístico, tenta atribuir a ela o caráter de “simples registro documental”. Independentemente do que se possa pensar ou dizer sobre a crônica, parece claro que o fenômeno jornalístico, desde as suas origens mais remotas, jamais pôde ser confundido com um simples “registro documental do real”. Os distintos gêneros jornalísticos e as categorias da informação, da opinião e da interpretação (MELO, 2003; BELTRÃO, 1980); as práticas mais ousadas da reportagem ou de livro-reportagem (LIMA, 2009) e distintos modos e modelos de exercício do jornalismo (investigativo, narrativo, literário, de dados etc.), tudo isso desaprova a interpretação simplificadora de jornalismo como

“relato” e “registro” do acontecimento. Por outro lado, como também já apontamos, é fácil perceber na mesma citação essa aproximação, hoje bastante indevida, entre crônica e História – ainda que a crônica, como a reportagem, o livro-reportagem e outros possam assumir uma dimensão histórica, como ocorre às vezes com textos e imagens do mundo do jornalismo que assumem importância histórica. A História, no entanto, não representa hoje uma marca da crônica jornalística.

Castello (2013) teoriza ainda que a suposição geral é que os cronistas digam sempre a verdade – o que se entenda por verdade, especialmente porque as crônicas são publicadas na imprensa, lugar dos fatos, das notícias e da matéria bruta, mas também porque elas costumam ser narradas na primeira pessoa. Retomamos o que em grande parte já vimos, Castello explica que a crônica se firmou ao longo do século XX no Brasil – Antonio Candido traz o marco dos anos 1930, como vimos –, tendo por base a liberdade. Ou seja, embora abrigada nos grandes jornais e revistas – e hoje também em sites, blogs na internet –, depois reunida em livros, ela já não tem compromisso com mais nada: nem com a vontade dos fatos, que balizam o jornalismo, nem com império da imaginação, que define literatura. Desta forma, a crônica traz de volta à cena literária o gratuito e o impulsivo. “O cronista não precisa brilhar, não precisa se ultrapassar, não precisa surpreender ou chocar; ele deseja, apenas, a leveza da escrita” (CASTELLO, 2013, p. 305-306) – ainda que, como poderíamos comentar, também não está correto resumir a importância da crônica à leveza e à beleza do texto. Este apontamento é de importância fundamental quando consideramos, no capítulo terceiro, o lugar da crônica de Antonio Prata no espaço da sociedade e da política nacional. Mas vamos continuar ouvindo Castello:

Considerada por muitos como um gênero híbrido, a crônica concede ao escritor a mais atordoante das liberdades: a de recomeçar do zero. Quando escreve uma crônica, o escritor pode ser ligeiro, pode ser informal, pode dispensar a originalidade, desprezar a busca de uma marca pessoal – pode tudo. Na crônica, ainda mais do que na ficção, o escritor não tem compromissos com ninguém e isso parece fácil, mas é frequentemente assustador. Pode falar de si, relatar fatos que realmente viveu, fazer exercícios de memória, confessar-se, desabafar. Mas pode (e deve) também mentir, falsificar, imaginar, acrescentar, censurar, distorcer. A novidade não está nem no apego à verdade nem na escolha da imaginação: mas no fato de que o cronista manipula as duas coisas ao mesmo tempo – e sem explicar ao leitor, jamais, em qual das duas posições se encontra. O cronista é um agente duplo: trabalha, ao mesmo tempo, para os dois lados e nunca se pode dizer, com segurança, de que lado ele está. Na verdade, ele não está em nenhuma das posições, nem na da verdade nem na da imaginação – mas está “entre” elas. Ocupa

uma posição limítrofe – e é por isso que o cronista inspira, em geral, muitas suspeitas (CASTELLO, 2013, p. 307).

Seria interessante que o autor explicasse em que sentido o cronista pode “mentir”, e até é possível imaginar que isso possa se dar na área do uso de recursos literários, e não da mentira sobre os fatos e acontecimentos, as situações, esses lugares de onde o cronista-repórter retira a matéria-prima para as suas crônicas. De qualquer modo, esse comentário dialoga com a observação seguinte de Castello, para quem, ainda, alguns jornalistas veem o cronista como leviano, mentiroso, apressado, irresponsável. Acreditam que o cronista se configure como um preguiçoso, interesseiro, precipitado, imprudente, venal até.

E o cronista tem de se ver, sempre, com essas duas restrições. Uns o tomam como uma ameaça à limpidez dos fatos e ao apego à verdade que norteiam, por princípio, o trabalho jornalístico. Outros, por seus compromissos com os fatos e com as miudezas do cotidiano, como um perigo para a liberdade e o assombro que definem a literatura (CASTELLO, 2013, p. 304).

Parece restar claro, no texto citado, que a desconfiança e até os ataques contra a crônica, provenientes muitas vezes do próprio campo jornalístico, devem mesmo estar ligados a um modo de perceber o jornalismo como prática da objetividade pura, da imparcialidade, do distanciamento, da negação da subjetividade do repórter. Essa visão, que poderia ser considerada hoje antiga de jornalismo, embora não estejamos em condições de aprofundar o assunto aqui, é refém do Positivismo, que tão fortemente marcou desde o século XIX todas as disciplinas e todos os campos do saber. Ora, a crônica, como é fácil perceber, não combina muito com esse espírito positivista. Vamos repetir neste contexto um trecho do comentário que foi feito ao capítulo de livro que publiquei, que é parte de uma citação mais longa trazida na primeira parte deste capítulo:

[...] a crônica jornalística, desde que se consagrou como gênero de escrita no Brasil, já a partir do final do século XIX, conta de alguma maneira a história de uma verdadeira resistência. Compreensivamente, a crônica chama fortemente a atenção para o fato de que a vida “não é lógica” (Clarice Lispector), que a realidade resiste à definição e ao conceito, que é nas franjas da chamada objetividade que a vida real acontece (KÜNSCH et al., 2017, p. 67).

Adiante Castello explica que o cronista parece “um cigano, um nômade a transitar, com dificuldades, entre dois mundos, sem pertencer, de fato, a nenhum dos dois. Um

errante, com um pé aqui, outro ali, um sujeito dividido. E o leitor, se tomar o que ele escreve ao pé da letra, também pode se encher de fúria, somando os seguintes argumentos”:

Como esse sujeito diz hoje uma coisa se ontem disse outra? Como se descreve de um jeito se ontem se descreveu de outro? Onde pensa que está? Quem pensa que é? Mas é justamente essa a vantagem do cronista: ele não se detém para pensar onde está ou no que é; ele se limita a sentir e a escrever. Depois da explosão de gêneros promovida pelo modernismo do século XX, o cronista se torna – à sua revelia, a contragosto – uma figura exemplar. Transforma-se em um pioneiro que, entre escombros e imprecisões, e sempre pressionado pelo real, se põe a desbravar novas conexões entre a literatura e a vida – sem que nem a literatura nem a vida venham a ser distraídos. Figura solitária, o cronista se torna, também, uma presença emblemática, a promover simultaneamente dois caminhos: o que leva da literatura ao real e o que, em direção contrária, conduz do real à literatura (CASTELLO, 2013, p. 308).

O exemplo de uma das obras da gaúcha Eliane Brum, com o sugestivo título – tão próximo daquilo que temos chamado de o olhar do cronista – de *A vida que ninguém vê* (BRUM, 2006), pode nos ajudar na compreensão mais apurada de várias coisas que estamos vindo falando. Uma primeira nota interessante é que o pequeno livro de crônicas, que reúne 23 histórias retiradas literalmente das ruas de Porto Alegre e de seus arredores no final dos anos 1990 para o jornal *Zero Hora*, ganhou no ano de seu lançamento o Prêmio Jabuti na categoria Livro-reportagem – o que mostra, mais uma vez, os hibridismos e as liberdades que circundam o gênero. A crônica, que Melo (2003) situa em seus estudos na origem da reportagem, mantém com esta uma aproximação que os bons repórteres sabem utilizar com maestria. Como Eliane Brum, por exemplo

Sintomaticamente, a obra que lançaria mais que outras a repórter gaúcha no cenário do jornalismo nacional e internacional, sendo hoje uma das mais lidas, estudadas e mais amadas que odiadas jornalistas brasileiras, com uma produção invejável, começa, assim, do pequeno e do miúdo, de um olhar que a repórter chama de “insubordinado”, capaz de “contar os dramas cotidianos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício da escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida, uma Odisseia” (BRUM, 2006, p. 187).

Uma conversa ainda que rápida com os personagens invisíveis – mas que a crônica torna visíveis – dessas histórias (o “enjeitado” Israel, “escória da escória”, que se encanta pela professora e mete a cara no estudo; Adail José da Silva, o carregador do aeroporto

Salgado Filho; “Sapo”, que vive arrastando a barriga na Rua da Praia, e tantos outros) seria capaz de revelar essa característica da crônica, quando bem escrita, de transcender o momento, o miúdo, o detalhe, o circunstancial, para projetar os sentidos que ela manipula no universo perene do humano e da própria História. Assim, flanando pelas ruas de Porto Alegre, Brum vai descortinando sentidos que ajudam a compor um quadro de compreensão dos sentidos da própria cidade e do mundo – eis aí a força da crônica. Quando isso acontece num texto muito bem escrito, tanto melhor. Vale ouvir um pouco Eliane Brum a respeito dessa mudança de foco no olhar do repórter:

Em 1999, ao trilhar as ruas de Porto Alegre, pelas quais tantas vezes eu tinha andado, o desafio era pisar sobre as mesmas pedras, mas olhar de outro lugar. Não é um truque banal, é uma alteração de foco que se faz em apenas um segundo e uma inclinação de alguns centímetros do pescoço, mas que resulta avassaladora. O mendigo da Rua da Praia, estatelado no chão, barriga sobre a laje, havia 30 anos. Não sei quantas vezes passei por ele com pena e culpa. *A vida que ninguém vê* me impôs – e não foi fácil – curvar o pescoço, me agachar e colocar meus olhos no mesmo plano dos olhos dele. Dessa posição de igualdade, pude enxergá-lo. Bastou olhar para baixo para que Sapo pudesse me contar como era olhar para cima (BRUM, 2006, p. 189).

2.3 Tipos de crônicas e modos de entendê-las

O exemplo de *A vida que ninguém vê* mostra já um primeiro tipo de crônica possível – a crônica-reportagem ou a reportagem-crônica –, que nasce das liberdades que o gênero oferece em seu trânsito com a literatura, com as técnicas de escrita e com a subjetividade do autor. Mas antes de adentrar esse território dos tipos, convém reforçar algumas ideias que vêm sendo apresentadas desde o início do capítulo, com o auxílio, mais uma vez, de José Marques de Melo em seu *Jornalismo opinativo* (2003). De novo, ao insistir sobre a brasilidade do gênero, e compulsando um conjunto de obras dos continentes americano e europeu, Melo conclui não existir um gênero equivalente na produção jornalística de outros países.

Gênero consagrado no jornalismo brasileiro, “só mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro, bem mais antigo, o de narração histórica por ordem cronológica”, como aponta Paulo Rónai, num texto já antigo, que traz por título “Um gênero brasileiro: a crônica”, de 1971 (apud MELO, 2003, p.149). No plano internacional, porém, assume maior força o sentido que a crônica brasileira, com o avançar da

configuração do gênero, parece ter deixado para trás, “o de relato cronológico, o de narração histórica:

Trata-se, portanto, de um gênero controvertido, cuja caracterização varia de país para país. Mesmo entre nós ainda é comum usar a palavra crônica para designar, além do gênero que adquiriu especificidade incontestável no jornalismo, outras formas de expressão noticiosa mais próximas da reportagem. Fala-se, por exemplo, de “crônica social”, “crônica policial”, “crônica teatral” etc. Do ponto de vista histórico, crônica efetivamente significa narração de fatos, de forma cronológica, como documento para posteridade. A produção dos cronistas foi legitimada pela literatura que a recolheu como representativa da expressão de uma determinada época (MELO, 2003, p.149).

Martínez Albertos, também citado por Melo, atribui à crônica uma origem eminentemente latina – França, Espanha, Itália –, assemelhando-se, mas não tendo correspondente precisos, a certas formas de expressão do jornalismo alemão, inglês ou norte-americano.

Na pesquisa que realizou sobre a crônica latina, ele diz que esse gênero assume caráter tipicamente informativo, mesclado, porém, de elementos valorativos que revelam a percepção pessoal do redator. Seu conceito de crônica é o seguinte: a narração direta e imediata de uma notícia com certos elementos valorativos que sempre devem ser secundários a respeito da narração do fato de si. Procura refletir o acontecimento entre duas datas. (MELO, 2003, p.150).

Nota-se, mais uma vez, agora no espanhol Martínez Albertos, a tentativa de dar à crônica um caráter eminentemente jornalístico, colocando o acento sobre o seu teor “informativo” – ainda que admitindo “elementos valorativos” –, sobre a “narração direta e imediata de uma notícia”, a “narração do fato em si” e o “reflexo” do acontecimento. O autor de *Jornalismo opinativo* referencia ainda nesse mesmo sentido o croata-peruano Juan Gargurevich, que é taxativo ao proclamar que “a crônica é a antecessora imediata do jornalismo informativo”. Ele esclarece:

Quando a indústria da informação não havia alcançado ainda o vigor que lograria em meados do século passado, os próprios jornalistas davam às notícias a denominação de crônicas, influenciados provavelmente pelo gênero histórico-literário que tem o mesmo nome (apud MELO, 2003, p.150).

Anote-se que por “século passado”, tendo sido a obra de Gargurevich, *Géneros periodísticos*, sido publicada no início dos anos 1980, entende-se o século XIX. Conforme assume Melo, essa tese encontra respaldo na bibliografia do jornalismo europeu de raízes latinas. Com pequenas variações nacionais, esse gênero jornalístico, como apontado por Martinez Albertos, possui características comuns na Itália, França e Espanha. Melo resume:

No jornalismo francês, denomina-se crônica a cobertura “especializada” que os jornalistas fazem de determinados setores da atividade social ou cultural; Folliet registra várias modalidades de crônicas: religiosa, dos tribunais, literárias, dramática, musical, artística, agrícola, jurídica, etc. Já no jornalismo italiano, o sentido predominante é o de informação observada e conferida pelo repórter. Diz Domenico de Gregorio: “A crônica se apresenta como um texto procedente de um jornalista que recolheu os elementos noticiosos longe da redação [...], o redator esteve no lugar em que os acontecimentos ocorreram”. Assim sendo, na Itália a crônica aproxima-se mais do sentido que, no Brasil, atribuímos à reportagem. Na França, oscila entre a reportagem setorial e o nosso colunismo. Na Espanha, combina a notícia e o comentário (MELO, 2003, p.150-151).

“Mas não existiriam, nos demais países, gêneros jornalísticos equivalentes à crônica brasileira (ou luso-brasileira), mesmo utilizando denominações diferentes?”, pergunta-se Melo, buscando evidências que confirmam a hipótese da originalidade da crônica nacional, como ele refere, no mesmo trecho que estamos citando:

Na Inglaterra, por exemplo, existem dois gêneros que se aproximam da crônica. Naquela acepção que Martínez Albertos chama de “latina”, a crônica tem seu equivalente na forma de expressão que os ingleses rotulam de *action stories*. Já no sentido luso-brasileiro – relato poético do real – corresponde ao gênero que Afrânio Coutinho registrou como *personal essay* ou *familiar essay*. Já na Alemanha, há um gênero próximo da nossa crônica: a *glosa*. Dovifat o define como comentário breve sobre fatos do cotidiano. A rigor, a glosa alemã está mais identificada com o *suelto* hispano-americano, afigurando-se como um ensaio curto e não como uma narrativa leve. Finalizando, nos Estados Unidos, Gargurevich vê a sobrevivência da crônica no *feature*, se bem que seja uma compreensão bastante ampla; na verdade, possuem alguma familiaridade com a crônica brasileira somente alguns tipos de *feature stories*; a *human story* ou a *color story* (MELO, 2003, p.152).

Muito haveria para ser estudado e dito hoje sobre essas semelhanças e diferenças entre gêneros no campo do jornalismo, passadas as décadas e tendo as sociedades ingressado nisso que alguns autores chamam de Era Digital. Trata-se de um estudo que

não podemos nem precisamos fazer aqui. Por duas razões: a primeira é que os argumentos apontados, independentemente das distâncias no tempo entre as experiências analisadas, podem ser considerados suficientes para dar à crônica, como ela veio sendo praticada e como, malgradadas as mudanças, ela está viva ainda em nossos dias, um estatuto de cidadania nacional. A crônica, no Brasil, existe associada aos nomes de tantos e tão bons cronistas do passado e do presente, de José de Alencar e Machado de Assis até hoje. Existe associada a veículos impressos e também eletrônicos. Existe em um número bem grande de coletâneas, que conservam a parte melhor desses textos, alguns já do século XIX, para a posteridade. Uma segunda razão é que não faz parte do escopo deste trabalho esse estudo comparativo dos gêneros.

Poder-se-ia também supor que os gêneros jornalísticos, nos distintos países, com as mudanças operadas pelo tempo e com a avalanche das transformações operadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, como hipótese, estejam mais caminhando para conversas e hibridismos entre os gêneros a partir da tradição jornalística de cada país do que no sentido de assumir os contornos de um ou outro gênero de outros contextos culturais. Nesse sentido, um estudo hoje interessante poderia ser o de aprofundar as formas de diálogo entre gêneros jornalísticos que sempre estiveram bastante próximos, como pode ser o diálogo da crônica com a reportagem – demos o exemplo das crônicas de Eliane Brum –, com o ensaio, com o perfil jornalístico e com o conto, para citar os mais próximos.

Falando a partir sempre da ótica do predomínio do jornalismo impresso e de um tempo anterior ao nosso com suas distintas revoluções de gêneros e significados, Melo aponta o que considera as características fundamentais da crônica no Brasil:

- 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva.
- 2) Crítica social, que corresponde a “entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem”. Diz Antonio Cândido que essa tarefa o cronista realiza de modo dissimulado, pois ele mantém o “ar despreocupado de quem está falando coisas sem maior consequência”. Esse é um traço essencial da crônica moderna, que assume o ar de “conversa fiada”, de apreciação irônica dos acontecimentos, deixando de ser “o comentário mais ou menos argumentativo e expositivo” que se praticava nos fins do século XIX (MELO, 2003, p.156).

Um comentário de Sá reforça uma ideia, que adiantamos alguns parágrafos antes, de que o texto da crônica, por sua natureza, chama para a fruição. Apesar de sua aparente

simplicidade, a crônica só consegue ser completamente valorizada quando a lemos criticamente, e às vezes mais de uma vez, descobrindo a sua significação. Se é raro que alguém faça isso, por exemplo, com uma notícia, não é nada raro que possa fazê-lo, normalmente com bom proveito, com a crônica. Leituras e releituras conseguem ir revelando distintas camadas de significados, que são aquelas coisas que acabam dando à crônica o seu caráter de universalidade e de perenidade. “A partir da segunda leitura, a carga emotiva da crônica já nos alcança com maior profundidade”, escreve Sá (1987, p. 79).

Sob outro ângulo, quando a crônica passa, por exemplo, do jornal para o livro, temos a sensação de que ela superou a transitoriedade e se tornou eterna – dando assim razão à ideia, que estamos defendendo, de que há elementos na crônica que transcendem o momento e a lançam para o território do humano-universal, sem, é claro, pensar nisso como uma espécie de determinismo.

Uma vez publicada, a crônica assume uma certa reelaboração, na medida em que é escolhida pelo Autor (em alguns casos, é outra pessoa quem organiza a coletânea). Além disso, ela se torna mais duradoura, porque os textos que envelheceram devido à sua excessiva circunstancialidade não entram na seleção (SÁ, 1987, p. 83).

Massaud Moisés, ao lembrar que os textos escritos para o jornal morrem automaticamente a cada dia, sendo substituídos por outros – hoje, na era do digital, poderíamos dizer que morrem a cada minuto, ou segundo –, traça as diferenças entre essa transitoriedade e a perenidade possível da crônica. O autor começa por dar razão a nós quando ele vê na crônica algo que vai além do mero sentido informativo: a crônica, embora sua ligação às vezes umbilical com o cotidiano, “não visa à mera informação”. O objetivo, confesso ou não, da crônica é “transcender o dia-a-dia pela universalização”, porque o cronista, “ao contrário do repórter, tem um pouco de poeta ou ficcionista do cotidiano” – o que nos reforça em nossa ideia que é pelo lado da narrativa e da aproximação com a literatura que essa universalização e essa perenidade se dão. “Aliás, como procede todo autor de ficção, com a diferença de que o cronista reage de imediato ao acontecimento, sem deixar que o tempo lhe filtre as impurezas ou lhe confira as dimensões de mito, horizonte ambicionado por todo ficcionista de lei” (MOISÉS, 1992, p. 247).

“Desta forma, a crônica oscila, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por

meio da fantasia”, continua Moisés (1992, p. 247), trazendo bons elementos para a análise das relações entre a crônica e a reportagem:

Assim, o cronista, não dissimula o seu tom de reportagem, a despeito do emprego da primeira pessoa do singular. E o tom de reportagem, de história presente, é dado pela linguagem, predominantemente referencial, destinada antes a comunicar uma informação que a expressar os produtos da fantasia criadora: a metáfora, que continua a prevalecer, é certo, mas em grau elementar, próximo do da prosa de ficção, com a diferença fundamental de que, encerrada a crônica, o fragmento transcrito não acusa qualquer sentido metafórico mais amplo (...) Em suma, estamos perante um fiapo de prosa não-literária, ou do emprego conativo da linguagem, segundo a classificação de Bühler e Jakobson. No entanto, o mais da crônica em que se localiza tal segmento, livra-se da reportagem pura e simples graças a outros ingredientes propriamente literários, dos quais é de ressaltar o humor (MOISÉS, 1992, p. 247-248).

A impressão que fica, na conversa com Moisés, é que uma porção de coisa certa esteja sendo dita ao lado de outras que nos parecem erradas. Podemos discordar do que ele diz, por exemplo, sobre a metáfora, que, em sua visão, é “destinada antes a comunicar uma informação que a expressar os produtos da fantasia criadora”, parecendo-nos de novo que o autor esteja preocupado, num grau que pode ser excessivo, com a relação da crônica jornalística com a informação. Mais difícil, ainda, é comungar da ideia de que “encerrada a crônica, o fragmento transcrito não acusa qualquer sentido metafórico mais amplo”, o que depõe em vários sentidos contra a ideia da transcendência de significados da crônica, de seus sentidos universais, de sua perenidade.

Nascem, no entanto, dessas reflexões do autor os tipos de crônica que ele vê existirem, sempre nos parecendo que ele se manifesta muito preocupado em garantir à crônica o seu caráter jornalístico, talvez assustado, como tantos outros autores e jornalistas, com a aproximação do texto da crônica à literatura e à ficção, para aquele namoro de que temos vindo falando. Assim, de acordo com Moisés, quando o caráter literário assume a primazia, a crônica deriva para o conto ou a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo, de onde os dois tipos fundamentais de crônica: a crônica-poema e a crônica-conto. “Há quem considere o debate das ideias como um possível terceiro tipo de crônica, mas a rigor trata-se de prosa doutrinária em forma de artigo de jornal, como poderia ser de revista ou capítulo de livro, e não de crônica” (MOISÉS, 1992, p. 250).

Moisés acrescenta que, “não obstante, há quem sublinhe o parentesco da crônica com o ensaio informal. Trata-se, contudo, de semelhança apenas quanto ao impulso de origem ou na sua mecânica geratriz; mas depois se afastam. Com efeito, a crônica e o ensaio caracterizam-se pela subjetividade” (MOISÉS, 1992, p. 250).

Envolvem idêntico movimento do “eu”, mas enquanto o ensaio guarda sempre uma intenção, ainda que sob o disfarce da informalidade, a crônica, ou repele a intencionalidade ou deixa de ser crônica. É que a crônica, como vimos, embora procure vencer a efemeridade do jornal, somente encontra ali sua guarida: é escrita no e para o jornal (ou revista), depende do dia-a-dia momentoso e/ou da memória do escritor (MOISÉS, 1992, p. 251).

A crônica, sempre de acordo com Moisés, oscila, por conseguinte, entre a poesia e o conto. Enquanto poesia, explora a temática do “eu”, resulta de o “eu” ser o assunto e o narrador a um só tempo.

Precisamente como todo ato poético. Rubem Braga, mestre no gênero, ainda nos fornece os elementos para esboçar a teoria que sustenta a crônica. O fato de imprimir o seu texto em jornal e as demais características adiante resenhadas impedem ao cronista de levar mais a fundo a sondagem no recesso do “eu. Crônica-poema, poema em prosa podem ser os designativos dessa excursão para a poesia; e qualquer dos casos, a crônica se inseriria no âmbito da prosa poética, visto que denuncia a simbiose entre os dois gêneros (MOISÉS, 1992, p. 253).

Quando não se identifica ao conto ou à reportagem, quando não se torna artigo doutrinário ou simples nota, a crônica ostenta características específicas. A primeira delas diz respeito à brevidade: no geral, a crônica é um texto curto, de meia coluna de jornal ou de página de revista.

Na crônica, o foco narrativo situa-se invariavelmente na primeira pessoa do singular; mesmo quando o “não-eu” avulta por encerrar um acontecimento de monta, o “eu” está presente de forma direta ou na transmissão do acontecimento segundo sua visão pessoal. A impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo (MOISÉS, 1992, p. 255).

Tratando de questões de linguagem e estilo, Moisés considera que o monodialogo repercute todo o hibridismo da crônica: direto, espontâneo, jornalístico, de imediata

apreensão, e que nem por isso deixa de manusear todo o artesanal metafórico que identifica as obras literárias.

Preso ao acontecimento, que lhe serve de motivo e acicate, o cronista não se perde em devaneios. E, invertendo os pólos, sua inquietação lírica ancora na realidade do fato real. Acentuado o primeiro pólo, o estilo registra a referencialidade da prosa jornalística; emigrando para o segundo, o cronista explora a polissemia da metáfora. Fulcral o balanço entre as duas extremidades, questão de vida ou morte para o cronista. Em pleno círculo vicioso, a crônica se alimenta do estilo porque destinada ao jornal ou revista (MOISÉS, p. 258).

Está longe de nós desmerecer o esforço que Moisés e outros autores fazem para traçar uma linha divisória, ainda que às vezes tênue, entre jornalismo e ficção, aproximando portanto até onde possível e desejável a crônica da literatura, sem perder no entanto a referência dessa mesma crônica, como gênero jornalístico, em relação ao chamado real. Numa obra mais recente, de 2010, sobre os gêneros jornalísticos, Melo continua insistindo no caráter jornalístico, referencial e valorativo da crônica, vendo nela uma forma de expressão do jornalista/escritor, que tem por objetivo transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos, reportando-nos à atualidade, ao momento, ao instante.

A atividade dos “cronistas” vai estabelecer a fronteira entre a logografia – registro de fatos, mesclados com lendas e mitos – e a história narrativa – descrição de ocorrências extraordinárias baseadas nos princípios da verificação e da fidelidade. Dessa forma, a crônica assume o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte referência as informações coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares (MELO, 2010, p. 105).

Telê Porto Ancona Lopez, percebendo a crônica no meio do caminho entre a literatura e o jornalismo, recoloca o tema de que se trata de um gênero híbrido. Trabalha com a objetividade desejável do jornalismo e com a subjetividade da criação literária, unindo “com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as linhas mestras da ideologia do autor” (LOPEZ, 2010, p. 168).

Falando em tipos e categorias, para encerrar este e começar a viagem pelo terceiro capítulo, recordemos o que adiantamos antes sobre a crônica-reportagem ou a reportagem-crônica, com a ajuda de Eliane Brum em sua obra *A vida que ninguém vê*

(BRUM, 2006). Também o que disse Moisés sobre o que ele chama de crônica-poema e crônica-conto.

Outras classificações, citadas por Melo (2003, p. 157-159) incluem a de Luiz Beltrão, que distingue entre crônica geral, crônica local e crônica especializada, subdividindo essa última categoria em crônica analítica, crônica sentimental e crônica satírico-humorística. Afrânio Coutinho, por sua vez, classifica as crônicas como crônica narrativa, crônica metafísica, crônica-poema-em-prosa, crônica-comentário e crônica-informação. O próprio Antonio Cândido possui também a sua classificação, distinguindo entre crônica-diálogo, crônica-narrativa, crônica exposição poética e crônica biografia-lírica.

Não consideramos muito importante e relevante trabalhar essas distinções. Em se tratando de crônica e de seus distintos hibridismos, a começar pelo jornalismo e a literatura, é provável que as classificações mais atrapalhem que ajudem. Mas tem valor o olhar que se lança sobre essas classificações todas: mostra as várias possibilidades que o gênero oferece, ora aproximando mais a crônica da poesia e dos sentimentos, ora fazendo pesar mais a força da informação e do relato e ora, ainda, produzindo textos em que se utilizam uma forma ou outra de argumentação.

Nessa linha, nada melhor do que ouvir as definições de crônica de um cronista de verdade, Luís Fernando Veríssimo, que “oferece um esquema classificatório tomando como ponto de referência a ‘qualidade’”, dividindo a crônica em “a) crônica; b) crônica; c) crônica. Como identificar cada subdivisão?” (MELO, 2003, p. 159). Veríssimo responde:

Crônica é qualquer crônica, ou uma crônica qualquer. Croniqueta é o nome científico da crônica curta, como pode parecer. [...] Cronicão é a crônica grande substancial, com parágrafos gordos. [...] Grande crônica é o crônica. O crônica é consagrador. Seu autor sai na rua e deixa um rastro de cochichos – É ele, é ele (apud MELO, 2003, p. 159).

Não se encontram nessas classificações uma categoria específica de crônica política, porque, no Brasil, crônica política, em existindo, estaria situada ao lado de outras crônicas (policial, esportiva, legislativa, judiciária), no sentido que José Marques de Melo identifica como “reportagem setorial”, aquele tipo de cobertura que se ocupa com uma área social específica (MELO, 2003, p. 150). Dois desses tipos, a crônica esportiva e a crônica policial, ocupam com bastante frequência o jargão jornalístico.

Outra coisa – que é aqui o que nos interessa no caso de Antonio Prata – é o fato de a crônica que se pratica, com as suas especificidades de gênero, pegar como tema, entre os assuntos e detalhes possíveis do cotidiano, a política. Antônio Prata o faz, como esse outro grande cronista da atualidade, Luís Fernando Veríssimo, também. Os cronistas todos – seria difícil encontrar exceções – o fizeram desde as origens mais remotas da crônica, de José de Alencar e Machado de Assis a Carlos Drummond de Andrade, passando por Rubem Braga. Raquel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony..., todos eles. Há mais de um exemplo sobre isso no Capítulo 1.

Um exemplo dos mais contundentes, a crônica “Herói. Morto. Nós”, de Lourenço Diaféria, que estudamos no primeiro capítulo desta dissertação, revela não apenas que a política está às vezes mais próxima da vida e dos interesses do cronista que pode parecer. Revela mais: que o texto participa da história política nacional da segunda metade do século XX como um dos que mais irritaram os militares de plantão, com as consequências que se conhecem. A ironia, uma das marcas frequentes da crônica, pode conter uma força política difícil de dimensionar.

A experiência de leitor de jornal e revista mostra que o tema da política frequenta com relativa assiduidade os textos dos cronistas pátrios. Abrange aqueles textos em que o tema principal é a política nacional/internacional, utilizando-se o cronista, para isso, da ironia e de outros recursos retóricos do universo do humor com o propósito de tecer comentários críticos a determinada conjuntura, político e/ou governo, tomando em geral como ponto-de-partida acontecimentos previamente noticiados pela imprensa. Isso aconteceu mais de uma vez no trabalho de produção de crônicas de Antonio Prata no período dos últimos cinco anos. Em que contexto isso se deu e como o cronista se posicionou sobre os acontecimentos que lhe serviram de assunto para suas crônicas é o tema do próximo capítulo.

Antes, porém, de abirmos o próximo capítulo, e complementando um conjunto já bem grande de análises e informações teóricas sobre a crônica apresentadas nas páginas do Capítulo 2, pode ser útil reservar aqui um espaço para Jhonathan Wilker da Silva Pino, que em *A crônica de Lourenço Diaféria e a poetização do cotidiano na imprensa brasileira*, apresenta um conjunto bem alentado de proposições sobre o gênero da crônica, suas potencialidades, sua complexidade e suas marcas linguísticas.

O gênero [...] não se restringirá a uma estrutura específica – apresentará narrações em terceira pessoa, outras vezes em primeira pessoa,

carregadas de impressões, ou divagações; como também terá variáveis em sua morfologia – algumas vezes se apresentando em prosa, outras em versos, cheios de aliterações. Tudo isso usado com uma única intenção: facilitar a compreensão do homem sobre a sua realidade, por meio de perspectivas humanas e mais poéticas. Os processos de captação, produção e edição são peculiares a cada um dos gêneros e também determinantes em suas naturezas. No entanto, tanto no Jornalismo Literário quanto em outros textos híbridos, não haverá impedimentos quanto ao modo de reprodução das informações: podem ser usadas como técnicas de redação a narração, a descrição, a exposição e o diálogo. As diferenças também ocorrem a partir das funções[...] de linguagem dos discursos – referencial, emotiva, apelativa, fática, poética e metalinguística – além das determinações da escolha dos pontos de vista. Independente do gênero, ainda assim é possível caracterizar pontos em comum em todos os produtos jornalísticos, como a produção da pauta a partir da realidade – os produtos jornalísticos devem estar carregados de acontecimentos, pois a partir deles que são criadas as informações, impressões, opiniões e a angulação, ou perspectiva sob a qual o texto será produzido – que pode ser motivado por posições pessoais, ideológicas, ou mesmo do grupo empresarial do qual o veículo faz parte (PINO, 2015, p. 61).

Pino acrescenta que “a crônica nasce do factual, a literatura de ficção também assim o faz, por vezes. Apesar de sua origem nos acontecimentos, ela é livre de amarras, inclusive do veículo. Como a Literatura, que não se limita a um livro para que exista”. E, continua:

A crônica pode navegar por diferentes meios: jornal, revista, livro, rádio, blogs, ou mesmo a televisão, mas isso não tira o seu mérito de abordar a realidade com uma tonalidade poética. Ao reproduzir e interpretar uma realidade, independentemente de onde esteja inserida, a crônica consegue manter uma característica que a diferencia de qualquer texto informativo, o que faz com que se aproxime da literatura de ficção: por meio dela revela-se poetização do cotidiano. [...] como nas ficções, os experimentos desse gênero podem nos levar à reflexão, direta, ou sugerida, e à promoção de valores duradouros. A crônica nos faz perceber que todo fenômeno – qualquer evento passado ou contemporâneo – é merecedor de nossa atenção; pode servir-nos de objeto para a compreensão do real; e que por meio de sua incompletude, na abordagem dos fatos, o gênero nos chama a atenção para os miúdos e promove o sentido àquilo que ainda não o tinha. (PINO, 2015, p. 99).

Capítulo 3

ANTONIO PRATA, UM CRONISTA DESTE TEMPO

Entre novembro de 2013 e outubro de 2018, Antonio Prata publicou nada menos que 250 crônicas, aos domingos, na *Folha de S.Paulo*. Nesse período, o Brasil viveu uma fase institucional, política e social especialmente conturbada, com a entrada em cena, nas narrativas jornalísticas dos veículos de comunicação, de novas e velhas palavras, a exemplo de “mensalão”, “impeachment” e “corrupção”, e isso colocou à prova jornalistas e cronistas no desafio da leitura e interpretação desse novo e grave momento da história política nacional. Também as antigas e novas crises sociais brasileiras, como um fruto de situações históricas de pobreza e de injustiças sociais, ganharam em alguns momentos novas formas de expressão, como por exemplo, no fenômeno que ficou conhecido, no final de 2013, com o nome de “rolezinhos”.

No âmbito político, em distintos momentos desse período, ocorreram fatos que culminaram, por exemplo, na prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, em abril de 2018, ele que por dois mandatos (2002-2006) dirigiu o País e fez sua sucessora (2010-2014), a presidenta Dilma Rousseff. Esta, por sua vez, foi afastada da Presidência por meio de um *impeachment*, em 2016, cujas razões até hoje dividem os analistas, a esquerda e a direita política. Assumiu a chefia do governo o seu vice-presidente, Michel Temer, que encerraria o seu mandato no final de 2018.

Paralelamente a esse movimento, a população brasileira, que evoluíra socialmente principalmente nos anos do governo Lula (2003-2011) e durante o primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011), voltou a entrevar numa crise profunda, com inevitáveis cicatrizes sociais. No bojo da crise, o brasileiro viu entrar em cena, como nunca antes, personagens como juízes e membros do Supremo Tribunal Federal, Ministério Público, Polícia Federal, delegados e advogados. As siglas STF e STJ (Supremo Tribunal de Justiça) passaram a fazer parte do cotidiano da nação. O nome do juiz curitibano Aldo Moro ganhou as manchetes, junto com outros nomes, menos brilhantes.

Sobretudo no período posterior ao *impeachment*, mas consolidando um movimento que começara a se esboçar com força desde as eleições para o segundo

mandato do governo de Dilma Rousseff, disputadas contra Aécio Neves, do PSDB, em 2014, foi se criando uma polarização entre direita e esquerda como nunca antes, que teve como ponto culminante, nas eleições presidenciais de 2018, a vitória do capitão reformado Jair Bolsonaro, do até então insignificante PSL, contra Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores. Haddad, com efeito, tornou-se candidato à Presidência praticamente nos últimos minutos previstos para a sua inscrição, pelo fato de o candidato natural e líder nas pesquisas, Luís Inácio Lula da Silva ter sido preso e proibido de se candidatar no âmbito da Operação Lava-Jato.

Escritas nesse período, as 250 crônicas de Antônio Prata se referem, como é próprio do gênero, ao miúdo da vida, respondendo àquela necessidade que sente o cronista de conversar e escrever sobre coisas que às vezes as pessoas nem veem nem observam, mas que são importantes e possuem distintos significados. Sobre isso falamos bastante no Capítulo 2. Como adiantado na Introdução, na parte referente à metodologia, todas essas crônicas foram lidas e relidas, atentamente, para auxiliar na escolha de um número relativamente pequeno delas, 18 ao todo, que tiveram direta e explicitamente a ver com os fatos políticos de maior relevância no período, por sua dimensão nacional e por sua massiva cobertura midiática.

Não são as únicas crônicas “políticas”, tomando-se política no sentido amplo – mas são aquelas que respondem, sem sombra de dúvidas, à indagação levantada: elas possuem essa referência explícita aos eventos políticos de que falávamos. Todas essas 18 crônicas encontram-se listadas no Quadro 1 adiante, e o texto completo de cada uma delas pode ser lido nos Anexos, onde figuram para nós como um documento que registra o conteúdo sobre o qual se aplica a nossa análise. Um número particularmente expressivo das crônicas analisadas, quase metade delas (8 ao todo), são do ano de 2014. Em mais de um momento neste trabalho está sendo chamada a atenção para uma virada nos sentimentos políticos gerais da população brasileira a partir de 2013, com mais fortes ressonâncias a partir de 2014, o ano da Copa do Mundo e das eleições para o segundo mandato de Dilma Rousseff. O cronista deixou-se envolver por esse momento.

A forte ideologia antipetista, que o brasileiro em geral não teve nenhuma dificuldade em perceber nem de se posicionar diante dela, assumiu um traço simbolicamente dramático na abertura do maior evento esportivo do Planeta, em junho de 2014: setores descontentes daquela classe média que dispunha de condições de conseguir o difícil e caro ingresso para assistir ao jogo no Itaquerão, em São Paulo, deixaram por um momento de prestar atenção no espetáculo da abertura da Copa, para

xingar, diante das câmeras e dos holofotes do mundo inteiro, a presidenta Dilma Rousseff – um conjunto de forças do espectro político de centro-direita e de direita se articulava pesadamente para reforçar a partir daí o assalto ao poder. As opiniões sobre os fatos podem estar divididas, e estão, como quase tudo na vida política nacional neste momento de sua história. Mas os fatos aqui mencionados são conhecidos e foram fartamente relatados pela mídia nacional e estrangeira, dispensando maiores referências.

O que neste capítulo analítico será feito, como anunciado, é uma análise dessas 18 crônicas (Quadro 1), sob o ponto de vista de seu enquadramento político e também das expressões mais fortes do gênero, que foram apontadas no estudo teórico do segundo capítulo. Uma observação merece ainda ser feita sobre a metodologia: não é a análise e a interpretação dos fatos políticos da realidade nacional que se busca nesta dissertação. Essa observação irá aparecer novamente mais adiante – onde discutimos o fenômeno dos “rolezinhos”, objeto de mais de uma crônica de Antônio Prata –, para frisar a sua importância. Tudo o que for dito, e também a posição que eventualmente possamos assumir sobre os acontecimentos aos quais as crônicas se referem, tem apenas o objetivo de auxiliar na compreensão das relações dos textos de Antônio Prata com os objetivos desta nossa pesquisa.

Quadro 1: Lista das 18 crônicas eleitas para análise

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
1	03/11/2013	A guinada à direita	<p>Reveste-se numa das crônicas mais populares e polêmicas que Antonio Prata, publicou na <i>Folha</i>, abordando ironicamente, que ele, até então, conhecido por ser de esquerda, tendo até editado um livro sobre o assunto em 2010, <i>Meio intelectual, meio de esquerda</i>, surpreende os leitores, alegando ter virado a casaca, passando para a direita.</p> <p>Na oportunidade ele se diz misógino, racista e por aí, afora. Recebeu muitas críticas de leitores de esquerda e, ao contrário, aplausos dos de direita.</p> <p>Prata disse na oportunidade que não se incomodou com as críticas, e sim com quem disse que o apoiava. “Meu</p>

			medo era que as pessoas quisessem começar a queimar gente”, disse.
2	19/01/2014	Rolezinho: breve rolê histórico	Os chamados “rolezinhos” configuraram um fato “preocupante” para a classe média-alta brasileira e repleto de racismo, oportunidade em que jovens pobres da periferia marcavam encontros em shopping centers, notadamente, os frequentados pelas classes abastadas e incomodadas pelo preconceito exacerbado, especialmente os novos-ricos, que ficavam perturbados com a “entrada” desses jovens em “seus espaços”, o que significa discriminação social e racial. Com bom humor, Prata, em sua crônica, lembrou a “invasão” corintiana no Rio em 1976, um caso grave de discriminação nos EUA, bem como a música do cantor Roger, do “Ultraje a Rigor”, entre outras discriminações.
3	09/02/2014	Cachimbo da paz	Nesta crônica Antonio Prata narra a já crescente polarização entre a direita e a esquerda no Brasil, que na visão dele não é novidade. Lembra que há décadas Caetano Veloso cantou: “Quem vai equacionar as pressões do PT, da UDR e fazer desta vergonha uma nação?”. Na sequência lembra que a impressão que se tem, lendo o que se escreve no Twitter, no Facebook e pelos blogs, é que estamos longe de encontrar uma resposta.
4	11/5/2014	O álbum da Copa	Nesta crônica, Antonio Prata lembra o clima instalado pela chegada da Copa do Mundo de futebol, que seria realizada no Brasil - a partir de junho – e a dualidade política daquele momento: o <i>Pra frente, Brasil!</i> ou o <i>Não vai ter Copa!</i>
5	15/06/2014	A caminho	Uma briga entre um casal de gay pobres e um policial, calcada no preconceito, no Metrô a caminho do estádio Itaquera onde se realizaria um jogo de estreia do Brasil na Copa do

			Mundo é tema de fundo desta crônica, que mostra o preconceito e o atraso social.
6	28/09/2014	O agudo e a crônica	Prata avalia neste texto o quanto é difícil para um cronista não tomar partido em um pleito eleitoral. Lembra ele: “Comecei a escrever crônicas há 15 anos e prometi a mim mesmo que iria revolver somente a terra do meu canteiro, resistindo à tentação de arrastar o meu modesto arado por latifúndios pedregosos como a política, a economia, a crise no Oriente Médio. Como diz o mestre Humberto Werneck, crônica é conversa sentado no meio-fio, não discurso sobre um caixotinho”.
7	05/10/2014	Boda de Urna	Uma analogia entre a chamada boca de urna, um casamento, a expectativa de quem poderia vencer a eleição de 2014 e o tamanho do PIB que teria para administrar, bem como os cenários político-social-econômico que o vencedor teria pela frente.
8	12/10/2014	O chapeiro e o dono da padaria	Em análise o primeiro turno das eleições para presidente de 2014, Prata diz: “Ora, bolas, o Nordeste não deu 60% dos votos à Dilma porque foi enganado por ela. Deu porque, sob o PT, as condições de vida daqueles milhões de eleitores melhoraram. A mesma coisa vale para os 39,45% do Aécio no Sudeste. O sudeste é mais rico, vê seus interesses representados pelo candidato, não precisa tanto de programas sociais”.
9	19/10/2014	Política e chocolates	Aqui Antonio Prata, embora estivesse escrevendo sua crônica num caderno de eleições, promete numa conversa lúdica não falar de política. “Não tenho nada a ver com isso. Eu tava sossegado lá no <i>Cotidiano</i> , cutucando o meu umbigo e pensando na morte da bezerra, quando o jornal me arrastou pra cá. Não tive muita opção. Foi tipo um Pinheirinho editorial”.

10	26/10/2014	A oposição fluorescente	Nesta crônica do dia da eleição, Prata já vislumbrava um avanço da direita e já citava Bolsonaro, que ganharia a eleição quatro anos depois.
11	03/05/2015	O último a sair	Novamente Bolsonaro seria citado – antes mesmo de ele representar que um dia venceria uma eleição para presidente do Brasil, mas como um símbolo de “direitismo” exacerbado. Na crônica, ainda, Prata lembra que Bolsonaro & Feliciano fazem mais sucesso do que Chitãozinho & Xororó e a PM que desce o sarrafo em professores e mata criança com tiro de fuzil é aplaudida em passeatas “ordeiras” e “pacíficas”.
12	04/09/2016	Como seria um SAC para os desiludidos com o impeachment?	Com muito bom humor e colocando em dúvida o processo de impeachment sofrido pela presidente Dilma Rousseff, o cronista simula um serviço de SAC -Serviço de Atendimento ao Consumidor, desses que as empresas organizam para atender a clientes insatisfeitos, cobrando o estado pelo “golpe” que a presidente sofreu e que o eleitor levou, ignorando-se a democracia.
13	21/05/2017	Cenários	Em cinco cenários, o cronista reinventa ou repensa as possibilidades políticas naquele momento para o Brasil.
14	09/07/2018	O Brasil se esfumando	Comentando o incêndio ocorrido no Museu do Rio de Janeiro em 2018, Prata, mostra o quando e por causa da política o País está virando também cinzas. Lembra ele no texto que quando nasceu, em 1977, o Brasil ainda era “o país do futuro”. Para ele, o vaticínio, feito em 1941 pelo escritor austríaco Stefan Zweig, “nos serviu por décadas ora como anestésico, ora como elixir. Vivíamos sob uma ditadura, mas no futuro... Tínhamos hiperinflação, plano econômico atrás de plano econômico,

			corta zero, muda a moeda, mas no futuro..."
15	23/09/2018	Imagina eu num pau de arara?	Aqui Prata, já temeroso com o resultado das eleições e contemplando Bolsonaro vencedor, se imagina sendo torturado como nos tempos da ditadura militar pelo novo governo.
16	14/10/2018	Um sonho, que...	Ao cabo do primeiro turno das eleições, Prata vaticina nesta crônica que estava sonhando: "Eu insistia: Gente, o PT fez besteiras, mas o Haddad não é a Dilma e mesmo o pior Armagedom dilmístico é melhor do que o que esse cara prega!". Aí as pessoas diziam que o que o candidato fascista falava não era verdade, ele só estava brincando de fingir que era fascista a vida inteira, mas quando fosse eleito ele iria parar com a brincadeira.
17	28/10/2018	Luz por todos os lados	No dia da eleição do segundo turno, Prata metaforizou sua crônica o tempo todo sem falar de política e políticos. "Tenho essa família, esses amigos, essas memórias, esses poemas, essa fruteira no centro da mesa, no centro da sala, no centro da casa: a luz entra por todos os lados. (A sombra do fascismo está nas ruas, qualquer que seja o resultado das eleições, a sombra crescerá. Lutaremos incessantemente pelo respeito à lei —e, não menos importante, pelos almoços de domingo)".
18	04/11/2018	Por uma exclusão inclusiva	Já com o resultado da eleição em mãos dando conta da vitória de Bolsonaro e seu grupo, Prata revela que naquela semana, após as eleições, apoiadores de Jair Bolsonaro passaram a circular, via WhatsApp, uma mensagem pedindo boicote a 700 artistas, jornalistas, celebridades e intelectuais que se opuseram à candidatura do capitão: "A situação é grave e não posso me calar diante do

			que vejo não só como uma injustiça, mas como um crime: meu nome está nesta lista, enquanto o de opositores que são muito mais artistas, mais jornalistas, mais celebridades e mais intelectuais do que eu, ficaram de fora”.
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

3.1 Antonio Prata, cronista

Antonio Prata é filho do também cronista Mário Prata e da jornalista Marta Góes e irmão da jornalista Maria Prata, atualmente na Globo News. Começou a sua carreira escrevendo crônicas para adolescentes, entre 2001 e 2008, na revista *Capricho*.

Diz que foi convidado pela revista para ser cronista. “Era uma situação sinistra”, diz. É que o autor de 23 anos escreveria para meninas de 16. Então ele adotou a estratégia do memorialismo precoce. Suas crônicas, segundo ele, falavam, de “tensão pré-menstrual, dos três porquinhos, como dar e levar um fora, a escolha da faculdade, camisinha, drogas, dificuldades com o corpo em crescimento, rock escutado alto”. (LEITE NETO, 2010, p. E8).

Já entre 2003-2010 foi cronista do jornal *O Estado de S. Paulo*, escrevendo no “Guia” e no caderno “Metrópole”. Paralelamente, produziu roteiros para séries da HBO, Globo, MTV e Multishow. É colunista da *Folha de S.Paulo* desde 2010, publicando as suas crônicas, no caderno “*Cotidiano*”, aos domingos. Colaborou em novelas e publicou uma dezena de livros, sendo que alguns deles ganharam reconhecimento especial por meio de prêmios de literatura, entre os quais o Jabuti 2013, com: *Felizes quase sempre*. Outro livro de destaque é *Meio intelectual, meio de esquerda*.

Sobre este livro, numa crítica que escreveu para o lançamento, Alcino Leite Neto, na “*Folha Ilustrada*” do dia 6 de novembro de 2010, aponta que nele Prata apresenta o que o crítico chama de crônicas “adultas” do escritor. Já no início de sua matéria, o autor chama a atenção para alguns detalhes importantes da análise do gênero crônica em Prata: o texto “delicioso”, quer dizer, leve, bem escrito; a aproximação com a literatura e a função do entretenimento (embora possamos dizer que, sob o ponto de vista jornalístico,

a crônica, do modo como se apresenta, não é pura literatura e entretenimento). Vamos ao texto de Leite Neto:

“Meio Intelectual, Meio de Esquerda” é o primeiro livro de crônicas “adultas” do escritor Antonio Prata. Traz 78 textos deliciosos escritos nos últimos seis anos, a maioria para “O Estado de S. Paulo”. A Editora 34 incluiu o livro numa respeitável série dedicada à prosa e à poesia brasileiras, sugerindo que as crônicas sejam apreciadas literariamente e não como mero entretenimento jornalístico (o que também são). Há bons motivos para isso (LEITE NETO, 2010, p. E8).

De acordo ainda com o crítico, Prata desenvolveu uma dicção singular, que busca ao mesmo tempo ser fiel à longa tradição da crônica brasileira, inserindo, porém, novidades e rupturas em um gênero de escrita que tende a se acomodar às suas normas e manias. Segundo o autor no texto que estamos citando, Prata deixa claros certos elementos da crônica jornalística que foram levantados por este nosso estudo no segundo capítulo da dissertação, nomeadamente o que Leite Neto chama de “momento de graça, de sabedoria e de poesia” e, também, de “amenidades do cotidiano”:

A principal novidade, parece-me, é o modo como o escritor reflete sobre a sua própria atividade de cronista: como se fosse uma luta para desentranhar da realidade adversa um momento de graça, de sabedoria e de poesia. O Brasil já não é tão propício assim à crônica. Não porque seja brutal e injusto (ele continua sendo), mas porque a realidade ela mesma se transformou num amontoado de clichês dos quais é cada vez mais difícil escapular quando se vai falar das amenidades do cotidiano. (LEITE NETO, 2010, p. E8).

No mesmo texto, o crítico aponta aquilo que considera novidades e diferenciações nos textos do cronista: “São passarinhos que remetem a desenhos animados, a moça na praia evoca publicidades e as nossas próprias atitudes parecem extraídas da TV ou de um manual de marketing”. Também lembra que é preciso se esforçar bastante para descobrir o encantamento das coisas em meio à geleia geral de clichês. “Prata capta a vulgaridade do país novo-rico, a malandragem transformada em método, bem como o amesquinamento do mundo”. Leite Neto complementa, afirmando que, “a fim de conseguir falar do Brasil e do mundo”, Prata “desenvolveu um narrador muito particular, que se insere diretamente na realidade e assume na própria pele e na própria linguagem as suas desavenças com ela” (LEITE NETO, 2010, p. E8).

A citação de duas das obras publicadas por Antonio Prata, uma delas tendo alcançado o Prêmio Jabuti, precisa ser ampliada para o conjunto das obras do autor, o que

está sendo feito no Quadro 2. Esse momento bem simples da análise tem a sua importância: ele ajuda na comprovação da nossa hipótese de que a crônica jornalística continua viva e atuante. Como estamos mostrando isso por meio do cronista e escritor Antonio Prata, nada mais justo do que trazer para este lugar a sua produção, com algumas anotações que nos parecem úteis sobre cada uma das obras, fixando bem o lugar da produção de crônicas nesse processo.

Começamos por constatar que o lançamento de dez obras num prazo de dezesseis anos entre a primeira (*Douglas e outras histórias*) e a última (*Trinta e poucos*), com um Prêmio Jabuti pelo meio, não está mal. Some-se a isso o fato da coerência editorial que faz do autor um cronista sem meias medidas – um dos mais importantes da atualidade. Para quem acompanha, vê a produção e lê as coisas que ele escreve, uma conclusão, que tem a força da experiência e não a generalização que só a pesquisa científica consegue efetuar, parece se impor: em Antonio Prata a crônica jornalística não conhece crise.

Quadro 2: A produção literária de Antonio Prata

	TÍTULO	LANÇAMENTO	CARACTERÍSTICAS
1	Douglas e outras histórias	2001	Livro de estreia do cronista, com textos que trazem um fino humor e uma visão ácida do nosso mundo.
2	As pernas da Tia Corália	2003	O livro reúne 17 crônicas escritas com leveza e ousadia, que associam o culto ao deboche com uma peculiar aptidão para olhar tudo, incluindo aí pernas e berinjelas, sem pressa ou juízo de valor. E a cada página o leitor é surpreendido por uma interpretação atenta e única do cotidiano que muitas vezes passa despercebido e banal.
3	Estive pensando	2003	Livro de crônicas contendo texto muito bem humorados com curiosidades que o cronista levava às leitoras da revista <i>Capricho</i> , quinzenalmente.
4	O inferno atrás da pia	2004	O livro reúne 19 contos-crônicas. Um culto ao deboche, com uma peculiar aptidão para olhar tudo sem pressa ou juízo

			de valor. O autor também se mostra à vontade ao brincar com o inverossímil.
5	Meio intelectual, meio de esquerda	2010	Coletânea de crônicas (78), publicadas entre 2004-2010, a maioria delas para O Estado de S. Paulo.
6	Felizes quase sempre	2012	Antonio Prata e a chargista Laerte mostram o que acontece no mundo dos contos de fadas com quem é "feliz para sempre". Deixam claro, com muita graça, que até no mundo encantado uma infelicidadezinha de vez em quando não faz mal a ninguém.
7	Nu, de botas	2013	Coletânea de crônicas (24), com textos que contém as primeiras lembranças de quando o autor era criança, no quintal de casa, os amigos da vila, as férias na praia, o divórcio dos pais, o cometa Halley, Bozo e os desenhos animados da tevê, a primeira paixão, o sexo descoberto nas revistas pornográficas - toda a educação sentimental de um paulistano de classe média nascido nos anos 1970. No livro, o autor retrocede ao ponto de vista da criança, que se espanta com o mundo e a ele confere um sentido muito particular - cômico, misterioso, lírico, encantado.
8	Jacaré, não!	2016	Para crianças, com humor e sensibilidade. Leituras originais do absurdo que permeia as situações mais banais de nossa rotina. Mesmo quando trata de assuntos mais sérios, Prata não abandona o tom leve, característico do gênero.
9	Adulterado	2016	A primeira vez e os foras, a relação com os pais e com os amigos, as dificuldades na escola, o início da idade adulta, Deus, a escolha da faculdade, as pequenas e grandes conquistas, o amor, os complexos, as drogas

			e o rock and roll. São textos que fazem rir e pensar o longo caminho que vai dos doze, treze anos, até finalmente sairmos de casa e podermos ouvir (e tocar) a música que a gente quiser, no volume que bem entender - ou, pelo menos, até o vizinho chamar a polícia
10	Trinta e poucos	2016	São 78 crônicas. Trinta e poucos traz crônicas selecionadas pelo próprio autor a partir de sua coluna na Folha de S.Paulo. Um mosaico com os melhores textos do principal cronista do Brasil.

Fonte: Elaborado pelo autor

Em “O epicentro da barafunda”, que nasceu de uma entrevista dada por Antonio Prata a Mario Sérgio Conti para a revista *piauí*, volta o assunto do trabalho do cronista com foco em suas especificidades narrativas e diferenciações. Conti escreve que as crônicas de Antonio Prata saem no caderno “Cotidiano” numa “vetusta”..., referindo-se ao jornal impresso, como que chamando-o de velha senhora. Diferentemente do “pedestal para opiniões de terno e gravata”, a crônica de Prata fica “numa esquina onde todo o leitor passa para ir de uma página séria a outra”:

Na crônica, é assim mesmo: o escritor puxa um papo fiado com o passante. Fala do café aguado que tomou na padaria, do absurdo que lhe disseram, da coisa tola que lembrou há pouco. Observa a paisagem urbana que muda e as pessoas que atravessam a rua. Tenta captar um fulgor esquivo que não voltará jamais, e que se perderá para sempre na internet assim que a crônica for lida (CONTI, 2013, p. 64).

Na entrevista, Prata menciona que Davi Arrigucci escreveu a orelha de *Meio intelectual, meio de esquerda*. No texto, o professor brinca que o livro iria cair sobre a cabeça do “distráido leitor como um piano” (Em PRATA, 2010, Orelha). A leveza da crônica, podemos comentar, não omite o fato de que ela “pesa”: por seus conteúdos, pelas coisas que diz, pela ironia, às vezes pelo sarcasmo.

Para Arrigucci, o cronista se revela não apenas um mestre lapidar de seu ofício, capaz de dizer tudo em dois dedos de prosa sem perder a leveza, mas sobretudo um

notável cronista do absurdo, das miudezas malucas do cotidiano – coisas, seres, classes, lugares, costumes, acontecimentos – numa metrópole desencontrada de si mesma: “O Antonio está mudando. Escrevia de um jeito no *Estadão* e agora é outro na *Folha*. Ele é moço e tem talento, precisamos acompanhá-lo para ver o que acontece” (Em PRATA, 2010, Orelha).

Voltemos a Mario Sergio Conti, em sua resenha crítica de *Meio intelectual, meio de esquerda*, o lançamento de 2010. Ele alerta que há tentações e perigos rondando Prata e todos os cronistas, apresentando o que considera “tentações” e “perigos” na vida de todo cronista na atualidade, sobretudo jovens cronistas:

Uma tentação seria a de partir para o romance, dá mais prestígio que crônica. E fazer comércio dá dinheiro. Outro perigo seria os cronistas se meterem com a televisão e se perderem: o meio é industrial e a escrita, completamente diferente. A crônica é um instantâneo. A televisão, fluxo. Há também o estilhaçamento provocado pela internet e a crise da imprensa escrita. A rede permite que as crônicas sejam lidas por muito mais gente que o jornal impresso. Mas nela circulam diariamente porrilhões de pessoas berrando a sua subjetividade: “Olha eu aqui!”. Fica difícil escutar a conversa de um cronista. Na imprensa, houve mais de uma centena de demissões nos últimos dois meses. Elas ocorreram no Estadão, no Valor, em revistas da Editora Abril e na Folha, onde Danuza Leão perdeu o emprego – e os leitores, a sua crônica (CONTI, 2013, p. 64).

3.2 A “direita raivosa” sai do armário

Uma das crônicas de maior repercussão de Antonio Prata foi publicada em novembro de 2013 e tem como título “A guinada à direita” (Quadro 3). Essa crônica faz parte do nosso *corpus* específico de análise, a primeira e também a única que elegemos do ano de 2013 – do final daquele ano –, porque oferece uma boa dimensão das preocupações sociais e políticas do cronista.

Como adiantamos, é como se 2013 representasse um ponto de inflexão importante na recente história política nacional, depois de três mandatos sequenciais do Partido dos Trabalhadores no governo da Nação. Falar nisso não significa criar uma relação direta e necessária entre esse fato e a ascensão do antipetismo e do pensamento de direita no País. Não é objetivo desse trabalho investigar as diversas razões de ordem social e política, nacionais e internacionais, que culminaram no desfecho de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais. Já falamos sobre isso na introdução a este capítulo.

Quadro 3: A crônica de 2013 eleita para o estudo, a primeira do conjunto de 18

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
1	03/11/2013	A guinada à direita	<p>Reveste-se numa das crônicas mais populares e polêmicas que Antonio Prata, publicou na <i>Folha</i>, abordando ironicamente, que ele, até então, conhecido por ser de esquerda, tendo até editado um livro sobre o assunto em 2010, <i>Meio Intelectual, Meio de Esquerda</i>, surpreende os leitores, alegando ter virado a casaca, passando para a direita.</p> <p>Na oportunidade ele se diz misógino, racista e por aí, afora. Recebeu muitas críticas de leitores de esquerda e, ao contrário, aplausos dos de direita.</p> <p>Prata disse na oportunidade que não se incomodou com as críticas, e sim com quem disse que o apoiava. “Meu medo era que as pessoas quisessem começar a queimar gente”, disse.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

A crônica levou leitores a escreverem à redação da *Folha*, para a coluna “Painel do Leitor”, da terceira página do primeiro caderno do jornal, em 4 de novembro de 2013, elogiando ou criticando o teor do texto. Muita gente não percebeu tratar-se de ironia pura – uma marca frequente do gênero, como vimos –, daí as reações. Dizia Antonio Prata, num trecho de sua crônica, como se estivesse renegando a sua posição crítica no mundo da política, ainda que se trata de uma posição – como ela brinca no título de sua obra – de “meio intelectual, meio de esquerda”:

Como todos sabem, vivemos num totalitarismo de esquerda. A rubra súcia domina o governo, as universidades, a mídia, a cúpula da CBF e a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, na Câmara. O pensamento que se queira libertário não pode ser outra coisa, portanto, senão reacionário. E quem há de negar que é preciso reagir. Quando terroristas, gays, índios, quilombolas, vândalos, maconheiros e aborteiros tentam levar a nação para o abismo, ou os cidadãos de bem se unem, como na saudosa Marcha da Família com Deus pela

Liberdade, que nos salvou do comunismo e nos garantiu 20 anos de paz, ou nos preparemos para a barbárie (PRATA, 2013, p. 3).⁵

E por aí ia, como se tivesse tomado a decisão de mudar de lado, renegando sua posição política anterior. Visto em retrospectiva, o texto se encaixa como uma luva no movimento, de que falamos, de acirramento das distâncias ideológicas entre direita e esquerda. O Brasil do WhatsApp, do Facebook e de todas as redes sociais tira do armário as suas idiossincrasias, a Casa Grande começa a se achar (de novo) com força de gritar que a Senzala se comporte. O leitor Carlos Gueller entendeu o recado e achou o texto “maravilhoso”:

Maravilhoso, corajoso e absolutamente necessário o texto [...]. Com ironias endereçadas aos pitbulls Reinaldo Azevedo, Demétrio Magnoli e Luiz Felipe Pondé, toca num ponto crucial: os escribas da direita são absolutamente autoritários, raivosos e desrespeitosos com as opiniões divergentes e ainda pretendem ser os donos do pensamento democrático. Lavou minha alma.

De outro lado, Vania Gomes, comenta que “Adolf Hitler, ao ler o texto [...] teria ficado feliz por ser assinante da *Folha*... Me pergunto se isso é uma piada, pois é inacreditável a publicação de um texto tão fascista, ofensivo e preconceituoso. É assustador!”, enquanto Jesuíno B. Carvalho sugere a Antonio Prata que refletisse sobre o poema *Inclassificáveis*, de Arnaldo Antunes, argumentando que, “se somos hoje uma sociedade violenta, é porque somos herdeiros da desigualdade que se instalou aqui desde o Descobrimento. Raciocínios intolerantes não contribuem em nada para reduzir a violência”. Ainda um outro leitor, Retao Mietto, comentava, sempre na mesma seção do jornal:

Muito corajosa e pertinente a coluna de Antonio Prata [...]. Realmente é essa gentinha, protegida por um poder totalitário instalado em nossa nação há mais de uma década, que impede o pleno desenvolvimento do país. Parabéns. Aguardo ansioso por novas colunas raivosas.

Por fim, Clarisse M. Machado, por seu lado, escreve que “Antonio Prata deve estar sendo muito irônico ou o jornal pirou”. Assim, a crônica polemiza, chama para o debate, acirra os ânimos e realiza de alguma maneira uma de suas funções sociais. Deixa os leitores de direita parabenizando Antonio Prata pela “decisão” de se vender agora como

⁵ Repetindo, o texto completo das 18 crônicas políticas de Antonio Prata, que elegemos para a nossa análise neste terceiro capítulo, encontra-se nos Anexos.

não sendo mais de esquerda, enquanto os de esquerda ficam indignados por ele migrar para a direita. Coisa de fato que não aconteceu – e, num País em que a polarização ideológico-política vai crescendo dia a dia, a olhos vistos, poucos descobrem do que mesmo o cronista está falando, dada a sutileza da sua narrativa, que assim começa:

Há uma década, escrevi um texto em que me definia como “meio intelectual, meio de esquerda”. Não me arrependo. Era jovem e ignorante, vivia ainda enclausurado na primeira parte da célebre frase atribuída a Clemenceau, a Shaw e a Churchill, mas na verdade cunhada pelo próprio Senhor: “Um homem que não seja socialista aos 20 anos não tem coração; um homem que permaneça socialista aos 40 não tem cabeça”. Agora que me aproximo dos 40, os cabelos rareiam e arejam-se as ideias, percebo que é chegado o momento de trocar as sístoles pelas sinapses (PRATA, 2013, p. 3).

Em seguida, num trecho já citado parágrafos antes, o cronista dizia que todos vivemos num totalitarismo de esquerda, “as universidades, a mídia, a cúpula da CBF e a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, na Câmara. O pensamento que se queira libertário não pode ser outra coisa, portanto, senão reacionário”. E proclamava ser necessário reagir, “quando terroristas, gays, índios, quilombolas, vândalos, maconheiros e aborteiros tentam levar a nação para o abismo”, ou quando, por outro lado, “os cidadãos de bem se unem, como na saudosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que nos salvou do comunismo e nos garantiu 20 anos de paz”. Sem reação, estaríamos nos preparando para a barbárie:

Se é que a barbárie já não começou... Veja as cotas, por exemplo. Após anos dessa boquinha descolada pelos negros nas universidades, o que aconteceu? O branco encontra-se escanteado. Para todo lado que se olhe, da direção das empresas aos volantes dos SUVs, das mesas do Fasano à primeira classe dos aviões, o que encontramos? Negros ricos e despreparados caçoando da meritocracia que reinava por estes costados desde a chegada de Cabral (PRATA, 2013, p. 3).

E a crônica segue em frente, debulhando pensamentos racistas, misóginos, entre outros, da pior espécie que possa existir no pensamento humano, criticando os privilégios das “minorias” e atacando negros, índios, pobres e mulheres, bem ao gosto da direita raivosa e obscura – que, aliás, não entendeu o recado.

Peço perdão aos antigos leitores, desde já, se minha nova persona não lhes agrada, mas no pé que as coisas estão é preciso não apenas ser reacionário, mas sê-lo de modo grosseiro, raivoso e estridente. Do

contrário, seguiremos dominados pelo criolêu, pelas bichas, pelas feministas rançosas e por velhos intelectuais da USP, essa gentalha que, finalmente compreendi, é a culpada por sermos um dos países mais desiguais, mais injustos e violentos sobre a Terra (PRATA, 2013, p. 3).

A expressão “no pé que as coisas estão” é importante para a nossa análise. Estamos falando do final do ano de 2013, e esse ano, mais uma vez, é relevante na trajetória que levou ao crescimento vertiginoso do pensamento de direita no País, à derrota do Partido dos Trabalhadores, já no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e, de uma forma cujas consequências não é possível ainda avaliar, nas eleições presidenciais de 2018, que consagrou a vitória do militar Jair Bolsonaro para a Presidência e, no pacote, de seus três filhos para distintos cargos legislativos. A família Bolsonaro no poder!

“A guinada à direita” traduz, já no final de 2013, um tanto de tudo isso. Um final de ano em que a Casa Grande, assustada, viu a periferia ocupar os espaços de seus shopping centers enfeitados para o Natal.

3.3 A invasão dos bárbaros

A primeira das crônicas de Antonio Prata do ano de 2014, das 8 que escolhemos desse mesmo ano para a análise, diz respeito ao fenômeno que recebeu na mídia o nome de “rolezinho” e tem como título “Rolezinho: breve rolê histórico” (Quadro 4). Foi publicada no dia 19 de janeiro de 2014, dando conta de um movimento que iniciara no final do ano de 2013, o ano das grandes manifestações, no início contra o aumento das passagens de ônibus e metrô e, com o passar dos dias, contra tudo e não se sabia bem contra o quê. Em matéria do dia 14 de janeiro de 2018, “Conheça a história dos ‘rolezinhos’ em São Paulo”, o site G1 informava que “shoppings são contra aglomerações de jovens marcadas via redes sociais” e que “encontros ganharam repercussão na capital paulista em dezembro de 2013”:

Desde o fim de 2013, jovens têm organizado encontros pelas redes sociais, principalmente, em shoppings da capital paulista e da Grande São Paulo. Os eventos ficaram conhecidos como “rolezinhos”. A primeira iniciativa a ganhar repercussão aconteceu no Shopping Metrô Itaquera, Zona Leste de São Paulo, em 8 dezembro. Algumas lojas fecharam com medo de saques

e o centro comercial encerrou o expediente mais cedo (G1, 13/1/2108. Online).⁶

Prata começava o ano tentando entender o fenômeno. Um fato “preocupante” para a classe média-alta brasileira, com muitos traços de racismo, desprezo social, desigualdades e outras coisas, que, mais uma vez, não temos o objetivo de analisar neste trabalho, como no caso das demais crônicas e dos eventos aos quais elas se referem. Como ficou claro na parte em que tratamos da metodologia, tanto na Introdução geral quanto na introdução a este capítulo, o nosso interesse é mostrar a relação estreita das crônicas com o mundo da sociedade e da política, sem entrar em pormenores sobre as causas que possam ter gerado esses acontecimentos.

Na oportunidade, jovens pobres da periferia marcavam encontros em shopping centers, notadamente os frequentados pelas classes abastadas, causando visível incômodo, resultado de um sistema de preconceito exacerbado que pode ser considerado histórico e endêmico no Brasil. Esse preconceito ganhou novos contornos no mundo pequeno dos novos-ricos, que não se mostravam nada dispostos a “permitir” a “entrada” desses jovens em “seus espaços”, configurando discriminação social e racial, denotando um sintoma, na época, ou um clima favorável para as coisas que viriam a acontecer nos anos seguintes, além de outros fenômenos paralelos, como o do aumento da violência em diferentes espaços.

Quadro 4: A crônica sobre os rolezinhos, de janeiro de 2014

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
2	19/01/2014	Rolezinho: breve rolê histórico	Os chamados “rolezinhos” configuraram um fato “preocupante” para a classe média-alta brasileira e repleto de racismo, oportunidade em que jovens pobres da periferia marcavam encontros em shopping centers, notadamente, os frequentados pelas classes abastadas e incomodadas pelo preconceito exacerbado, especialmente os novos-ricos, que ficavam perturbados com a “entrada”

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>>. Acessado em: 15 jan. 2019.

			desses jovens em “seus espaços”, o que significa discriminação social e racial. Com bom humor, Prata, em sua crônica, lembrou a “invasão” corintiana no Rio em 1976, um caso grave de discriminação nos EUA, bem como a música do cantor Roger, do “Ultraje a Rigor”, entre outras discriminações.
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Com o bom humor típico (e, às vezes, ferino) da crônica, Antonio Prata lembra, não exatamente nesta ordem, de coisas como a “invasão” do Rio de Janeiro pela torcida corintiana, em 1976, numa final de Campeonato Nacional, e o dia em que a negra Rosa Parks, no ano de 1955, se sentou num banco de ônibus reservado aos brancos, um fato que é considerado um dos mais famosos catalizadores na luta dos negros dos Estados Unidos contra a discriminação.

O rol dos grandes promotores de “rolezinhos” inclui de Mahatma Gandhi aos Beatles, de Rosa Parks (a moça afrodiscriminada que, em 1955, sentou no assento de ônibus reservado a brancos, no Alabama) ao Roger, do Ultraje a Rigor (“Nós vamos invadir sua praia”), dos hippies à Gaviões da Fiel, que em 1976 promoveu a “Invasão Corintiana” ao Rio de Janeiro (PRATA, 2014a, p. 3).

A liberdade que o gênero da crônica oferece, em conversa com os acontecimentos do mundo real, permite ao autor escavar fundo no campo dos sentidos que conformam o pensamento ocidental, na tentativa de elucidar o que está acontecendo. O “rolezinho” lembra Jesus Cristo:

Para respondermos a essas perguntas, é preciso compreender, antes de mais nada, que não se trata de um fenômeno recente. Muito pelo contrário. O que foi, afinal de contas, o fuzê de Jesus contra os vendilhões? O nazareno chegou ao templo de Jerusalém montando um jumentinho (praticamente um Chevette, pra época), trazendo na cola uma ruidosa multidão da periferia (Jericó, Betel e outras quebradas), “expulsou a todos que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas” (Mateus, 21:12-17). Se os centuriões dispusessem de cruces de borracha e coroas de espinho de efeito moral, Roma talvez durasse mais uns três ou quatro séculos (PRATA, 2014a, p. 3).

O fenômeno, que, portanto, não é novo, está “reaparecendo”. Virou uma coisa chamada “rolezinho”. E a crônica, brincando com a vida real, podemos dizer assim, “massacra”. Rindo, ela ataca, como deixa claro Antonio Prata no final de seu texto, alertando para a possibilidade de que a galera possa resolver um dia “zoar na Bastilha”:

Diante da reaparição do fenômeno, tem muita gente preocupada: o “rolezinho”, em sua forma atual, veio para ficar? Caso a resposta seja positiva: áreas VIP dariam conta de recolocar cada um em seu lugar ou será necessária a construção de novos shoppings dentro dos shoppings? Eu diria ao leitor mais aflito que não se preocupe, pois a prefeitura apareceu com uma ótima solução: que os encontros sejam feitos não mais dentro dos estabelecimentos, mas nos estacionamentos. É a ideia mais brilhante diante de um “rolezinho” desde que Maria Antonieta sugeriu aos que não tinham pão que comessem brioques. Como se sabe, sem pão, brioques ou opções de lazer na periferia de Paris, a galera foi toda zoar na Bastilha (PRATA, 2014a, p. 3).

Em 9 de fevereiro do mesmo ano, acompanhando a escalada dos conflitos sociais no Brasil, Antonio Prata volta a tocar no assunto dos rolezinhos. Desta feita, em “Cachimbo da paz” (Quadro 5), em que ele deixa claro que, nesse “nosso Fla-Flu ideológico”, de um lado, encontra-se “a direita, temendo as invasões bárbaras e exigindo a Tropa de Choque, do outro a esquerda, achando bárbaras as excursões e enxergando um choque de democracia” (PRATA, 2014b, p. 3). A divisão ideológica parece sacramentada em qualquer canto no Brasil pós-eleições de 2014.

Prata chama de novo a atenção para o fato de que não há novidade alguma, o Brasil já é assim faz muito tempo, e a polarização cresce, mas também ela não é novidade: “Há décadas Caetano Veloso cantou: ‘Quem vai equacionar as pressões do PT, da UDR e fazer desta vergonha uma nação?’” (PRATA, 2014b, p. 3).

Quadro 5: Na crônica de fevereiro de 2014, o registro do aumento da polarização

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
3	09/02/2014	Cachimbo da paz	Nesta crônica Antonio Prata narra a já crescente polarização entre a direita e a esquerda no Brasil, que na visão dele não é novidade. Lembra que há décadas Caetano Veloso cantou: “Quem vai equacionar as pressões do PT, da UDR e fazer desta vergonha uma nação?”. Na sequência

			lembra que a impressão que se tem, lendo o que se escreve no Twitter, no Facebook e pelos blogs, é que estamos longe de encontrar uma resposta.
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Prata responde que a impressão que ele tem, lendo o que se escreve no Twitter, no Facebook e pelos blogs, é que estamos longe de encontrar uma resposta. Resposta com cuja ausência Prata continua a brincar em seu texto, referindo-se às eternas discussões, com opiniões de um lado e de outro, sobre o “rolezinho”:

Esta foi uma semana temática: o aumento dos juro, Cauã Reymond e os bigodes ensanguentados de Sir Ney foram todos pisoteados pelos Mizunos dos funks da periferia. A curiosidade é geral: “rolezinho” é do bem? “Rolezinho” é do mal? “Rolezinho” é baderna? “Rolezinho” é cultural? O “Rolezinho” de um termina onde começa o Rolezinho do outro? Ou versa-vice? (PRATA, 2014b, p. 3).

É possível chamar uns e outros para fumar o cachimbo da paz? Sim. Por diferentes razões, as discussões sobre a permissão do uso da maconha poderão criar as condições para um entendimento entre os dois lados do conflito – brinca o cronista. Ou não.

É claro que o tema não é consenso nem à destra nem à sinistra, mas também aí a maconha faz bem à política brasileira, pois, se irmanando no combate à “erva do diabo”, pudibundos do PC do B e da TFP encontrarão um terreno comum, iniciando um diálogo antes inimaginável.

O único problema da ausência de barreiras ideológicas em relação à Cannabis é que, se ela for legalizada, cada um vai querer puxar a brasa para a sua sardinha. Caso a lei mude num possível segundo mandato da Dilma, o PT vai se dizer o pai (ou a mãe) da ideia, enquanto os tucanos vão espernear alegando que, se não fosse por FHC, estabilizando as opiniões, nada disso haveria acontecido —e quem poderá afirmar que não terão razão? (PRATA, 2014a, p. 3).

3.4 “Pra frente, Brasil!”

Em “O álbum da Copa” (Quadro 6), de 11 de maio de 2014, o cronista fala do maior evento futebolístico do Planeta, que seria realizada no Brasil – a partir do mês de junho – , um símbolo também da dualidade política daquele momento, configurado no *Pra frente*,

Brasil! e no *Não vai ter Copa!* Nesse contexto, começa a sua crônica relatando que comprou o álbum de figurinhas da Copa e se pergunta se isso significaria uma tomada de posição. Parte da constatação sobre a existência de “um clima pessimista” no País:

Há um clima pessimista no ar e um desejo, tanto à direita quanto à esquerda, de limar todos os discursos a favor do Brasil. Compreende-se: os serviços públicos são precários, há corrupção nos governos [...] Mas será que a saída é desistir e admitir que foi tudo uma ilusão? Machado de Assis, Gilberto Freyre, Oswald de Andrade, Villa-Lobos, o concretismo, Niemeyer, João Gilberto; nada presta, promessas falsas [...]. Talvez seja bom colocar nossos mitos à prova, negar a pátria, como se nega o pai, para nos tornarmos adultos [...] Falta um mês e um dia para soar o apito e, enquanto não descubro em que ponto me encontro entre o “Pra frente, Brasil!” e o “Não vai ter Copa!”, vou colando essas figurinhas, meio envergonhado, meio esperançoso, sem saber exatamente de que lado está o povo, de que lado os generais (PRATA, 2014c, p. 2).

Quadro 6: Crônica sobre a Copa do mundo, de fevereiro de 2014

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
4	09/02/2014	O álbum da Copa	Nesta crônica, Antonio Prata lembra o clima instalado pela chegada da Copa do Mundo de futebol, que seria realizada no Brasil - a partir de junho –, e a dualidade política daquele momento: o <i>Pra frente, Brasil!</i> ou o <i>Não vai ter Copa!</i>

Fonte: Elaborado pelo autor

Falando sobre a estreia do Brasil na Copa do Mundo, no estádio construído no bairro paulistano de Itaquera, em São Paulo, Antonio Prata narra, em sua crônica do domingo 15 de junho, “A caminho” (Quadro 7), a ida ao jogo num trem do metrô de São Paulo, parando em suas várias estações até chegar a Itaquera. No percurso, observa o comportamento de um casal gay, que também está indo assistir ao jogo, e relembra outros tempos. Sente que no aspecto humano o Brasil evoluiu, melhorou.

Quinta-feira, estação República, 11h36. Quase todos os passageiros vestem camisas do Brasil, eu também. No canto do vagão, um casal de gays: pobres, mirrados, feições nordestinas. Um deles, de cabelo oxigenado, aperta uma dessas buzinas de spray. “É Copa, meu povo! Vamo animááá!” – e gargalha. Penso como, vinte anos atrás, seria inimaginável gays assim, tão gays, em público, ainda mais indo pra um jogo de futebol. Fico um pouco emocionado: não sei se por estar a

caminho do estádio, pela constatação de que o Brasil mudou [...] (PRATA, 2014d, p. 2).

Quadro 7: A caminho do jogo de abertura da Copa, em junho de 2014

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
5	15/06/2014	A caminho	Uma briga entre um casal de gay pobres e um policial, calcada no preconceito, no Metrô a caminho do estádio Itaquera onde se realizaria o jogo de estreia do Brasil na Copa do Mundo é tema de fundo desta crônica, que mostra o preconceito e o atraso social.

Fonte: Elaborado pelo autor

Em outro parágrafo, Prata descobre que as mudanças no Brasil não foram tão completas assim quanto por um momento imaginou:

As portas se abrem, um cara dá um salto do seu assento, arranca a buzina das mãos do gay e joga pela janela. “Eu sou polícia, cê me respeita senão eu te prendo, seu FDP! Acabou! Acabou!”. “Eu tenho o direito de torcer que nem você! Vamos pra delegacia!” [...] Sinto um nó na garganta: não sei se é por estar a caminho do estádio, se é pelo tanto que o Brasil mudou ou pelo tanto que ainda falta mudar (PRATA, 2014d, p. 2).

3.5 Eleições de 2014

Quando as eleições de 2014 chegaram, a *Folha* criou o seu “Caderno Eleições”, que circulou pelo período de um mês, entre 28 de setembro a 28 de outubro de 2014 – basicamente, sobre a luta travada entre Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT) – que dois anos depois viria a sofrer *impeachment* –, e Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Foram cinco crônicas nesse intervalo de um mês (Quadro 8) – crônicas polêmicas.

Quadro 8: As cinco crônicas do período das eleições presidenciais de 2014

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
6	28/09/2014	O agudo e a crônica	Prata avalia neste texto o quanto é difícil para um cronista não tomar partido em um pleito eleitoral. Lembra ele: “Comecei a escrever crônicas há 15 anos e prometi a mim mesmo que iria revolver somente a terra do meu canteiro, resistindo à tentação de arrastar o meu modesto arado por latifúndios pedregosos como a política, a economia, a crise no Oriente Médio. Como diz o mestre Humberto Werneck, crônica é conversa sentado no meio-fio, não discurso sobre um caixotinho”.
7	05/10/2014	Boda de Urna	Uma analogia entre a chamada boca de urna, um casamento, a expectativa de quem poderia vencer a eleição de 2014 e o tamanho do PIB que teria para administrar, bem como os cenários político-social-econômico que o vencedor teria pela frente.
8	12/10/2014	O chapeiro e o dono da padaria	Em análise o primeiro turno das eleições para presidente de 2014. Prata diz: “Ora, bolas, o Nordeste não deu 60% dos votos à Dilma porque foi enganado por ela. Deu porque, sob o PT, as condições de vida daqueles milhões de eleitores melhoraram. A mesma coisa vale para os 39,45% do Aécio no Sudeste. O Sudeste é mais rico, vê seus interesses representados pelo candidato, não precisa tanto de programas sociais.
9	19/10/2014	Política e chocolates	Aqui Antonio Prata, embora estivesse escrevendo sua crônica num Caderno de Eleições, promete numa conversa lúdica não falar de política. “Não tenho nada a ver com isso. Eu tava sossegado lá no Cotidiano, cutucando o meu umbigo e pensando na morte da bezerra, quando o jornal me arrastou pra cá. Não tive muita opção. Foi tipo um Pinheirinho editorial”.

10	26/10/2014	A oposição fluorescente	Nesta crônica do dia da eleição, Prata já vislumbrava um avanço da direita e já citava Bolsonaro, que ganharia a eleição quatro anos depois.
----	------------	-------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

A primeira das cinco crônicas, do dia 28 de setembro de 2014, sob o título “O agudo e a crônica”, relata parte da história de Antonio Prata como cronista, ele assume o seu drama pessoal de entrar ou de não entrar em temas políticos. Brinca em alguma parte, numa crônica que iremos comentar mais adiante: quem mandou o tirarem do “Caderno Cotidiano” para o lançarem no “Caderno Eleições”?

A crônica jornalística é apresentada por Prata, em primeiro lugar, em sua natureza própria, por meio da metáfora de olhar mais para o “canteiro” que para o “latifúndio”, de “conversa sentado no meio-feio” versus “discurso sobre um caixotinho”. O cronista toma a própria crônica como objeto, como outros o fizeram e nós apontamos nos capítulos precedentes. E contribui dessa forma para a nossa própria compreensão do tema e para a nossa análise neste trabalho, que tenta, por um lado, entender a crônica jornalística como gênero e seu funcionamento. O segundo ponto, o questionamento, sobre se ficar ou não ficar calado diante do fato de que “há muitas causas importantes sem voz e muitos calhordas com megafones” – o cronista irá mostrar, como sempre fez em toda a sua trajetória no jornalismo, que prefere não cuidar apenas do próprio canteiro –, nos remete diretamente ao compromisso da crônica com a vida real e com a política, o outro lado da nossa análise.

Comecei a escrever crônicas há 15 anos e prometi a mim mesmo que iria revolver somente a terra do meu canteiro, resistindo à tentação de arrastar o meu modesto arado por latifúndios pedregosos como a política, a economia, a crise no Oriente Médio. Como diz o mestre Humberto Werneck, crônica é conversa sentado no meio-fio, não discurso sobre um caixotinho. Todo domingo, porém, questiono minha promessa: o mundo é vil, o país é injusto, há muitas causas importantes sem voz e muitos calhordas com megafones – devo seguir falando da minha infância, de um amigo que reencontrei, dos primeiros passos da minha filha? (PRATA, 2014e, p. 2).

Deveria o cronista, como é comum se fazer na crônica, seguir falando da sua infância, de um amigo que reencontrou, dos primeiros passos da filha dele? A conjuntura política nacional não deixaria Prata fazer isso, pelo menos nas crônicas que escolhemos

para a nossa análise. O Prata reflexivo e questionador a respeito do seu papel político e social coloca em dúvida o espaço do cronista de se manifestar. Ele sabe que em assuntos como, por exemplo, as eleições, concorre com jornalistas e especialistas que estão debruçados sobre a questão o tempo todo, durante a semana inteira em que sua crônica dominical é gerada. De novo, em sua reflexão sobre a própria crônica, Prata aborda uma premissa importante do gênero, que preconiza que a narrativa da crônica se compõe de um pouco da realidade e de um pouco de ficção. Um modo de falar sobre o mundo, sobre a economia, a política, a vida, que encerra uma verdade. Outra bela lição sobre a prática do gênero.

Mais profundo ou divertido, terei, enfim, mais chance de dizer algo verdadeiro (mesmo que pequeno, mas verdadeiro, e é isso que importa) [...] Tem gente que costuma me perguntar, nesses bate-papos, se por falar sempre de si mesmo o cronista não seria um autocentrado e, portanto, um alienado. Acho o contrário: o cronista procura nele mesmo (ou melhor, numa ficção de si mesmo) os assuntos que possam tocar os outros (PRATA, 2014e, p. 2).

O cronista lembra que esses questionamentos se fazem mais agudos nas eleições. A realidade se sobrepõe ao jogo dos interesses e das alianças políticas, que é jogado em grande parte por políticos e por seus partidos e pelas classes poderosas. Desfilam pela crônica personagens políticos de expressão nacional, atores de um mundo complexo, com ligações e alianças entre um e outro que não dá para compreender, como Geraldo Alckmin, Dilma Rousseff, Marina Silva..., enquanto nas ruas e nas prisões a violência mostra a sua cara perversa.

É que na quinta retrasada, dia 18, um PM matou um ambulante com um tiro na cabeça. Nesta segunda, o PM foi solto. Não houve manifestações nem indignação por parte da população e Geraldo ‘quem não reagiu tá vivo’ Alckmin, o chefe da PM, deve ser reeleito no primeiro turno [...] Naquela mesma quinta, 18, no presídio de Pedrinhas, Maranhão, foi assassinado o 17º preso, só neste ano, foram 60; alguns deles, decapitados diante das câmeras de celulares. Os senhores feudais que dominam o Maranhão [...] são da base de apoio da Dilma, que acusa Marina de ser uma proposta insensata por não contar com o apoio de senhores feudais como os que dominam o Maranhão e gerenciam Pedrinhas. Marina, contudo, não é nada insensata: a paladina da nova política apoia quem, em SP? Alckmin (PRATA, 2014e, p. 2).

Em 5 de outubro, o domingo seguinte, foi a vez da crônica “Boda de urna”, em cujo título aparece a ironia da substituição da palavra “boca” pela palavra “boda”. Um

momento difícil de decisão: “Você tem até as cinco da tarde deste domingo pra decidir se continua casado com a atual, se reata com a ex, se foge com a amante ou começa uma nova relação. Complicado, hein, Brasil?” (PRATA, 2014f, p. 2). Os governos antigos do PSDB e depois do PT, a era Lula e o fim do primeiro mandato do governo Dilma constituem a trama que perpassa do começo ao fim a narrativa da crônica, que vê a gravidade do momento com o auxílio da leveza do texto e da ironia, essas características da crônica que conseguimos sem grande problema levantar no primeiro e no segundo capítulo desta dissertação.

O casamento não tá lá essas coisas, mas vai que é só uma fase? Vai que é possível reacender a velha chama e voltar à época em que, todo dia, era ripa na chulipa e PIB na gorduchinha? Hoje, com o pibinho entre as pernas, você se agarra às memórias. Não são poucas: nestes 12 anos, muita coisa aconteceu. Você conseguiu financiar sua casa (sua vida), seu carro, sua TV de tela plana (PRATA, 2014f, p. 2).

Impossível não ler nas entrelinhas, e também nas próprias linhas, uma certa saudade que o cronista sente dos tempos do governo Lula – mas está confuso, como todo mundo está confuso. Com fina ironia, Antonio Prata intensifica a comparação entre o governo e um casamento decadente, introduzindo na conversa o mal resultado do PIB brasileiro de 2014 e os resultados anteriores, positivos em geral, das políticas sociais do governo Lula, na imagem do programa “Sua casa sua vida”. Então, a caminho da urna, são estas as opções, parece: Dilma e Aécio, ou Dilma, Aécio e Marina, as três “noivas” ou “amantes”, é preciso escolher uma. Difícil.

Agora você tá aí, indo encontrar as três, juntas, pra escolher uma delas ou apostar numa quarta. Pior é que não pode nem tomar uma cervejinha antes, porque o TSE não quer que você decida, bêbado, com quem vai passar os próximos quatro anos da sua vida. Complicado, hein, Brasil? (PRATA, 2014f, p. 2).

No dia 2 de outubro de 2014, tendo sido confirmada no domingo a ida de Dilma e Aécio Neves para o segundo turno das eleições, Prata escreve “O chapeiro e o dono da padaria”, em que trata do fato de Dilma Rousseff ter vencido no Nordeste e Aécio Neves, no Sudeste. A mesma divisão já apontada pelo instituto Datafolha para o segundo turno ressuscita o velho preconceito de que pobre não sabe votar. A lâmina fina da ironia do cronista enfia fundo na carne do preconceito: “Os mais ricos e escolarizados escolheriam racionalmente e votariam no PSDB, enquanto os mais pobres e com menos anos de

estudo, iludidos pelas ‘escolas e falsas promessas do governo, fechariam com o PT’ (PRATA, 2014g, p. 2). Uma “ideia equivocada”, a de que “existiria o voto certo e o voto errado”, fundada na falsa ideia de que “candidaturas não representariam interesses distintos de diferentes camadas da sociedade, mas sim a verdade ou a mentira”. E a lição do cronista revoltado com o preconceito:

Ora, bolas, o Nordeste não deu 60% dos votos à Dilma porque foi enganado por ela. Deu porque, sob o PT, as condições de vida daqueles milhões de eleitores melhoraram. E o mensalão? E o escândalo da Petrobras? E a inflação? Nada disso conta? Não a ponto de escolherem outro candidato. É um voto racional.

A mesma coisa vale para os 39,45% do Aécio no Sudeste. O sudeste é mais rico, vê seus interesses representados pelo candidato, não precisa tanto de programas sociais -só quer menos Estado, evidentemente, quem não depende dele. E o mensalão mineiro? E o escândalo do metrô? E a compra de votos pra reeleição? Nada disso conta? Não a ponto de escolherem outro candidato. É um voto racional.

Na boa: você não precisa ser marxista-leninista pra concordar que as necessidades do chapeiro são diferentes das do dono da padaria, vai? (PRATA, 2014g, p. 2).

No dia 19 de outubro, o cronista escreve “Política e chocolates”, e o título lembra um poema de Fernando Pessoa que Prata encaixa em sua crônica, no uso da mais fina ironia. O texto, todo em forma de diálogo – mais uma das técnicas de escrita de que a crônica pode se servir sem constrangimento –, emprega recursos de narrativa factual, tendo como base o fato, já lembrado por nós no comentário sobre uma crônica anterior, de que o jornal o convidou a escrever suas crônicas para o “Caderno Eleições” nesse período, “para contribuir de forma leve e divertida com a cobertura”. E aí, vai ou não vai falar de política? O diálogo é saboroso:

- Tem certeza de que não vai escrever sobre política?
- Absoluta.
- Mas é o caderno das eleições.
- Não tenho nada a ver com isso. Eu tava sossegado lá no “Cotidiano”, cutucando o meu umbigo e pensando na morte da bezerra, quando o jornal me arrastou pra cá. Não tive muita opção. Foi tipo um Pinheirinho editorial.
- Tô vendo um viés político nessa imagem.
- Brigado por avisar. Vamos mudar de assunto.
- Por quê? Você não se interessa pelas eleições?
- Me interessa muito, o problema é esse. A minha ordem de despejo dizia que eu seria instalado aqui pra contribuir de forma “leve e divertida” com a cobertura, mas tá difícil encontrar leveza e diversão... (PRATA, 2014h, p. 2).

Segue a conversa com o interlocutor-personagem que criou, sobre leveza e divertimento associados à crônica. Está difícil, para o cronista, acreditar que a crônica exista apenas para isso. Desabafa. Aparece o nome de um deputado federal pelo Rio de Janeiro, Bolsonaro... “Vixe Maria...”. Corta para o poema de Fernando Pessoa. “É foda”.

- Desculpa. Eu sou meio pessimista em relação ao ser humano. Depois de ver os deputados federais mais votados: Russomanno, em São Paulo, Bolsonaro, no Rio. Agora, se o Ponto Frio atrasar a entrega da TV ou um homem quiser casar com outro homem, a gente já tem quem nos proteja, em Brasília. Vixe Maria...
- O segundo turno é em uma semana e você precisa tomar uma posição.
- Prefiro tomar uma cerveja.
- Entendi. Você não vai mesmo falar sobre política? Não. Vai fazer o que, então, com esse espaço?
- Vou colar uma estrofe de *Tabacaria*, posso?
- Por mim...
- (Come chocolates, pequena; come chocolates! Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria. Come, pequena suja, come! Pudessem eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes! Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho. Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)
- Fernando Pessoa é foda, né?
- Foda (PRATA, 2014h, p. 2).

No dia da eleição do segundo turno, 26 de outubro de 2014, Prata publica “A oposição fluorescente”. Ele começa o texto contextualizando os riscos do avanço da “direita raivosa”, a “dos Bolsonaro e Felicianos”, que então já mostrava a sua cara. Profético, o texto. O voto do cronista, ele confia, não vai para Aécio, mas no fundo – reproduzindo um sentimento que a crônica em sua liberdade de pensamento consegue bem captar – torcerá para que ele ganhe... Porque a “direita raivosa”, se vierem mais quatro anos de governo do PT...

Não vou votar no Aécio, hoje, mas... um lado meu torcerá secretamente para que ele ganhe. Esse meu lado (que não revelarei a ninguém, caro leitor, só a você, confiante na sua discrição) teme menos os próximos quatro anos sob um governo do PSDB do que os efeitos anabolizantes e lisérgicos que outro quadriênio petista pode causar à direita mais raivosa deste Brasil varonil.

Quando digo direita raivosa [...] estou falando dos Bolsonaros e Felicianos, da turma que prega “direitos humanos para humanos direitos”, que deseja “afogar esses nordestinos” e diz, em rede nacional, que “órgão excretor não é órgão reprodutor” (PRATA, 2014i, p. 2).

Segue o momento análise, que também pode fazer parte da crônica – como vimos nos muitos tipos de crônicas classificados pelos autores, Afrânio Coutinho, Luiz Beltrão e Antonio Candido entre eles –, sem deixar de lado a leveza do texto, o estilo coloquial da crônica e suas liberdades literárias:

A chegada do PT à Presidência, teve um pernicioso efeito colateral: por ser um partido historicamente ligado às minorias, permitiu à direita mais tacanha camuflar seu preconceito contra negros, mulheres, gays, índios e pobres sob uma papagaiada libertária, de crítica ao poder. A partir de 2003, o cara vinha com uma piadinha jurássica do tipo “o melhor movimento feminino sempre foi o movimento dos quadris” e queria aparecer na foto com um sorrisinho transgressor, tipo, “si hay gobierno, soy contra!”. Fazia um número de stand-up racista e alegava estar combatendo a censura do Estado e a opressão do politicamente correto. Falava “as zelite” e “meus deretcho” fingindo zombar do Lula, quando estava é babando a ancestral demofobia (PRATA, 2014i, p. 2).

Essa reação conservadora, analisa o cronista, parecia desproporcional aos avanços dos últimos anos, porque, afinal, apesar de alguma melhora, “continuamos profundamente desiguais”: “Os negros seguem pior que os brancos, as mulheres ainda ganham menos que os homens, gays não podem se casar e, vira e mexe, são acariciados por heterossexuais com socos, pontapés e lâmpadas fluorescentes” (PRATA, 2014i, p. 2). Prossegue a análise, tentando traçar um perfil (assustador) da direita que avança. Volta ao argumento anterior, assustado com a possibilidade de o PT ganhar as eleições e de a coisa ficar feia: o que gritaria essa direita em 2018 caso Dilma ganhasse? Está atônito.

A direita raivosa, contudo, cada vez mais ensandecida, acredita que vivemos num misto de Venezuela com Sodoma. Pior: os inegáveis casos de corrupção e outras patacoadas do PT fazem o discurso retrógrado chegar àqueles que não comungam de seus preconceitos, mas se indignam, com razão, com os erros do governo. Se na passeata de apoio ao Aécio na última quarta, em SP, que a revista “The Economist” chamou de “revolução do cashmere”, a multidão gritava “viva a PM!”, o que gritará em 2018, caso a Dilma ganhe? (PRATA, 2014i, p. 2).

Não seria melhor que o PSDB ganhasse, não por nada, mas para tirar da “direita raivosa” e “ensandecida” a força do antipetismo, para deixar que ela se confrontasse com o machismo, a homofobia e a demofobia de sempre?

Com o PSDB no poder, porém, os paranoicos delirantes não teriam como ver, em cada esquina, a ameaça de revolução cubana chefiada por

travestis-negras-maconheiras-aborteiras. Abaixariam seus dedinhos exaltados e, cofiando os anacrônicos bigodes, teriam de assumir que seu ódio não é nada além do velho racismo, machismo, homofobia e demofobia do nosso Brasil varonil (PRATA, 2014i, p. 2).

E encerra, quase didaticamente: “Sem alternância de poder, não é só a situação que corre o risco de perder o pé da realidade: a oposição também precisa, de tempos em tempos, cair do seu troninho” (PRATA, 2014i, p. 2).

Dilma Rousseff vence por uma margem apertada o segundo turno das eleições e se encaminha para o seu segundo e turbulento mandato. O Partido dos Trabalhadores conquista o seu quarto ciclo de governo, integrando quase uma década e meia de gestão. No ano de 2015, o inconformismo dos derrotados e o conluio evidente com as forças de direita e de extrema-direita ameaçariam fazer do segundo governo Dilma um inferno. A Lava-Jato se expande, e a crise institucional se aprofunda. As esperanças do cronista, refletindo o pensamento de uma camada de eleitores do PT, não se concretizam. A “direita raivosa” quer o poder.

3.6 Do pós-eleições de 2014 até o pós-*impeachment*

No dia 3 de maio de 2015, em “O último a sair” (Quadro 9), Prata volta à carga sobre o tema a política e faz uma brincadeira com o clichê “O último a sair apague a luz”, tão em voga na boca de tantos brasileiros na época. Quer dizer, a ideia voltou, mas, segundo o cronista, de um modo errado, invertido.

Desde os longínquos anos oitenta do século passado, quando perigava do Lula ganhar as eleições presidenciais, a direita brasileira ameaça deixar o país. Segundo apregoava o então presidente da Fiesp, Mario Amato, em caso de uma vitória petista, 800 mil empresários picariam a mula. O último a sair, por favor, apague a luz do aeroporto. Neste segundo mandato de Dilma Rousseff, o projeto da diáspora voltou com tudo. Pelo que leio e ouço por aí, tem mais rico brasileiro se mudando pra Miami, hoje, do que turista japonês tirando foto da Mona Lisa no Louvre (PRATA, 2015, p. 3).

Quadro 9: Depois das eleições de 2014, a crônica “O último a sair”

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
11	03/05/2015	O último a sair	Novamente Bolsonaro seria citado – antes mesmo de ele representar que um dia venceria uma eleição para presidente do Brasil, mas como um símbolo de “direitismo” exacerbado. Na crônica, ainda, Prata lembra que Bolsonaro & Feliciano fazem mais sucesso do que Chitãozinho & Xororó e a PM que desce o sarrafo em professores e mata criança com tiro de fuzil é aplaudida em passeatas “ordeiras” e “pacíficas”.

Fonte: Elaborado pelo autor

Prata acha curioso o que estava acontecendo com o País naquele momento e, numa espécie de premonição do que vinha pela frente, escreve: “Se alguém deveria estar contente com o estado das coisas é à direita. Os índices de aprovação da presidente são os mais baixos da história, o Congresso quer rever o Estatuto do Desarmamento e diminuir a maioria penal[...]”. O cronista se posiciona politicamente: acreditou no PT, torceu, apoiou. Tece uma autocrítica de leve. Sobra para o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, com as suas ciclovias. A dupla “Bolsonaro & Feliciano” volta a frequentar o discurso do cronista: os dois “fazem mais sucesso do que Chitãozinho & Xororó”.

[...] já disse que não vai tocar no tema do aborto e tenta retroceder nas conquistas LGBT, Bolsonaro & Feliciano fazem mais sucesso do que Chitãozinho & Xororó e a PM que desce o sarrafo em professores e mata criança com tiro de fuzil é aplaudida em passeatas “ordeiras” e “pacíficas”. Se eu fosse de direita, não estaria pensando em fugir pra Miami, mas em construir uma Disney lá pros lados de Barueri [...] Quem tem motivo para se arrastar por aí chutando tampinha e rosnando pra lua somos nós, companheiros, que colamos o adesivo “oPTei” em nossos Chevettes, lá por 1987, nós que cantamos o “Lula Lá” como se fosse um “Abre-te, Sésamo!” para Shangri-La, achando que o PT iria levar pão, poesia, matemática e tomografia para cada brasileiro. Que tristeza: apostamos num partido fundado por Sérgio Buarque de Holanda e Chico Mendes para fazer “dessa vergonha, uma nação”,

como cantou Caetano Veloso, e, hoje, nossa expectativa mais otimista são alguns quilômetros de ciclovias (PRATA, 2015, p. 3).

Chama para a reação, com o melhor do método da ironia. Exige respeito da direita — quem é mesmo que está precisando ir embora? —, pergunta. “É preciso tirar da direita as rédeas da história”, ele diz. “É preciso dar um passo à frente e dizer: péra lá, não são vocês que vão embora, com seus jacarezinhos no peito e Rolex no pulso, somos nós, com nossas pochetes na cintura e barbas por fazer” (PRATA, 2015, p. 3).

Mas para onde mesmo ir, para Miami? Não, é evidente que não. A esquerda tem lá o seu estilo, brinca o cronista — mas a brincadeira do cronista, como nos lembraram Carlos Drummond de Andrade e Lourenço Diaféria no Capítulo 2, precisa ser levada a sério. O texto traz referências a fatos políticos recentes — a história dos pedalinhas, por exemplo — e à Copa de 1950, vencida pelo Uruguai em pleno Maracanã. Há uma mistura complexa de sentidos com a esperança na justiça.

Para onde vamos? Pra Miami? Evidente que não. Vamos para outra cidade onde a língua também é o espanhol, mas num país cujo governo é — verdadeiramente — de esquerda, a maconha é liberada, o vinho é de primeira, a carne é estupenda e o maior defeito, ao que parece, é fazer fronteira com o Brasil. Estou falando, claro, do Uruguai.

Se o Haddad perseverar e o MP parar de encher o saco, talvez consigamos ir de bicicleta até o porto de Santos, de onde seguiremos, em comboio, de pedalinho, rumo ao Éden cisplatino. Às margens do Prata, fundaremos a nova Colônia Cecília, requereremos nacionalidade uruguaia, e, ao recebê-la, sob o radioso sol de nossa alviceleste bandeira, brindaremos com tannat, simultaneamente, duas tão sonhadas conquistas: um país justo e a Copa de 50.

O último a sair, por favor, acenda o baseado.

Toda essa turbulência política e social extrapolaria para os dois anos seguintes, 2016 e 2017, tendo em agosto de 2016 o seu ponto alto com o *impeachment* de Dilma Rousseff. Assume o seu vice, Michel Temer, do MDB, que se articula politicamente com as forças contrárias ao Partido dos Trabalhadores. O País continua mergulhado numa crise que parece distante de se encerrar, como numa longa novela que promete novos capítulos. Prata, no período posterior ao *impeachment* escreve menos sobre política, focando em temas de recorte mais humano, e em parte mais na política local de São Paulo, a cidade-sede do jornal. Numa de suas crônicas desse período, publicada em 4 de setembro de 2016, no mês seguinte ao do *impeachment*, e intitulada “Como seria um SAC para os

desiludidos com o impeachment?” (Quadro 10), o cronista, discorre com o humor de sempre sobre o assunto.

Quadro 10: Uma crônica pós-*impeachment*, de setembro de 2016

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
12	04/09/2016	Como seria um SAC para os desiludidos com o impeachment?	Com muito bom humor e colocando em dúvida o processo de impeachment sofrido pela presidente Dilma Rousseff, o cronista simula um serviço de SAC -Serviço de Atendimento ao Consumidor, desses que as empresas organizam para atender a clientes insatisfeitos, cobrando o estado pelo “golpe” que a presidente sofreu e que o eleitor levou, ignorando-se a democracia.

Fonte: Elaborado pelo autor

O estilo é o de um diálogo com uma atendente do Serviço de Atendimento ao Consumidor, Tamara. A linguagem utilizada assume o lugar social e de fala de quem, do outro lado da linha, se expressa mal e responde o tempo todo que não está autorizada a dar a informação. A reclamação, mesmo, qual é? O cronista assume o personagem do brasileiro que acreditou no discurso legitimador do *impeachment*, depois de muito bater panela. Reclama. Não concorda com o que está vendo. Sugere eleições, já. Ameaça: “Eleições, Tamara! Eleições diretas já ou as minhas paneladas de volta!”

Reproduzimos o texto na íntegra, para não quebrar o ritmo narrativo nem a sequência da fala:

“República Federativa do Brasil, Tamara, bom dia!”. “Oi, Tamara, tudo bem? Eu queria fazer uma reclamação”. “Pois não, senhor”. “Então, Tamara, é que eu fui, aí, nas manifestações pró-impeachment, eu bati panela... Tipo, falaram que era contra tudo que tava errado, que ia tirar primeiro a Dilma, ajeitar a economia, depois ia tirar o Cunha, ia fazer, aí, a limpa. Mas eu vi esses dias a votação do impeachment, que eu tava com problema na lombar e fiquei em casa. Tamara: Collor?! Renan Calheiros?! O figura, lá, do helicóptero de cocaína! São esses caras que tão de patrão agora!”. “Desculpa, senhor, no caso, qual seria a sua reclamação?”. “Ué, qual seria?! Seria que falaram que era pra melhorar, mas só tem sinistrão comandando a parada!”. “Senhor, no caso, o processo de impeachment foi um processo inteiramente legal, sob o comando do STF, com amplo direito de defesa”. “É, eu fiquei meio na

dúvida, mas beleza, não é disso que eu tô falando, eu tô falando de todo resto. E o Cunha, com propina na Suíça?”. “Isso depende dos deputados, senhor, eu não tenho como ‘tar te informando’”. “E quem são os deputados, Tamara? É tudo amigo do Cunha! Do partido do Cunha. Da base de apoio do governo do Cunha. Cê assistiu às sessões no Senado, Tamara?”. “Eu não estou autorizada a dar essa informação, senhor”. “Beleza, então eu te dou essa informação. Sabe o que o Renan Calheiros falou? Que eles tavam inaugurando uma ‘nova fase na política brasileira’. O Renan, Tamara! O cara que participou de todos os governos brasileiros desde, tipo... Se marcar, o Renan chegou com o Cabral, ele era o cara que dava os espelinhos pra formar um centrão ianomâmi-tupinambá e azeitar a saída do pau-brasil. Cê acha que o Renan vai fazer a ‘nova política’, Tamara?”. “Senhor, eu não estou autorizada.” “Beleza, beleza. Tamara, e o Jucá? O Romero Jucá foi gravado planejando tirar a Dilma pra parar a Lava Jato e quando o Temer entrou ele virou ministro do quê?! Do Planejamento!”. “Senhor, o Romero Jucá caiu assim que saíram as gravações!”. “Caiu! Ô, se caiu! Caiu que nem a Simone Biles, de pé juntinho e recebendo aplauso! Tava lá, todo pimpão na votação! E o PSDB pagando pau pra esses caras! Eu sempre votei no PSDB. Eu achei que se a Dilma caía, não é que o Aécio ia assumir, mas, tipo, o PSDB ia ficar meio no comando, mas cê viu na TV? O PSDB tá pro PMDB que nem o PFL tava pro PSDB na época do Fernando Henrique! Pior, que o PFL era forte, o PSDB agora parece, parecem uns garçons servindo caipirinha pro PMDB!”. “Senhor, desculpa, mas qual seria a sua reclamação?”. “Como, qual seria? Seria que tá tudo zoado, Tamara! Falaram que era pra melhorar, mas voltou pra, sei lá, 1989! Vou acordar amanhã e vai ter um Chevette na minha garagem e chinelo Samoa no meu pé e 10 milhões de cruzados novos no meu bolso pra eu comprar um Lollo e assistir ‘Xou da Xuxa’ numa Telefunken!”. “Senhor, lamento, mas eu não tenho como te ajudar”. “Como não, Tamara? Me venderam o impeachment dizendo que era pra melhorar o país, eu nem tirei da caixa e já tô vendo que não funciona! Cês vão ter que trocar por outro produto!”. “E qual seria o produto, senhor?”. “Eleições, Tamara! Eleições diretas já ou as minhas paneladas de volta!” (PRATA, 2016, p. 3).

Em 2017, cerca de oito meses depois, Prata escreve “Cenários” (Quadro 11), publicada em 21 de maio, em que, em cinco parágrafos sempre com o mesmo início (“Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara...”), imagina alguns cenários políticos, ou possíveis saídas, para o Brasil depois da queda de Dilma Rousseff. São cenários irrealistas, fantasiosos, como irreal pareciam os tempos narrados pela crônica. Parece, de fato, que nem saída há. O cronista deixa vazar um certo pessimismo que ele revelou tomar conta dele, às vezes. Mas o cronista, como o próprio poeta de Fernando Pessoa, costuma ser um fingidor, que finge inclusive não ser dor a própria dor que sente. Pode não estar falando de si, mas manifestando um sentimento que atravessa a alma de muitos brasileiros no período.

Quadro 11: Uma crônica de 2017: “Cenários”

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
13	21/05/2017	Cenários	Em cinco cenários, o cronista reinventa ou repensa as possibilidades políticas naquele momento para o Brasil.

Fonte: Elaborado pelo autor

No cenário 1, a “saída” é pelo futebol: Tite assume o poder, Neymar, Thiago Silva, etc. Morremos todos bombardeados:

Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, caindo o presidente da Câmara assume Adenor Leonardo Bachi, o Tite. Tite convoca Thiago Silva para o Ministério da Defesa, Paulinho para a Casa Civil, Neymar para a Fazenda. O Brasil cresce 7% em um ano, apagando o fantasma do 7 x 1. Numa reunião da ONU, Neymar se irrita com a distância da barreira (alfandegária) dos Estados Unidos, perde a cabeça e dá um carrinho por trás em Mike Pence – presidente dos EUA após o surgimento das gravações entre Joesley Batista e Trump envolvendo segredos militares e t-bones. Morremos todos bombardeados por Tomahawks [...] (PRATA, 2017, p. 3).

No cenário 2, volta-se para os anos 1980, com toda a luta pelas Diretas, a derrota, e a sequência dos acontecimentos, como tudo acabou acontecendo... Tudo terminaria de novo em Dilma Rousseff e na sua queda, voltando o Brasil à história dos seus anos 1980, numa espécie de lei do eterno retorno.

2. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, o povo vai pras ruas exigir eleições diretas, a Fafá de Belém canta o Hino Nacional, Osmar Santos, Henfil e doutor Sócrates comandam a onda amarela, a Câmara rejeita eleições diretas, Tancredo Neves é eleito indiretamente, Tancredo morre, Sarney assume, sim, voltamos para 1985, superinflação, “Xou da Xuxa”, a música do “Ghost” nos bailinhos, Belinas pelas ruas, calça semi-baggy, “fecha na Prochaska”, o “Jornal Nacional” de 1989, o Collor, o Itamar, a morte do Senna, estamos condenados a viver tudo de novo até cair a Dilma, até cair o Temer, até voltar pros anos 80 mais uma vez, é um “Feitiço do Tempo” infinito, o horror em loop; de calça semi-baggy; tocando a música do “Ghost” [...] (PRATA, 2017, p. 3).

No cenário 3 a “saída” é pelas eleições indiretas, e o eleito é Romero Brito – e “o Brasil é repintado do Oiapoque ao Chuí, todo coloridinho, feito uma caneca do Romero Britto”.

3. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, eleições indiretas são realizadas, o voto é secreto e qualquer brasileiro acima de 35 anos pode ser eleito, suspense total, em quem será que os excelentíssimos deputados votaram? O novo presidente do Brasil é Romero Britto. O Brasil é repintado do Oiapoque ao Chuí, todo coloridinho, feito uma caneca do Romero Britto, nossa foto no RG vira desenho do Romero Britto, o chão é Romero Britto, os grafites são cobertos por desenhos do Romero Britto, na primeira página da Folha (ilustração do Romero Britto), João Doria (tatuado por Romero Britto) é cumprimentado por Romero Britto antes de embarcar para os EUA onde tentará vender, num leilão, a obra continental de Romero Britto (PRATA, 2017, p. 3).

No cenário 4 a “saída”..., na verdade nem saída existe. No comando da confusão está o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e de novo morremos todos bombardeados, no final.

4. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, o povo vai pras ruas exigir eleições diretas, no meio da manifestação corre a notícia de que o ex-diretor do FBI, James Comey, liberou áudios em que Trump entrega a Joesley Batista segredos militares americanos em troca de t-bones da JBS. “Tem que manter isso, viu?”, diz Trump nas gravações, ao ser informado que Joesley está “de bem” com o cozinheiro da Casa Branca. Trump mata James Comey, Trump mata Joesley Batista, morremos todos bombardeados por Tomahawks [...]

No cenário 5, entra em cena a guerra civil entre direita e esquerda. Morremos todos, igualmente. A selva, os pássaros e os animais tomam conta de tudo. O Brasil de gente deixa de existir.

5. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice começa uma guerra civil entre os que defendem que o Temer chegou ao poder por culpa da esquerda, elegendo a Dilma, e os que defendem que o Temer chegou ao poder por culpa da direita, fazendo o impeachment. Morremos todos, a selva invade as cidades, micos-leões-dourados voltam a saltar pelas árvores, araras-azuis retomam os céus, bichos-preguiça bocejam pelas marginais, cobras-coral se confundem com as ciclovias, marias-sem-vergonha brotam nas rachaduras do asfalto às margens plácidas do Ipiranga (PRATA, 2017, p. 3).

3.7 O Brasil do ano de 2018 e a “direita raivosa” no poder

O ano de 2018 chega como um pesadelo para Antonio Prata, e as piores previsões ameaçam se confirmar. São cinco as crônicas desse ano que elegemos para a análise (Quadro 12), cujo tema central é a política nacional. Trazemos antes a lista e o conteúdo principal de todas elas, situando-nos desse modo no campo geral de preocupações do cronista a respeito dos acontecimentos.

A primeira delas, “O Brasil se esfumando” é do dia 9 de setembro: o país do futuro vira cinzas, como virou cinzas em grande medida o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Na segunda, “Imagina eu num pau de arara?”, do dia 23 de novembro, o cronista antecipa o medo do que imagina poder acontecer com uma vitória, que considera provável, do candidato Jair Bolsonaro. A terceira, do dia 14 de outubro, “Um sonho que...”, passado o primeiro turno das eleições presidenciais, compara Haddad e Bolsonaro e expressa que tudo o que se possa dizer contra o PT e o governo Dilma não parece justificar a escolha de Bolsonaro – mas o cronista ouve eleitores de Jair Bolsonaro dizendo que ele só estava “brincando de fascista”, e que tudo seria diferente com ele na Presidência.

A quarta crônica, “Luz por todos os lados”, do dia das eleições do segundo turno, 28 de outubro, não fala de política, diretamente. Ou fala. Qualquer que seja o resultado das eleições, a sombra do fascismo parece pairar, ameaçadora, sobre o Brasil. “Por uma exclusão inclusiva”, a quinta, e a última a compor o bloco de 18 crônicas que temos vindo analisando, publicada na semana após a vitória de Jair Bolsonaro, no dia 4 de novembro, denuncia a ação de um grupo de apoiadores do novo presidente eleito, pedindo via Whatsapp o boicote de um grupo de 700 artistas, jornalistas, celebridades.... – e o nome de Antonio Prata está entre eles. Nem poderia ser diferente, se considerados os pontos que estamos levantando nesta nossa análise sobre a produção do cronista. É como se a ameaça, mesmo na desgraça, amarrasse com chave de ouro o conteúdo mais forte de tantas brincadeiras sérias do cronista-repórter-artista.

Quadro 12: As cinco crônicas do ano 2018: “O Brasil se esfumando”

	DATA	TÍTULO	TEMA E ARGUMENTO
14	09/07/2018	O Brasil se esfumando	Comentando o incêndio ocorrido no Museu do Rio de Janeiro em 2018, Prata, mostra o quando e por causa da política o País está virando também

			<p>cinzas. Lembra ele no texto que quando nasceu, em 1977, o Brasil ainda era “o país do futuro”.</p> <p>Para ele, o vaticínio, feito em 1941 pelo escritor austríaco Stefan Zweig, “nos serviu por décadas ora como anestésico, ora como elixir. Vivíamos sob uma ditadura, mas no futuro... Tínhamos hiperinflação, plano econômico atrás de plano econômico, corta zero, muda a moeda, mas no futuro...”</p>
15	23/09/2018	Imagina eu num pau de arara?	Aqui Prata, já temeroso com o resultado das eleições e contemplando Bolsonaro vencedor, se imagina sendo torturado como nos tempos da ditadura militar pelo novo governo.
16	14/10/2018	Um sonho, que...	Ao cabo do primeiro turno das eleições, Prata vaticina nesta crônica que estava sonhando: “Eu insistia: Gente, o PT fez besteiras, mas o Haddad não é a Dilma e mesmo o pior Armagedom dilmístico é melhor do que o que esse cara prega!”. Aí as pessoas diziam que o que o candidato fascista falava não era verdade, ele só estava brincando de fingir que era fascista a vida inteira, mas quando fosse eleito ele iria parar com a brincadeira.
17	28/10/2018	Luz por todos os lados	No dia da eleição do segundo turno, Prata metaforizou sua crônica o tempo todo sem falar de política e políticos. “Tenho essa família, esses amigos, essas memórias, esses poemas, essa fruteira no centro da mesa, no centro da sala, no centro da casa: a luz entra por todos os lados. (A sombra do fascismo está nas ruas, qualquer que seja o resultado das eleições, a sombra crescerá. Lutaremos incessantemente pelo respeito à lei —e, não menos importante, pelos almoços de domingo)”.

18	04/11/2018	Por uma exclusão inclusiva	Já com o resultado da eleição em mãos dando conta da vitória de Bolsonaro e seu grupo, Prata revela que naquela semana, após as eleições, apoiadores de Jair Bolsonaro passaram a circular, via WhatsApp, uma mensagem pedindo boicote a 700 artistas, jornalistas, celebridades e intelectuais que se opuseram à candidatura do capitão: “A situação é grave e não posso me calar diante do que vejo não só como uma injustiça, mas como um crime: meu nome está nesta lista, enquanto o de opositores que são muito mais artistas, mais jornalistas, mais celebridades e mais intelectuais do que eu, ficaram de fora”.
----	------------	----------------------------	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Em “O Brasil se esfumando” (9/7/2018), a preocupação é com o que foi que aconteceu com a promessa do “Brasil país do futuro”. “O vaticínio, feito em 1941 pelo escritor austríaco Stefan Zweig, nos serviu por décadas ora como anestésico, ora como elixir. Vivíamos sob uma ditadura, mas no futuro... tínhamos hiperinflação, plano econômico atrás de plano econômico, corta zero, muda a moeda, mas no futuro...”. Parece triste o cronista. “Passou rápido, nosso futuro. Durou o quê? Cinco anos? Três?”

Os “teasers” do tal futuro podiam ser vislumbrados pelo observador atento ao longo da nossa história. Na natureza em que “em se plantando, tudo dá”, na “pena da galhofa” e na “tinta da melancolia” de um Machado de Assis, no saxofone de um Pixinguinha, nos dribles de um Pelé [...] Em algum momento da década passada, pareceu que o futuro tinha chegado. Que o Lula, seguindo o legado econômico do FHC e, “pela primeira vez na história deste país” levando a sério a tragédia social, havia colocado o Brasil nos eixos. Achamos que estava respondida a pergunta do Caetano Veloso em “‘Vamo’ comer”: “E quem vai equacionar as pressões do PT, da UDR e fazer dessa vergonha uma nação?”. Em 2009, a revista inglesa *The Economist* fez a famigerada capa do Cristo Redentor subindo como um foguete e a manchete “O Brasil decola”. Agora era só fechar a zaga e administrar a vitória, pensamos; demos uma piscada e ao acordarmos estava 7 x 1. Passou rápido, nosso futuro. Durou o quê? Cinco anos? Três? Em 2013 – quatro anos depois da decolagem, portanto – a

Economist colocou na capa o Cristo voando desgovernado com a manchete “O Brasil estragou tudo?” (PRATA, 2018a, p. 3).

De 2013 para frente “o desgoverno só piorou”, e mesm “quem bateu panela pelo *impeachment* ficou de queixo caído com o espetáculo macabro da votação – preparação perfeita para o cortejo de Gedéis, Maruns, Moreira Francos & cia que viria a seguir”. Na conclusão de sua crônica, Prata mistura poesias e músicas que exaltam o Brasil, e se despede manifestando-se descrente num país do futuro cujo presente e o que ameaça vir pela frente não parece confiável:

Todas as paredes. E também as árvores. E o coqueiro que dá coco. E as aves que aqui gorjeiam. E nossos rostos faceiros. E nossos corpos inzoneiros. E até o fim da tarde tudo terá virado pó. E o pó será levado pelo vento. E o Brasil nunca terá existido (PRATA, 2018a, p. 3).

Em 23 de setembro, a vinte dias do primeiro turno das eleições, Prata relembra um tempo que não viveu: o da ditadura, e escreve “Imagina eu num pau de arara?”. Dirige-se diretamente ao “caro leitor” e à “cara leitora” para dizer a eles que, se gostam das crônicas dele, “spoiler alert”, que pensem no que pode acontecer com ele: “No caso de uma ditadura [...], já aventada pelo capitão e seu escudeiro Mourão, eu sou o típico sujeito que vai pro pau de arara ou ‘*desaparece*’”. Sugere que mudem de candidato. Ou de cronista. Bolsonaro, não!

Como é extremamente difícil digitar de cabeça pra baixo e ter boas sacadas “desaparecido”, talvez seja de bom tom, enquanto ainda me encontro com os pés cravados no chão e sem balas cravadas na testa, sugerir que mudem de candidato – ou de cronista [...] Caso optem pela segunda opção, lá por 2020, 2021, quando o bicho estiver pegando, quando as atitudes autoritárias do governo houverem gerado protestos e os protestos derem a desculpa para revogarem os direitos individuais em nome da “restauração da ordem” contra as “forças da anarquia” – esse “Vale a Pena Ver de Novo” que reprisamos a cada três ou quatro décadas em nossa “democracinha” –, quando, enfim, eu, digamos, der uma morrida, vocês não perderão um colunista (PRATA, 2018b, p. 3).

Exagero? “Também acho absurdo, às vezes, pensar que eu poderia ser assassinado por uma ditadura em pleno século 21, no Brasil, mas aí ligo a TV, abro o jornal, atolo no Facebook e vejo as declarações do candidato...” É bom não duvidar muito. Ele, que não je sou petista – “Sou, como escrevi anos atrás, ‘meio intelectual, meio de esquerda’, hoje com inegável viés ‘meio coxinha, meio burguês’ – insiste que pensem sobre isso.

Lá está o Bolsonaro dizendo que esse país só vai dar certo quando fizermos “o trabalho que o regime militar não fez, matando uns 30 mil”. Se ele falasse em matar 3.000 eu me calaria, humildemente, ciente de que tem gente muito mais importante para ser assassinada antes de mim. Mas pra uma baciada de 30 mil sem dúvida eu me qualifico. “Ah”, dirá o leitor, “é entrevista antiga, de 1999. O Bolsonaro já disse que mudou de ideia”. Bom, mês passado o candidato gritou num comício, usando um tripé de câmera como se fosse uma arma, “vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre!”. Eu não sou petista. Sou, como escrevi anos atrás, “meio intelectual, meio de esquerda”, hoje com inegável viés “meio coxinha, meio burguês”, mas neste tipo de noite que se aproxima todos os gatos são rubros e até explicar que focinho de porco não é tomada um fio desencapado já pode estar ligando meu intestino à hidrelétrica de Itaipu (PRATA, 2018b, p. 3).

O leitor dirá que o “Mito” não fala sério, que é brincadeira, coisa e tal. “É? Em julho, no Roda Viva, Bolsonaro declarou que seu livro de cabeceira é ‘Verdade Sufocada’, de autoria do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o chefe da tortura no DOI-Codi”.

Em 1975, Vladimir Herzog, um jornalista sem qualquer ligação com a luta armada, um cara assim como eu, pai de um filho de nove e outro de sete, se apresentou voluntariamente ao DOI-Codi para “esclarecimentos” e foi “suicidado” na base da porrada e do eletrochoque. [...] Não acredito que você, caro (e)leitor, cara (e)leitona que pretende votar no Bolsonaro, seja a favor dessa barbárie. Acredito que esteja desiludido, cansado, com raiva e coloque os abusos do passado na conta da Guerra Fria. Mas não estamos falando do passado. Estamos falando de hoje. De amanhã. Imagina eu, de cabeça pra baixo, nu, tomando choque, amanhã. Estranho, não? (PRATA, 2018b, p. 3).

Seis dias depois de encerrada a eleição em primeiro turno, em 14 de outubro, Prata escreve “Um sonho que...”, prevendo a hecatombe política que estava para acontecer no Brasil. Tinha em mãos o resultado das urnas do primeiro turno, apontando Jair Bolsonaro, PSL, com 100% das urnas apuradas, obtendo 49.276.990 votos (46,03% dos válidos), contra o segundo colocado, Fernando Haddad, do PT, com 31.342.005 (29,28%). Os números ainda geraram um pouco de esperança para setores de esquerda, o que não se confirmaria em 28 de outubro...

Mostrando a tendência, como diria Humberto Eco em *Número Zero*, de um tempo fascista a imperar pela absoluta irracionalidade e obscurantismo das pessoas em não ver o que está para acontecer, a crônica começa por contar ao leitor que o cronista, na noite

anterior, tivera “um sonho bem louco. Na verdade, começou como um pesadelo. O Brasil ia eleger um presidente fascista que falava em torturar e matar oponentes e acabar com todos os ativismos, em vender as reservas indígenas...” (Prata, 2018c, p. 3). Mais que um sonho louco, um pesadelo: os eleitores de Bolsonaro não enxergam, parece que não querem ver, porque foram cegados pelo antipetismo:

[...] em submeter o Ministério do Meio Ambiente ao da Agricultura, em proibir a palavra “gênero” dentro das salas de aula e outras bizarrices que não faziam sentido e eu não lembro direito [...] Eu tentava avisar as pessoas [...] “Olha o que ele tá falando! Olha que absurdo!”, mas ninguém ouvia, quer dizer, as pessoas ouviam, mas diziam que iriam votar no candidato fascista porque qualquer coisa era melhor que o PT [...] Eu insistia: “Gente, o PT fez besteiras, mas o Haddad não é a Dilma [...] Aí as pessoas diziam que o que o candidato fascista falava não era verdade, ele só estava brincando de fingir que era fascista [...]. Aí seguidores dele abatiam um cachorro a tiros e matavam um cara a facadas e espancavam pessoas [...] e eu gritava “Olha isso! Olha isso!” e as pessoas respondiam: “PT nunca mais!” (PRATA, 2018c, p. 3).

Aí, o pesadelo deixa de ser pesadelo para virar um sonho: o de que personagens de diferentes vieses políticos se uniriam em torno de algo como o Estado de Direito ou os ideais do Iluminismo, contra o fascismo, em torno de um candidato do PT renovado em alguns de seus propósitos... Mas o cronista acorda e ainda é noite:

Ó que doideira: eu estava na plateia do Domingão do Faustão e no palco o Fernando Henrique Cardoso aparecia junto com o Alckmin e o Ciro Gomes e a Marina Silva e o Amoêdo e quando eu via estavam ali também o Caetano e o Gil e o Henrique Meirelles e a Kátia Abreu e vários empresários liderados pelo Ricardo Semler mais o Casagrande e o Luciano Huck e o RenovaBR e o Acredito e a Ivete e a Sandy, era tipo o “We Are the World” da democracia, [...]. uma frente ampla de pessoas que discordavam em diversos pontos sobre política, economia, costumes, mas acreditavam no Estado de Direito, nos ideais herdados do iluminismo, que pregam que todos são iguais perante a lei e cada um pode ser o que é. E essas pessoas diziam que apoiariam o Haddad contra o candidato fascista caso o PT topasse fazer algumas mudanças no programa de governo. E aí o PT dizia “Claro! Nós também estamos aqui para combater o autoritarismo e o obscurantismo, mais importante do que nosso programa é a sobrevivência da democracia!” [...]. Aí um monte de gente que tinha votado no candidato fascista no primeiro turno porque estava com ódio da política voltava a ficar com brilho nos olhos [...], via que a política apodrecida e transformada na manutenção do poder a qualquer preço se tornava novamente uma ferramenta para melhorar a vida das pessoas, a luta mais justa, a competição mais bela, aquilo que nos difere dos gorilas e dos leões, das amebas e das baratas, que faz com que tenhamos algum orgulho do nosso córtex frontal. E essa frente vencida as eleições. E o fascismo era derrotado. E o Brasil

cindido era costurado. E voltávamos a crescer [...] Então eu acordei, abri os olhos e ainda era noite (PRATA, 2018c, p. 3).

Em duas crônicas, publicadas entre o final do primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais, Prata – coerente com as suas ideias e com o que pensa da crônica – manifesta o seu sentimento com o controverso de suas ideias como cidadão brasileiro e cronista notável. Qual o papel social e político da crônica?

A primeira das duas crônicas, “Luz por todos os lados” (20/10/2018) faz largo uso da metáfora – esse recurso linguístico de que a crônica pode servir à vontade, porque legítimo em relação ao gênero e aos seus propósitos. Descreve uma “fruteira”, que segundo ele “fica no centro da mesa, no centro da sala, no centro da casa”. No seu apartamento ensolarado vivem ele e a família, e os amigos aparecem para os almoços de domingo. Curiosamente, a crônica do dia do segundo turno das eleições presidenciais parece não tratar de política: fala de sol, frutas, filhos, amigos... Mas trata, sim, porque – entre parênteses, no final – “(A sombra do fascismo está nas ruas, qualquer que seja o resultado das eleições, a sombra crescerá. Lutaremos incessantemente pelo respeito à lei – e, não menos importante, pelos almoços de domingo)” (PRATA, 2018d, p. 3).

[...] Gosto, sempre que passo pela sala, de ver o desarranjo harmonioso das maçãs, ameixas, goiabas, mangas e bananas recostadas no rochedo do melão, descansando à sombra de um abacaxi. Às vezes paro diante do meu pequeno oásis de fibras e vitamina C e fico admirando-o, orgulhoso, como se fosse o símbolo [...]. Quando eu tinha uns dezesseis anos meu amigo [...] dizia que eu era “contra os adultos”. Verdade. Aos meus olhos adolescentes, para além dos trinta só havia hipocrisia e acomodação, crediário de geladeira, chinelo com meia, “é pavê ou pacomê?!”. [...] Tenho pensado muito no passado, ultimamente. No que fiz até aqui. No que ando fazendo. Como nesses livros de autoajuda em que a pessoa adocece e é tomada por uma epifania, enxergo os contornos do dia a dia com aflitiva nitidez. Tenho revisitado poetas, aberto gavetas, dado telefonemas; na sexta chorei ao abraçar meus filhos. “É de felicidade, papai?”, me pergunta a mais velha. Ela tem cinco anos, é muito pequena para compreender o que se passa (eu também, aos 41, me sinto pequeno diante do que se passa), então eu resumo: é. Tenho essa família, esses amigos, essas memórias, esses poemas, essa fruteira no centro da mesa, no centro da sala, no centro da casa: a luz entra por todos os lados (A sombra do fascismo está nas ruas, qualquer que seja o resultado das eleições, a sombra crescerá. Lutaremos incessantemente pelo respeito à lei – e, não menos importante, pelos almoços de domingo) (PRATA, 2018d, p. 3).

Enfim, aconteceu. Em 4 de novembro, no domingo seguinte ao do segundo turno das eleições e da vitória de Jair Bolsonaro, Prata escreve “Por uma exclusão inclusiva”, a

última das crônicas do período 2013-2016 que tomamos para este nosso estudo. Na prática, relata o que fica caracterizado como um ataque à liberdade de expressão, perpetrado, se não pelo novo presidente, por seus correligionários. Eis o fato jornalístico em que a crônica se apóia: no início da semana, apoiadores de Bolsonaro circularam pelo WhatsApp uma mensagem ameaçando boicotar 700 pessoas, entre artistas, jornalistas, celebridades e intelectuais que se opuseram à “candidatura do capitão”. A ironia está lá, como uma das marcas da crônica produzida por Antonio Prata, e de ironia entende bem um outro cronista brasileiro, Luiz Fernando Veríssimo:

É curioso. Os brasileiros estão acostumados com a ironia, nada mais comum do que duas pessoas que se amam se agredirem ironicamente, ou as pessoas dizerem o contrário do que realmente pensam, mas coloque-se isso num texto e o comum são as pessoas não entenderem. Esta é a maior ironia de todas. Se há uma técnica para escrever com ironia? Não, é só ser irônico, brasileiromente (VERÍSSIMO, 2005, p. 13).

“A situação é grave”, comenta Prata sobre a ameaça de boicote, “e não posso me calar diante do que vejo não só como uma injustiça, mas como um crime: meu nome está nesta lista, enquanto o de opositores que são muito mais artistas, mais jornalistas, mais celebridades e mais intelectuais do que eu, ficaram de fora”.

Segundo matéria do “Congresso em Foco”, os 700 nomes foram selecionados entre as 190 mil assinaturas do manifesto “Democracia sim”, feito um pouco antes da eleição. E o que 189.300 brasileiros se perguntam desde que começaram a circular os zaps pedindo boicote, é: por que não estou na lista? Qual o critério da seleção? Quem escolheu os 700? Baseado em quê? O clima é de perplexidade e confusão [...] Há, porém, quem veja racionalidade na lista e enxergue nela uma manobra tática de “guerra híbrida”, como as que foram usadas durante a campanha. O objetivo dos vencedores seria disseminar a cizânia entre os perdedores. Cada vez que um dos 189.300 signatários do “Democracia sim” abre a mensagem de WhatsApp, procura seu nome na lista, não acha e se pergunta, cheio de ressentimento, “por que ele e não eu?”, surge uma trinca nos pilares da oposição [...] Já na terça-feira (30), no lançamento de um livro, senti os olhares enviesados, os comentários invejosos [...] Tive problemas até no trabalho. O diretor da série que estou escrevendo na Globo, o grande Luiz Henrique Rios, que tem em seu currículo novelas das seis, das sete, das oito, além de séries, minisséries e o escambau, ficou fora da lista. Eu, em meu primeiro trabalho como autor, lá estou. É uma inversão de hierarquia. Como se, digamos, um capitão ficasse acima de um general. Imagina só, que loucura?

Brinca ainda mais o artista, repórter e cronista Antonio Prata, fazendo alusão à esperança:

[...] Nem tudo, no entanto, é motivo para desesperança. O pequeno texto que acompanha a lista diz: “Artistas que se manifestaram contra a vontade do povo, pois mamam do dinheiro público! Se faltou algum, acrescente o nome e passe adiante”. Fica aí a chance, portanto, de todos aqueles que se sentiram boicotados do convite ao boicote incluírem-se na lista da exclusão. Façam-no e passem a lista adiante: o Brasil talvez não tenha jeito, mas podemos ao menos tentar salvar as nossas biografias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o dia de minha conversa com Lourenço Diaféria sobre crônicas, lá pelos idos de 1985, na Padaria Veridiana, na rua Municipal em São Bernardo do Campo, o assunto me pegou de forma profunda e contínua. Comecei desde então a ler crônicas de muitos autores, alguns que nem aparecem neste trabalho, como Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, Paulo Francis, Humberto Werneck, e muitos outros, e nunca mais parei de pesquisar sobre o assunto. Em 2015, depois de uma cirurgia grave num hospital de São Paulo, decidi que, tendo superado o problema, colocaria mais estudos em minha vida. Assim, no mesmo ano em que recebi alta, ingressei no Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Libero.

Tive muitas dificuldades nesse tempo, mas também recebi apoio de muita gente, especialmente de dois professores, José Eugenio Menezes (na época em que pensei em desistir e ele me incentivou a continuar até passar na seleção para o Mestrado, depois de não ter sido aprovado no primeiro exame) e, posteriormente, em 2017, de Dimas Künsch (após ter perdido meu filho e, junto, a vontade de continuar e viver e tocar meus projetos). Ele me incentivou, me convidou a participar do grupo de pesquisa e me passou a missão de escrever um artigo, que depois virou capítulo de um livro. Ele achava que essa era uma maneira de vencer a dor e de dar uma resposta positiva ao sofrimento. Eu penso que ele acertou.

Começo estas Considerações Finais com estes três parágrafos, os dois anteriores mais este, que estão certamente fora dos padrões acadêmicos, mas eles têm para mim o mérito de conversar com a alma. Tratam de relacionamentos e de amizade e manifestam a vontade que eu tinha de inserir neste trabalho a lembrança de pessoas que de fato se colocaram junto comigo nessa trajetória, trazendo para ela transpiração e conhecimentos que me permitiram chegar até aqui. Eu achava que não bastava colocar isso nos Agradecimentos. Aliás, estes parágrafos, escritos na primeira pessoa como também fiz na Introdução, não deixam de constituir uma forma de escrever que lembra em algum sentido o texto de uma crônica.

Busco como auxílio o psiquiatra suíço Carl. G. Jung, quando ele diz que, “como não há espécies inúteis, não se poderia pensar que existam modos de compreensão fúteis”.

Ora, a nossa percepção da realidade não é feita apenas de raciocínios conscientes, de razões de ordem lógica. Há uma série de aspectos inconscientes na nossa psique que, muitas vezes, em parte ou completamente desconhecidos, se revelam essenciais para os nossos conhecimentos.

De novo, sei que estou fora dos padrões acadêmicos, ao trazer para este espaço das Considerações Finais a palavra de Jung e, mais adiante, de outros autores que deveriam ter aparecido, de forma correta, ao longo dos três capítulos deste trabalho. Mas vou pelo menos dizer que Jung fala disso num texto que tem o título de “Chegando ao inconsciente”. Trata-se do primeiro capítulo da obra *O homem e seus símbolos*, que já teve mais de dez edições no Brasil, pela editora Nova Fronteira, desde o seu lançamento no País, em 1964. O capítulo assinado por Jung é o último texto que ele escreveu antes de sua morte, em 1961.

A observação de Jung me faz lembrar que, em mais de um momento deste trabalho de pesquisa – agora já fazendo um pouco as contas –, ficou claro que a crônica, partindo do real e do factual, mas indo além, não existiria sem esse lado da vida onde moram os sonhos, as utopias, as esperanças. Não foi difícil constatar isso nas crônicas estudadas, em geral, e nas crônicas de Antonio Prata, em particular. Nelas aparece, às vezes de forma dramática, o sonho de um Brasil diferente, democrático, justo, respeitoso com as pessoas, e também a esperança de que as forças que levaram à vitória da “direita raivosa” nas eleições gerais de 2018 não tenham a última palavra sobre o Brasil e sobre os seus habitantes.

Nessa linha, Dimas Künsch, num texto que publicou em 2008, que tem como título “Teoria compreensiva da Comunicação” e que é um capítulo da coletânea *Comunicação: ciência, saber ou arte? Questões da teoria e epistemologia* (a editora é a Plêiade), ressalta que a compreensão da complexidade das ações humanas não pode ficar restrita aos conceitos científicos e à aplicação do método científico, como se fosse possível dispensar outras formas de conhecimento. Ele lembra o assunto dos mitos. Para ele, os mitos, com seu parentesco com os arquétipos humanos, são narrativas que se encontram na fonte primordial de todas as narrativas humanas. Eles são o desejo de uma outra história, como defende um estudioso bem conhecido dos mitos, Mircea Eliade. Ao querer se afastar dessa visão das coisas, o conhecimento científico “se perde [...] em visões de caráter reducionista e mecanicista, incapaz de aproximar-se da vida em suas múltiplas facetas e dos temas que realmente contam, em sua multiperspectividade, em seus incontáveis

ângulos, em sua complexidade”, como expressa o autor, que conversa comigo nessas Considerações Finais.

Ora, a crônica jornalística é uma herdeira importante desse tipo de pensamento que vê o mundo e também a vida das pessoas dentro dessa complexidade. Como penso ter deixado claro neste trabalho de pesquisa, a crônica jornalística, do modo como ela é conhecida hoje – sobretudo no Brasil, onde, como atestam diferentes autores, de Antonio Candido a José Marques de Melo, o gênero foi se moldando com o tempo e se consagrou entre os gêneros do discurso jornalístico – e desfrutando da liberdade que lhe confere o namoro com a literatura e a ficção, tece esses diálogos entre o real e o não-real, entre o fato e a imaginação, entre a história e o mito, entre o conhecimento e a arte.

Eu penso que em vários trechos do trabalho ficou também claro o fato de que, mesmo sendo jornalística, a crônica pode também ser vista como arte – e nesse sentido tratamos o repórter como autor e também como artista e criador. Pode-se discutir bastante sobre o que há de arte e o quanto há de arte nas 250 crônicas publicadas por Antonio Prata no período escolhido para este estudo. Mas não é possível negar que há em todas elas um esforço de aproximação ou de “namoro” com a arte. Outra coisa, ainda, que eu penso ter ficado clara é o uso frequente da ironia, ou até mesmo do sarcasmo, num texto em geral que mostra uma certa leveza. Isso acontece mesmo quando às vezes a intuição e a metáfora deixam a porta aberta para a reflexão e o argumento (há vários tipos de crônicas, como nossos autores mostraram no final do Capítulo 2).

Outro argumento interessante sobre a atualidade e a importância da crônica foi usado no sentido de contrapor o trabalho do cronista àquilo que Jean Baudrillard, na sua conhecida obra *Simulacros e simulação*, chama de “otimismo tecnológico delirante”, ou, ainda, de “encantamento messiânico pelo virtual”. A técnica não exerce um domínio (absoluto) sobre a crônica. Na crônica, para usarmos a metáfora difundida por Zygmunt Bauman, o tempo e a vida não são líquidos. Há mais vínculos (humanos, sociais, factuais) do que conexões na crônica. E eu penso que isso ficou claro quando se falou e se insistiu que a crônica trabalha melhor com a narrativa (com personagens, cenas, ações...) do que com o discurso dissertativo, com a interpretação do que com a informação.

A crônica vive e sobreviverá por meio dessas suas boas relações com os mitos e os arquétipos que vivem em todos nós e na sociedade. A crônica é nesse sentido uma forma privilegiada de conversa com esse “herói de mil faces”, a que se refere outro dos maiores estudiosos de mito da contemporaneidade, Joseph Campbell, que usou essa expressão como título de sua obra mais importante, justamente, *O herói de mil faces*. Não parece

por acaso que uma das crônicas mais famosas e que mais impactaram a história política nacional no tempo da ditadura tratava justamente do herói. A crônica de Lourenço Diaféria, “Herói. Morto. Nós” trazia, junto com a história do herói sargento Sílvio, que pulou no poço das ariranhas para salvar a vida de uma criança – e que depois morreu sob o efeito das mordidas desses animais –, também os nossos desejos conscientes e inconscientes de solidariedade, liberdade, fim de todas as formas de repressão, democracia e paz. Os ditadores de plantão perceberam isso muito bem.

Estas considerações precisam chegar a um final, que espero que seja feliz. Costuma-se dizer que um bom trabalho acadêmico deve possuir essas duas virtudes: o reconhecimento de seus limites, até erros e falhas, e, por outro lado, a abertura para novos estudos, o levantamento de perguntas importantes, o aceno à continuação da pesquisa. Na parte dos limites, reconheço que tanto o capítulo da história da crônica (o primeiro), quanto o da teoria (o segundo) e mesmo o da análise (o terceiro) mereceriam um aprofundamento que o tempo e as próprias fragilidades pessoais não permitiram fazer. Cada um dos capítulos quase que daria uma dissertação sozinho.

O lado positivo dessa história é que os três capítulos dão conta de realizar os objetivos levantados no início deste trabalho. O principal desses objetivos era entender a crônica e a sua atualidade, a partir dos estudos teóricos mas principalmente práticos – e foi isso que fiz no terceiro capítulo, no qual o estudo das crônicas políticas de Antonio Prata revelou não apenas o seu poder expressivo e informativo, mas também sua inserção visceral nos fenômenos políticos que mais marcaram a história do Brasil nos últimos quatro para cinco anos. E tudo isso aconteceu sem que o repórter-artista-autor tivesse que renunciar àquilo que faz dele, hoje, um dos nomes mais importantes da crônica jornalística brasileira, justamente a produção de crônicas, e não de outra coisa.

Na parte referente às projeções ou aos prognósticos, permanece o desejo de aprofundar como a narrativa da crônica, em qualquer que seja o suporte – impresso ou eletrônico, em sites, blogs, redes sociais –, pode contribuir para exercitar uma crítica à técnica, contra aquele “delírio” a que se refere Baudrillard. Este trabalho, entre os seus resultados, pode representar uma pequena ajuda nesse sentido.

Outros resultados poderão ser recolhidos pelo caminho, em publicações que deverão se seguir ao encerramento deste trabalho – e até num futuro projeto de doutorado em Comunicação. Qualquer que seja o tema que esse projeto assumir, a crônica e a experiência da pesquisa sobre a crônica estarão presentes. Essa será talvez uma maneira de prestar uma homenagem a Lourenço Diaféria e de continuar aquela conversa sobre

crônicas, feita lá pelos idos de 1985, na Padaria Veridiana, na rua Municipal em São Bernardo do Campo.

REFERÊNCIAS

1. Referências gerais

ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre a literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, v. 45, n. 1-4, p. 43-53, jan.-dez. 1985.

ARRIGUCCI, JR., Davi. Orelha. In: PRATA, Antonio. **Meio intelectual, meio de esquerda**. São Paulo: Editora 34, 2010, s.p.

ASSIS, Machado de. O nascimento da crônica In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). **As cem melhores crônicas do Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BARBOSA, Rita de Cássia. **Crônicas de um falso Drummond**. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, n. 1/4, p. 117-118, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Tradutora: Maria José da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980).

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRAGA, Rubem. Aula de Inglês. In: **200 melhores crônicas escolhidas 24a**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.7-72.

BRAGA, Rubem. Luto da família Silva. In: **Para gostar de ler**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1984, p.30.

BRAYNER, Sônia. **A crônica: sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

CAMPBELL. Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CANDIDO, Antonio, **Iniciação à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **A Crônica: o gênero, sua Fixação e suas transformações no Brasil**. Organizado pelo Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984, p. 13-18.

CASTELO, José. Crônica, um gênero Brasileiro. In: VIOLA, Alan Flávio (Org). Críticaliterária Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 304-308.

CONTI, Mario Sergio. No epicentro da barafunda. **Piauí** 82, p. 64-67, jul. 2013.

CONHEÇA A HISTÓRIA DOS 'ROLEZINHOS' EM SÃO PAULO. **G1**, 13/1/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>>. Acessado em: 15 jan. 2019.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5. Ed. rev. e atual. – São Paulo: Global, 2003.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DIAFÉRIA, Lourenço. **A Morte sem Colete**. São Paulo, Editora Moderna, p. 71, 1983

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Cadeira de balanço**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1982.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Literatura Comentada**. São Paulo: Abril. 1980.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercury, 1992.

FARIA, José Roberto, **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP, Unicamp, 1992.

GARCIA, D. C. F.; FERREIRA, L.C. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novo leitores de folhetim do Correio Paulistano. **Revista da Anpoll**, nº 36, p. 105-131, Florianópolis, Jan./Jun. 2014.

Disponível em:

<<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/721/736>>. Acessado em: 28 out.2018.

JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas Antológicas de Lourenço Diaféria**. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

JUNG, Carl G. Chegando ao inconsciente. In JUNG, C. G. (Org.); **O homem e seus símbolos**. 13.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KÜNSCH, Dimas. Teoria compreensiva da comunicação. In KÜNSCH, Dimas A. e BARROS, Lean M. de. **Comunicação: ciência, saber ou arte? Questões da teoria e epistemologia**. São Paulo: Plêiade, 2008, p.173-195.

LEÃO, Angela Vaz, **Cadeira de Balanço**, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1982.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. A Crônica de Mário Andrade: Impressões que noticiam. In **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**, Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 165-170.

MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Metodista, 2010.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.p.149-152.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, v. 45, n.1-4, p. 17-41, 1985.

MOISÉS, Massaud. A Criação Literária (Prosa), 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1992, p. 245-298.

MORAES, Marina Lygia. **Conheça o Escritor Rubem Braga**: biografia de Rubem Braga. Rio de Janeiro: Record, 1978.

LEITE NETO, Alcino. Antonio Prata leva humor rebelde à crônica. **Folha de S.Paulo**, Ilustrada, 6 nov. 2010, p. E8. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0611201026.htm>>. Acessado em: 21 jan. 2019.

PASTURA, Angela Filomena Perricone, **Imagens de Paris nos Trópicos**. Rio de Janeiro, Vermelho Marinho, 2014.

PINO, Jhonathan Wilker da Silva, **Crônica de Lourenço Diaféria**. Dissertação de Mestrado. Faculdade Casper Libero, São Paulo, 29 de abril de 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/cronica-de-lourenco-diaferia-e-poetizacao-cotidiano-na-imprensa-brasileira/>. Acessado em 27 jan.2019.

PINTO, Maria Martha D.A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, São Paulo, SP, v.20, n. 56, p. 237-251, 2006. Disponível em: https://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100016. Acessado em: 8 fev. 2019.

RONCARI, Luiz. A Estampa da Rotativa na Crônica Literária. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, v. 45, n. 1-4, p. 14-16, 1985.

SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SILVA, Anselmo J. F. da. **Antonio Prata, a crônica e sua evolução no tempo**. Trabalho de Conclusão de Curso. São Bernardo do Campo: FASB- Faculdade de Letras, 2014.

SILVA, Anselmo J. F. da. Antonio Prata, um cronista de nosso tempo. In: KÜNSCH, Dimas A. et. all. (Orgs.). **Para compreender o método da compreensão**. São Paulo: Uni Editora, 2017, p. 67-88.

SILVA, P. T. F.; LIMA, J. E. P. O observador dos panoramas e o flâneur: reflexão sobre a obra Paris, a Capital do Século XIX de Walter Benjamin. **Gewebe, Cadernos Walter Benjamin** n. 20, p. 74-84, jan.-jun. 2018. Disponível em: <www.gewebe.com.br/pdf/cad13/caderno_06.pdf>. Acessado em: 11 jan. 2019.

2. Obras de Antonio Prata

PRATA, Antonio. **Douglas e outras histórias**. São Paulo: Azobi Editorial, 2001.

PRATA, Antonio. **As pernas da tia Corália**. São Paulo: Editora Objetiva, 2003.

PRATA, Antonio. **Estive pensando**. São Paulo: Marco Zero, 2003.

PRATA, Antonio. **O inferno atrás da pia**. São Paulo: Objetiva, 2004.

PRATA, Antonio. **Meio intelectual, meio de esquerda**. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRATA, Antonio. **Felizes para sempre**. São Paulo: Editora 34, 2012.

PRATA, Antonio. **Nu, de botas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PRATA, Antonio. **Jacaré não**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

PRATA, Antonio. **Adulterado**. São Paulo: Moderna, 2016.

PRATA, Antonio. **Trinta e poucos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

3. Crônicas analisadas no Capítulo 3

PRATA, Antonio. Guinada à direita. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, p. 3, 3/11/2013. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2013/11/1366185-guinada-a-direita.shtml>>. Acessado em: 12 dez. 2018.

PRATA, Antonio. Rolezinho: breve rolê histórico. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, p. 3, 19/1/2014a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/01/1399807-rolezinho-breve-rolé-historico.shtml>>. Acessado em: 12 dez. 2018.

PRATA, Antonio. Cachimbo da paz. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, p. 3, 9/2/2014b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/02/1409551-cachimbo-da-paz.shtml>>. Acessado em: 12 dez. 2018.

PRATA, Antonio. O álbum da Copa. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, p. 3, 11/5/2014c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/05/1452697-o-album-da-copa.shtml>>. Acessado em: 15 jan. 2019

PRATA, Antonio. A caminho. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, p. 3, 15/6/2014d. Disponível em: Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/06/1470398-a-caminho.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. O agudo e a crônica. **Folha de S. Paulo**, Caderno Eleições, 28/9/2014e, Caderno Eleições, p. 2. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/09/1523733-o-agudo-e-a-cronica.shtml?mobile>>. Acessado em 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. Boda de urna. **Folha de S. Paulo**, Caderno Eleições, p. 2, 5/10/2014f. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1527378-boda-de-urna.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. O chapéu e o dono da padaria. **Folha de S. Paulo**, Caderno Eleições, p. 2, 12/10/2014g. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1531197-o-chapeiro-e-o-dono-da-padaria.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. Política e chocolates. **Folha de S. Paulo**, Caderno Eleições, p. 2, 19/10/2014h. Disponível em: < Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1534756-politica-e-chocolates.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. A oposição fluorescente. **Folha de S. Paulo**. Caderno Eleições, p. 3, 26/10/2014i. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1538415-a-oposicao-fluorescente.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. O último a sair. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 3/5/2015. Disponível em: <COMPLETAR>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. Como seria um SAC para os desiludidos com o impeachment? **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 4/9/2016. Disponível em: <COMPLETAR>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. Cenários. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 21/5/2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2017/05/1885919-cenarios.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. O Brasil se esfumando. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 9/9/2018a. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/09/o-brasil-se-esfumando.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

PRATA, Antonio. Imagina eu num pau de arara. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 23/9/2018b. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/09/imagina-eu-num-pau-de-arara.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

PRATA, Antonio. Um sonho de... **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 14/10/2018c. Disponível em: Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/10/um-sonho.html>. Acessado em: 22 jan. 2019.

PRATA, Antonio. Luz para todos. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 28/10/2018d. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/10/luz-por-todos-os-lados.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

PRATA, Antonio. Por uma exclusão inclusiva...**Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, p. 3, 4/11/2018e. Disponível em: Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/11/por-uma-exclusao-inclusiva.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

Anexo 1

CRÔNICAS DE LOURENÇO DIAFÉRIA

1.1 Meu presente de primavera

Sempre que chega a Primavera eu recebo um presente. Quase sempre o presente é que me avisa que a Primavera chegou, porque em São Paulo não existem propriamente estações climáticas muito definidas. É possível que no inverno faça um calor de rachar jatobá, enquanto na Primavera o dia amanheça nublado e chuvoso. Quem é da terra já está acostumado a essas loucuras meteorológicas. Não estranha. Mas vamos falar do presente primaveril. Há alguns anos minha mulher, com muita paciência e um pouco de ingenuidade, decidiu plantar na calçada em frente à casa onde moro uma planta para ornamentar a rua e dar um tom colorido ao pedaço.

Era uma pequena muda de planta, que logo subiu incorporou o tronco e criou galhos jeitosos e delgados. Tanto bastou para que uma criatura anônima, talvez encafifada com a possibilidade de ter ali, com o tempo, uma árvore de verdade, arrancasse a sangue frio alguns dos galhos da planta. Ficou aleijada, coitadinha.

Minha mulher, fula da vida, esbravejou, e tratou de recompor a planta, ajeitando-a da melhor forma possível. Semanas depois, não sei qual espírito-de-porco, passando pelo local, repetiu a ablação no corpo da planta. Outra vez minha mulher, ainda mais revoltada, tornou a arrumar a pobrezinha no canteiro. Mais foi inútil.

Parecia que alguém tinha tomado raiva da plantinha. Ela não conseguia ir além de metro e meio de altura. Sempre havia alguém que a dilacerava de uma forma ou de outra. Mirrada, triste, tímida, assustada, como se fosse uma jovem indefesa submetida a contínuas violações de bandidos, a arvorezinha não tomava corpo nem alento. Resumia-se apenas a galhos frágeis e esguios, erguidos para o alto como a pedir misericórdia e compaixão.

Foi então que minha mulher perdeu a boa vontade e a paciência e mudou radicalmente de tática e estratégia. Arrancou, com todo o cuidado, a plantinha com suas raízes úmidas, e a transplantou carinhosamente para outra área, protegida dentro do pequeno jardim. A rua ficava sem árvore – que se danasse. Quem mandou? E fechou com cimento o local onde antes devia estar uma árvore bonita e elegante. O tempo passou.

A plantinha, embora tenha levado algum tempo para acostumar-se a seu novo espaço logo deve ter percebido que a situação havia melhorado, e muito. Agora ninguém mexia com ela, a não ser algumas rolinhas e mesmo certas maritacas que costumam aparecer pelo bairro. Uma grade a protegia contra os bárbaros. O sol a beijava. A chuva a acariciava. E era regada e cuidada com carinho.

Foi o suficiente. A danadinha, feliz como uma noiva em véspera de casamento, botou corpo, espigou, soltou folhas, saiu da infância vegetal para a adolescência da vida – e logo logo, questão de um ano, ficou de fato o que se pode chamar de árvore de dar gosto. Está uma beleza. É uma das mais belas e elegantes árvores da rua – principalmente na Primavera. Na Primavera, ela se abre em flores de cinco pontas, flores em cachos, como brincos de veludo, um prazer para os olhos e para o coração. Como eu não entendo nada de nome de árvore, a botânica para mim é um

cofre fechado, levei tempo para saber que danada de árvore era esta que esta agora resplandece no meu jardim. Me informaram que é um jasmineiro. E mais: que é da família das Oleáceas. Gênero *Jasminus*. Não sei se é um *Jasminum grandiflorum*, ou um *Jasminum officinale*, uma *Gardenia florida*, ou um *Osmanthus fragrans*. Como expliquei, sou totalmente burro em matéria de árvores.

Mas posso garantir a vocês que meu jasmineiro é coisa séria. E ele me parece muito agradecido e feliz, pois todos os anos quando chega a Primavera, se cobre de flores e me avisa que chegou o tempo da alegria e da fertilidade. Pode chover canivete, pode aumentar o custo de vida, pode subir a inflação, não importa. Se meu jasmineiro botou flor, é Primavera. É o presente que ele me dá todos os anos, graças à persistência e ao amor pelas plantas de minha mulher.



Figura 1: Fac-símile da crônica de Lourenço Diaféria para o *Jornal Brosol Notícias*, de setembro de 1986, editado pelo autor

1.2 A última vez em que eu vi um Papai Noel quase de verdade

Tio Roberto nunca se casou.

Parece que quando ele era moço, muito moço, se apaixonou por uma garota belíssima, cujo retrato trazia na carteira – que nunca mostrou a ninguém. Sabia-se apenas, e comentava-se que ele não largava o retrato nem para dormir. Mas não sei por que motivo, e nunca procurei saber, tio Roberto jamais se casou.

Ficou um eterno solteirão, morando sozinho num apartamento pequeno, cuidando de sua vida, viajando para lugares distantes. Apenas nos visitava no fim do ano. Nessas ocasiões, aparecia alegre e bem disposto. Era um homem gordo, falante. E fumava charuto.

Curioso que hoje, tanto tempo passado, a fisionomia de tio Roberto se torna engraçada. Não sei precisar a cor de seus olhos nem os traços de sua boca e seu nariz. Mas o cheiro do charuto de tio Roberto ainda parece impregnar o ar quando escrevo sobre ele.

Tio Roberto aparecia sempre no fim do ano para ter a satisfação de ser convidado a passar o Natal com a gente. Ele sempre aceitava embora a princípio, fazendo-se de difícil, inventava desculpas totalmente bobas para que a família insistisse na sua presença.

“Não sei tenho uma viagem marcada... acho que nem estarei no Brasil... Chiii, este ano não vai dar, fui convidado por uns amigos para ir à casa deles no Natal.. Não sei, vou estudar... Quem sabe?” Os sobrinhos se afligiam só de imaginar que tio Roberto pudesse estar ausente. Sem tio Roberto, Papai Noel certamente nem daria o ar da graça. Pois todos os anos, ocorria uma coincidência notável: mal o Papai Noel acabava de deixar um monte de pacotes grandes e pequenos para gurizada, mal o Papai Noel pedia licença para se retirar da sala, depois de desejar a todos paz, felicidade e muita sorte; quando os meninos e meninas da família se entretinham, alvoroçadamente, em abrir os presentes cheios de surpresas pronto, tio Roberto aparecia!

E surgia com a cara mais espantada do mundo, surpreso com a alegria da molecada. Tio Roberto dizia: “Nossa! Será que o Papai Noel passou por aqui? Não deixou nada para mim?”

Papai Noel nunca deixava nenhum presente para o Tio Roberto. E com razão. Quem mandava o tio Roberto chegar sempre uns dez minutos depois que o Papai Noel tinha passado?

Mas havia uma coisa estranha em nossas cabecinhas infantis: o Papai Noel de pacotes coloridos arrastava atrás de si o mesmo cheiro agridoce do charuto que tio Roberto fumava.

Era uma coincidência inexplicável.

Acredito que, se não fosse a casualidade, jamais teríamos desconfiado de qualquer coisa. Mas naquela véspera de Nata, o Papai Noel tocou a campainha e apareceu como de costume, barbas, roupão vermelho, botas pretas e brilhantes, e um vistoso gorro. E, principalmente, os pacotes de presentes. Tudo igual como sempre. Mas deixou cair do bolso largo das calças uma caixa de charutos! Como ninguém em casa fumava charutos(a não ser o tio Roberto, naturalmente), Papai Noel que depressa apanhou o pacote com naturalidade perguntou:

“Tio Roberto não estará por aqui”

“Ele ainda não chegou” respondeu, ao mesmo tempo. “ Não deve demorar ele sempre vem”.

“Ah”, disse o Papai Noel, “ trouxe estes charutos para ele. Espero que goste. Ele fuma charutos, não fuma?”

Dissemos que sim, que fumava.

Então Papai Noel sorriu, disse: “Ótimo. Entreguem a ele em meu nome.” E depois de desejar paz, felicidade e um bom Natal para todos, despediu-se e saiu pela porta da sala, em direção à rua, onde aguardava um táxi.

Dez minutos depois, chega tio Roberto. Depois dos abraços e das gargalhadas, faz a pergunta que esperávamos que fizesse: “Nossa! Parece que Papai Noel passou por aqui? Não deixou nada para mim?”

“Deixou sim”, gritamos todos morrendo de rir. “Ele deixou este pacote de charutos para o senhor.”

Tio Roberto mostrou-se encantado com a lembrança, tanto mais que seus charutos haviam terminado e ele estava doidinho para acender um. E enquanto tio Roberto soltava suas baforadas, nós, as crianças, mergulhávamos na alegria dos brinquedos.

“Você teve sorte”, disse meu pai a tio Roberto, “essa caixa de charutos caiu do bolso do Papai Noel por acaso. Acho que se destinava a outra pessoa qualquer. Mas acho que Papai Noel devia saber muito bem que o médico proibiu você de fumar desta maneira...”

Tio Roberto não respondeu nada.

Percebemos então que Tio Roberto estava pálido e não parecia tão saudável e bem disposto como nos anos anteriores. Mas podia ser apenas vaga impressão.

No ano seguinte, Tio Roberto teve de ser internado às pressas numa casa de saúde e nem pôde comparecer à nossa festa de Natal.

Por coincidência, Papai Noel também não apareceu. Recebemos os presentes das mãos de outras pessoas. Não foi tão alegre, nem divertido, embora também não tivéssemos precisando suportar o cheiro de charuto de Papai Noel e do Tio Roberto.

Mas hoje, enquanto isto, tenho um pouco de saudade daquela fumacinha azul subindo na sala.



Figura 2 - Fac-símile da crônica de Lourenço Diaféria para o *Jornal Brosol Notícias*, de dezembro de 1995, editado pelo autor

1.3 A carona

Não tenho dúvida de que daqui a uns duzentos anos, quem sabe até menos, as crianças possam ir à escola não em peruas e ônibus, como acontece agora, mas em pequenos foguetes de baixa altitude e velocidade controlada.

Essa é uma ideia que me ocorre quando fico encalacrado nos congestionamentos de trânsito e me distraio imaginando os veículos do futuro. Quando os foguetes se tornarem meios comuns e normais de transporte coletivo, é provável que os engarrafamentos acabem e as pessoas tenham mais tempo para conversar e rir. É possível.

De minha parte creio que dificilmente chegarei a esse bendito tempo, até porque, para falar com toda franqueza, não aprecio foguetes. De nenhum tipo. Sei que vários deles são confortáveis, seguros divertidos, porém não sou exatamente o tipo de pessoa que aprecia coisas muito rápidas. De nenhum tipo. As coisas muito rápidas, por melhor que sejam – e há coisas rápidas e boas, eu sei -, perdem a graça.

Vocês podem observar isso quando uma autoridade importante desfila em carro aberto ou fechado. Se o carro da autoridade importante vai muito depressa – não digo tão depressa como um foguete, mas depressa – o povo não gosta nem aplaude. E até diz – “ Fulano passou que nem um foguete.”

Ao passo que se o carro da autoridade vai na maciota, numa boa, acenando, sem querer atropelar o povo, puxa! Que beleza. O povo até manda beijos, as velhinhas choram de alegria. É outra coisa.

E isso vale para tudo. Quando eu era garoto, bem mais garoto do que agora, eu tinha um carrinho de rolemã fantástico. A única desvantagem de meu carrinho de rolemã é que era rápido demais. A ladeira da rua passava muito depressa. Mal dava tempo de curtir a emoção o frio na barriga. Mandei aumentar o tamanho das rodas e reforcei o breque com uma grossa tira de pneu. Ficou legal. Mais lento, porém legal.

Certa ocasião eu estava brincando com esse meu carrinho de rolemã quando apareceu “seu” zoilo vindo do sítio dele, que não ficava longe da cidade. “Seu” Zoilo tinha hábito de vir para a cidade dirigindo o próprio trator, apesar que o prefeito implicava um pouco com a mania de “Seu” Zoilo. Era fim de tarde, das casas saía um cheiro gostoso de fogueira a lenha aceso.

Tanto “seu” Zoilo como trator que ele dirigia vinham com a aparência de que ambos haviam trabalhado muito, mas pareciam felizes. Talvez felizes exatamente porque haviam trabalhado muito.

Naquela época a cidade era acanhada, não tinha nem semáforo, mas já se falava bastante da qualidade da terra e do gerente da agência bancária que acabara de ser inaugurada naquela que, espantosamente, era a rua da sorveteria, da farmácia e da padaria – a rua principal.

Brequei meu carrinho de rolemã e fiquei apreciando a figura de “seu” Zoilo subindo pela rua do Sapo (hoje avenida Juscelino Kubitschek) no veículo valente e pacato. A máquina tinha a imponência de um guerreiro. O rosto de “seu” Zoilo parecia jovem recoberto como estava de suor. Era como se fossem dois atletas voltando de uma competição. Quando me viu, “seu” Zoilo fez um aceno com a mão, manobrou na direção da quina da calçada. E estacionou. “Quer Carona”?, ele disse.

Não precisou perguntar duas vezes. Ele me ajudou a subir no trator. O pneu tinha mais que o dobro do meu tamanho. O próprio “seu” Zoilo reduziu-se, franzino e miúdo, dentro da carcaça robusta de aço, onde as peças pareciam forjadas e aglutinadas para vencer obstáculos. Todavia, recordo bem, a máquina não ameaçadora. Ao contrário, ela tinha modos de quem protege e acolhe.

Foi essa a primeira vez que subi e viajei num trator.

Anexo 2

AS 18 CRÔNICAS DE ANTONIO PRATA ANALISADAS

2.1 Guinada à direita⁷

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 3/11/2013

Há uma década, escrevi um texto em que me definia como "meio intelectual, meio de esquerda". Não me arrependo. Era jovem e ignorante, vivia ainda enclausurado na primeira parte da célebre frase atribuída a Clemenceau, a Shaw e a Churchill, mas na verdade cunhada pelo próprio Senhor: "Um homem que não seja socialista aos 20 anos não tem coração; um homem que permaneça socialista aos 40 não tem cabeça". Agora que me aproximo dos 40, os cabelos rareiam e arejam-se as ideias, percebo que é chegado o momento de trocar as sístoles pelas sinapses.

Como todos sabem, vivemos num totalitarismo de esquerda. A rubra súcia domina o governo, as universidades, a mídia, a cúpula da CBF e a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, na Câmara. O pensamento que se queira libertário não pode ser outra coisa, portanto, senão reacionário. E quem há de negar que é preciso reagir? Quando terroristas, gays, índios, quilombolas, vândalos, maconheiros e aborteiros tentam levar a nação para o abismo, ou os cidadãos de bem se unem, como na saudosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que nos salvou do comunismo e nos garantiu 20 anos de paz, ou nos preparemos para a barbárie.

Se é que a barbárie já não começou... Veja as cotas, por exemplo. Após anos dessa boquinha descolada pelos negros nas universidades, o que aconteceu? O branco encontra-se escanteado. Para todo lado que se olhe, da direção das empresas aos volantes dos SUVs, das mesas do Fasano à primeira classe dos aviões, o que encontramos? Negros ricos e despreparados caçoando da meritocracia que reinava por estes costados desde a chegada de Cabral.

Antes que me acusem de racista, digo que meu problema não é com os negros, mas com os privilégios das "minorias". Vejam os índios, por exemplo. Não fosse por eles, seríamos uma potência agrícola. O Centro-Oeste produziria soja suficiente para a China fazer tofus do tamanho da Groenlândia, encheríamos nossos cofres e financiaríamos inúmeros estádios padrão Fifa, mas, como você sabe, esses ágrafos, apoiados pelo poderosíssimo lobby dos antropólogos, transformaram toda nossa área cultivável numa enorme taba. Lá estão, agora, improdutivos e nus, catando piolho e tomando 51.

Contra o poder desmesurado dado a negros, índios, gays e mulheres (as feias, inclusive), sem falar nos ex-pobres, que agora possuem dinheiro para avacalhar, com sua ignorância, a cultura reconhecidamente letrada de nossas elites, nós, da direita, temos uma arma: o humor. A esquerda, contudo, sabe do poder libertário de uma piada de preto, de gorda, de baiano, por isso tenta nos calar com o cabresto do politicamente correto. Só não joga a toalha e mudo de vez pro Texas por acreditar que neste espaço, pelo menos, eu ainda posso lutar contra esses absurdos.

Peço perdão aos antigos leitores, desde já, se minha nova persona não lhes agrada, mas no pé que as coisas estão é preciso não apenas ser reacionário, mas sê-lo de modo grosseiro, raivoso e estridente. Do contrário, seguiremos dominados pelo crioulo, pelas bichas, pelas feministas

⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2013/11/1366185-guinada-a-direita.shtml>>. Acessado em: 12 dez. 2018.

rançosas e por velhos intelectuais da USP, essa gentalha que, finalmente compreendi, é a culpada por sermos um dos países mais desiguais, mais injustos e violentos sobre a Terra. Me aguardem.

2.2 Rolezinho: breve rolê histórico⁸

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 19/1/2014

“Rolezinho” de um termina onde começa o Rolezinho do outro? Ou versa-vice?

Para respondermos a essas perguntas, é preciso compreender, antes de mais nada, que não se trata de um fenômeno recente. Muito pelo contrário. O que foi, afinal de contas, o fuzuê de Jesus contra os vendilhões? O nazareno chegou ao templo de Jerusalém montando um jumentinho (praticamente um Chevette, pra época), trazendo na cola uma ruidosa multidão da periferia (Jericó, Betel e outras quebradas), “expulsou a todos que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas” (Mateus, 21:12-17). Se os centuriões dispusessem de cruzes de borracha e coroas de espinho de efeito moral, Roma talvez durasse mais uns três ou quatro séculos.

Esqueçamos Átila, os Godos, Visigodos e Germânicos —nosso espaço é curto— e saltemos 1500 anos: Cabral chegando à Bahia com aquele bando de marmanjo, atrapalhando o lazer dos índios que só queriam passear com a família; é ou não é “rolezinho”? “Rolezaum”, na verdade, dada a distância percorrida. Dizem que, depois dos primeiros atos de vandalismo (paus-brasil eram derrubados como se fossem orelhões), os pataxós tentaram entrar com uma liminar, mas a Justiça da época era avançadíssima e já estava do lado dos poderosos, de modo que não apenas negou o pedido como o inverteu; os índios é que foram acusados de “rolezinho” nas terras de El Rey.

Ainda que, sob certa perspectiva, a história do mundo se confunda com a história do “rolezinho”, foi no século 20 que ele aflorou em todo seu esplendor (É sabido que Eric Hobsbawn, na sua obra mais famosa, ficou em dúvida entre os títulos “Era dos Extremos” e “Era dos Rolês”). O rol dos grandes promotores de “rolezinhos” inclui de Mahatma Gandhi aos Beatles, de Rosa Parks (a moça afrodiscriminada que, em 1955, sentou no assento de ônibus reservado a brancos, no Alabama) ao Roger, do Ultraje a Rigor (“Nós vamos invadir sua praia”), dos hippies à Gaviões da Fiel, que em 1976 promoveu a “Invasão Corintiana” ao Rio de Janeiro.

Diante da reaparição do fenômeno, tem muita gente preocupada: o “rolezinho”, em sua forma atual, veio para ficar? Caso a resposta seja positiva: áreas VIP dariam conta de recolocar cada um em seu lugar ou será necessária a construção de novos shoppings dentro dos shoppings? Eu diria ao leitor mais aflito que não se preocupe, pois a prefeitura apareceu com uma ótima solução: que os encontros sejam feitos não mais dentro dos estabelecimentos, mas nos estacionamentos. É a ideia mais brilhante diante de um “rolezinho” desde que Maria Antonieta sugeriu aos que não tinham pão que comessem brioques. Como se sabe, sem pão, brioques ou opções de lazer na periferia de Paris, a galera foi toda zoar na Bastilha.

⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/01/1399807-rolezinho-breve-role-historico.shtml>>. Acessado em: 12 dez. 2018.

2.3 Cachimbo da paz⁹

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 09/02/2014 - 01h47

Muitos já apontaram como as interpretações sobre os "rolezinhos" explicitaram o nosso Fla-Flu ideológico: de um lado a direita, temendo as invasões bárbaras e exigindo a Tropa de Choque, do outro a esquerda, achando bárbaras as excursões e enxergando um choque de democracia.

A polarização não é novidade. Há décadas Caetano Veloso cantou "quem vai equacionar as pressões do PT, da UDR e fazer desta vergonha uma nação?", e a impressão que se tem, lendo o que se escreve no Twitter, no Facebook e pelos blogs, é que estamos longe de encontrar uma resposta.

Pois é com enorme felicidade que eu vejo brotar uma semente no meio da terra de ninguém, vejo surgir uma força capaz de colocar o leitor da "Veja" e o DCE da FFLCH na mesma roda, olhando, juntos, para uma única direção. Refiro-me à maconha.

Falo sério. Afinal: que outro assunto consegue pôr Fernando Henrique Cardoso e Marcelo D2 do mesmo lado? (Embora FHC não possa ser chamado "de direita" nem D2, "de esquerda", a distância entre as duas figuras dá uma ideia da amplitude do leque —ou, melhor dizendo, do diâmetro do cone- da Cannabis).

No ano passado, fui ao lançamento da Rede Pense Livre -sobre a qual já escrevi, aqui. Trata-se de um grupo apartidário, com pessoas de diversas áreas, dedicado a "promover um debate amplo e qualificado por uma política sobre drogas que funcione". Partem do princípio de que a "guerra às drogas" é mais letal do que as mesmas e defendem a descriminalização da maconha. A cerimônia de lançamento da Rede foi no Instituto Itaú Cultural, e no palco estavam dois amigos meus: um do mercado financeiro, outro da Mídia Ninja -concordando.

Embora haja partidários da legalização nas duas pontas (sem duplo sentido) do espectro político, é curioso como cada lado chega à sua opinião por caminhos diferentes. A esquerda tende a abordar mais as implicações sociais da proibição, como o tráfico, o tráfico de armas e a violência que os acompanha. A direita levanta a bandeira da liberdade individual: quem o Estado pensa que é para dizer o que eu posso ou não posso fazer com o meu corpo?

Há também entre progressistas e conservadores aqueles que não politizam tanto a coisa e só querem poder ouvir "Dark Side of the Moon" comendo goiabada com Leite Moça sem correr o risco de ter o quarto invadido pelo Capitão Nascimento.

É claro que o tema não é consenso nem à destra nem à sinistra, mas também aí a maconha faz bem à política brasileira, pois, se irmanando no combate à "erva do diabo", pudibundos do PC do B e da TFP encontrarão um terreno comum, iniciando um diálogo antes inimaginável.

O único problema da ausência de barreiras ideológicas em relação à Cannabis é que, se ela for legalizada, cada um vai querer puxar a brasa para a sua sardinha. Caso a lei mude num possível segundo mandato da Dilma, o PT vai se dizer o pai (ou a mãe) da ideia, enquanto os tucanos vão espernear alegando que, se não fosse por FHC, estabilizando as opiniões, nada disso haveria acontecido —e quem poderá afirmar que não terão razão?

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/02/1409551-cachimbo-da-paz.shtml>. Acessado em: 12 dez. 2018.

2.4 O álbum da Copa¹⁰

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 11/5/2014

Comprei o álbum da Copa e me pergunto se isso representa uma tomada de posição. Afinal, até as 17h do dia 12 de junho, quando será dado o apito inicial para Brasil e Croácia, cada um de nós terá que resolver, internamente, em que ponto se encontra entre o "Pra frente, Brasil!" e o "Não vai ter Copa!".

A escolha já foi mais simples. Antes de 70, aliás, nem se escolhia: apenas se torcia. Então vieram os generais e parte da esquerda passou a torcer contra a seleção, pois via na vitória verde e amarela um triunfo verde oliva. Tirando esse breve período, contudo —e descontando os cartolas e o patriotismo comercial-televisivo—, o ethos do nosso futebol, desde que a bola voou para fora dos clubes e passou a rolar pelas várzeas, sempre foi popular e utópico. Ali estavam 11 garotos nascidos pobres; pretos, brancos e pardos, que haviam subido na vida unicamente por conta do talento; ali estava um país de terceiro mundo vencendo, com originalidade e graça, as nações mais poderosas do globo.

Tá, tá, eu sei que transplantar essa visão do gramado pra nação colaborou e colabora com o mascaramento e a preservação das nossas mazelas. Acreditar que somos 200 milhões de abençoados, originais e graciosos, num país igualitário e espontâneo que na hora agá resolve tudo com um toquinho de calcanhar é parte do delírio brasileiro.

O esporte, contudo, assim como a arte, é o lugar do delírio. Se for encarado racionalmente, não faz nenhum sentido: 11 homens de cá contra 11 homens de lá, tentando fazer uma esfera de couro e ar passar por cima de uma linha de cal —sem usar as mãos. É toda a carga irracional colocada no espetáculo que lhe dá sua razão de ser: ali projetamos tragédias individuais e coletivas, plantamos e colhemos significados. Não é do jogo, mas de nós que brota o sentido —e o sentido que a seleção tinha entre a gente, não como retrato do presente, mas como possibilidade, como ideal, me parecia belo e importante.

Há um clima pessimista no ar e um desejo, tanto à direita quanto à esquerda, de limar todos os discursos a favor do Brasil. Compreende-se: os serviços públicos são precários, há corrupção nos governos, basta abrir o jornal ou a janela para darmos de cara com horrores de todo o tipo. Mas será que a saída é desistir e admitir que foi tudo uma ilusão? Machado de Assis, Gilberto Freyre, Oswald de Andrade, Villa-Lobos, o concretismo, Niemeyer, João Gilberto; nada presta, promessas falsas, roncões de um motor de arranque que não fez nem jamais fará o carro dar a partida.

Talvez seja bom colocar nossos mitos à prova, negar a pátria, como se nega o pai, para nos tornarmos adultos. Talvez, porém, fosse prudente ficar atento para não jogar a criança com a água do banho: o Brasil é foda, mas a bossa nova, como cantou Caetano Veloso em seu último disco, também é.

Falta um mês e um dia para soar o apito e, enquanto não descubro em que ponto me encontro entre o "Pra frente, Brasil!" e o "Não vai ter Copa!", vou colando essas figurinhas, meio envergonhado, meio esperançoso, sem saber exatamente de que lado está o povo, de que lado os generais.

¹⁰ Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/05/1452697-o-
album-da-copa.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/05/1452697-o-album-da-copa.shtml)>. Acessado em: 15 jan. 2019.

2.5 A caminho¹¹

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 15/6/2014

Quinta-feira, estação República, 11h36. Quase todos os passageiros vestem camisas do Brasil, eu também. No canto do vagão, um casal de gays: pobres, mirrados, feições nordestinas. Um deles, de cabelo oxigenado, aperta uma dessas buzinas de spray. "É Copa, meu povo! Vamo animááá!" -e gargalha. Penso como, vinte anos atrás, seria inimaginável gays assim, tão gays, em público, ainda mais indo pra um jogo de futebol. Fico um pouco emocionado: não sei se por estar a caminho do estádio, pela constatação de que o Brasil mudou ou pela breve comunhão das camisas amarelas.

Estação Pedro II, 11h44. O metrô sai do buraco e a comoção se perde entre dúzias de moradores de rua, numa praça de terra. Craqueiros? Talvez, mas o trem anda, o céu é azul, faz sol, melhor esquecer o crack e pensar nos craques. "Brasil! Brasil! Brasil!", puxa um garoto.

Estação Belém, 11h55. Soldados com fuzis, na plataforma. Os torcedores parecem nem vê-los: "Eeeeeeu sou brasileeeiro, com muito orguuuulho, com muito amooor". No vagão, o gay de cabelo oxigenado soa a buzina. Mais adiante, antigas fábricas e casinhas geminadas me lembram Adoniran Barbosa. Prédios novos, grandes e feios me lembram os vereadores que, revoltados com as concessões da prefeitura aos sem-teto, deixaram de votar o Plano Diretor.

12h01: "Atenção, passageiros: os trens não estão prestando serviço na estação Carrão devido à manifestação". Olho pela janela e não vejo a manifestação, mas abro o Twitter e assisto ao vídeo: a repórter da CNN sangrando, o PM jogando spray de pimenta nos olhos do cara algemado. "Eu vou buzinar mesmo!", diz o gay a alguém fora do meu campo de visão, "Eu tenho direito! É Copa do Mundo!". "E leleô, leleô, leleô, leleô, Brasil!", puxa uma turma, do outro lado do vagão.

Penha, 12h07. Um campinho de várzea, um ipê-rosa, florido e o vagão inteiro cantando: "E leleô, leleô, leleô, leleô, Brasil!". Eu canto junto, até que as portas se abrem, um cara dá um salto do seu assento, arranca a buzina das mãos do gay e joga pela janela. "Eu sou polícia, cê me respeita senão eu te prendo, seu FDP! Acabou! Acabou!". Silêncio no vagão. Aos meus olhos, o gay parece ainda mais pobre, mais mirrado, mas ele se levanta. "Quero ver a sua identificação!". "Senta ou eu te prendo por desacato!". "Quero ver sua identificação!". O cara enrola. O gay cresce. Agora é um Madame Satã: "A gente vai descer em Itaquera e vai fazer B.O.! Eu tenho o direito de torcer que nem você! Vamos pra delegacia!".

Itaquera, 12h25. Os dois saem juntos do metrô, perco-os de vista e me junto à multidão. Sinto um nó na garganta: não sei se é por estar a caminho do estádio, se é pelo tanto que o Brasil mudou ou pelo tanto que ainda falta mudar.

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/06/1470398-a-caminho.shtml>. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.6 O agudo e a crônica¹²

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 28/9/2014

Quando eu comecei a escrever crônicas, 15 anos atrás, prometi a mim mesmo que iria revolver somente a terra do meu canteiro, resistindo à tentação de arrastar o meu modesto arado por latifúndios pedregosos como a política, a economia, a crise no Oriente Médio. (Como diz o mestre Humberto Werneck, crônica é conversa sentado no meio-fio, não discurso sobre um caixotinho). Todo domingo, porém, questiono minha promessa: o mundo é vil, o país é injusto, há muitas causas importantes sem voz e muitos calhordas com megafones –devo seguir falando da minha infância, de um amigo que reencontrei, dos primeiros passos da minha filha?

Às vezes, em bate-papos com leitores, me perguntam por que raramente escrevo sobre o assunto da semana. Digo que a chance de eu ter algo relevante a dizer sobre o assunto da semana é pequena, ainda mais concorrendo com jornalistas e especialistas que estão debruçados sobre a questão. Serei mais profundo ou divertido, terei, enfim, mais chance de dizer algo verdadeiro (mesmo que pequeno, mas verdadeiro, e é isso que importa) se mirar no que eu conheço: a minha infância, o amigo que reencontrei, os primeiros passos da minha filha.

Também costumam perguntar, nesses bate-papos, se por falar sempre de si mesmo o cronista não seria um autocentrado e, portanto, um alienado. Acho o contrário: o cronista procura nele mesmo (ou melhor, numa ficção de si mesmo) os assuntos que possam tocar os outros. Todo mundo teve infância, todo mundo tem amigos que a vida afastou, mesmo quem não é pai ou mãe sabe o que é uma criança. Se ao falar do meu umbigo eu não cutucar o seu, a relação umbilical da literatura não se estabeleceu: pode escrever pro "Painel do Leitor".

Esses questionamentos crônicos me voltam mais agudos nestas eleições. Na quinta retrasada, dia 18, um PM matou um ambulante com um tiro na cabeça. Nesta segunda, o PM foi solto. Não houve manifestações nem indignação por parte da população e Geraldo "quem não reagiu tá vivo" Alckmin, o chefe da PM, deve ser reeleito no primeiro turno. (Sobre o silêncio de São Paulo diante do assassinato, ler Flávio Moura). Naquela mesma quinta, 18, no presídio de Pedrinhas, Maranhão, foi assassinado o 17º preso, só neste ano. Ano passado, foram 60; alguns deles, decapitados diante das câmeras de celulares. Os senhores feudais que dominam o Maranhão e gerenciam Pedrinhas são da base de apoio da Dilma, que acusa Marina de ser uma proposta insensata por não contar com o apoio de senhores feudais como os que dominam o Maranhão e gerenciam Pedrinhas. Marina, contudo, não é nada insensata: a paladina da nova política apoia quem, em SP? Alckmin.

Devo seguir falando da minha infância, de um amigo que reencontrei, dos primeiros passos da minha filha? Às vezes, acredito que sim: que a crônica existe para iluminar uns rincõezinhos assombreados do cotidiano, pra abrir nossos olhos para a graça que passa despercebida, pelas esquinas –e que isso também é um ato político.

Outras vezes, porém, me vejo como um nobre gordo, na França, em 1788, comendo codornas enquanto o povo morre de fome, de bala ou é decapitado do lado de fora e nos calabouços do castelo.

¹² Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/09/1523733-o-agudo-e-a-cronica.shtml?mobile>>. Acessado em 22 jan. 2019.

2.7 Boda de urna¹³

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 5/10/2014

Você tem até as cinco da tarde deste domingo pra decidir se continua casado com a atual, se reata com a ex, se foge com a amante ou começa uma nova relação. Complicado, hein, Brasil?

O casamento não tá lá essas coisas, mas vai que é só uma fase? Vai que é possível reacender a velha chama e voltar à época em que, todo dia, era ripa na chulipa e PIB na gorduchinha? Hoje, com o pibinho entre as pernas, você se agarra às memórias. Não são poucas: nestes 12 anos, muita coisa aconteceu. Você conseguiu financiar sua casa (sua vida), seu carro, sua TV de tela plana.

Você está gordo e, no entanto, se sente vazio. Será que as suas expectativas é que eram muito altas? Drummond, janelas sem grades e ressonância magnética ao alcance de todos era uma viagem de LSD? O que você sabe é que esperava bem mais deste longo matrimônio do que a popularização do LCD.

Outro fator que vem minando a convivência é a família da moça. Dos mais próximos você gosta, mas tem uns primos e uns cunhados que são casca-grossa. Quando aparecem prum churrasco ou pro Natal, sempre some cinzeiro, ímã de geladeira, até gasolina do seu carro já levaram.

Eis então que no meio da crise ressurgem, repaginada e murmurante, a sua ex: "Volta pra mim, Brasuquinho! Foi aqui que tudo começou! Eu te encontrei na sarjeta, com a poupança ralada, virado no overnight, enchendo a cara de Old Eight com default. Se não fosse eu te tirar do delírio e te trazer pro Real, não tinha casa, carro, tela plana e o escambau!".

De fato, você foi feliz com a ex, no início. Quando a vida estabilizou, houve alguma euforia: comeram frango com iogurte, cantaram axé no videokê. Mas então, em vez de decolar, você estagnou. Faltou um tchan, sei lá. Sem falar que os primos e cunhados da ex tampouco eram flor que se cheire –há rumores de que você só ficou com ela por oito anos porque os aparentados subornaram a ala da família que defendia a alternância do cônjuge, a cada quatro anos.

Por essas e outras, ultimamente, você andava aflito, dilacerado entre o bege do presente e o cinza do passado – e foi aí que apareceu, verde fosforescente, uma amante! Em poucos dias, ela arrebatou seu coração. Prometeu vida nova e um relacionamento sustentável. Vocês poderiam escolher, juntos, os primos e cunhados de quem iriam se aproximar – primos ou cunhados desmatadores ou da indústria armamentista, jamais!

"Que mulher moderna! Que bom que você surgiu!", você co-memorou. "Foi a providência divina que me pôs no teu caminho!", ela respondeu – e você estranhou. Então, descobriu que ela ouvia salmos no iPod, era contra a descriminalização do aborto e não apoiaria o casamento gay. Você perguntou se isso era verdade e ela disse que não, era o contrário – depois disse que era o oposto do contrário e, depois, o avesso do oposto do contrário. O verde que, de longe, parecia ser de frescor, de perto recendia a mirra. Não era essa, exatamente, a boa nova que você procurava.

Agora você tá aí, indo encontrar as três, juntas, pra escolher uma delas ou apostar numa quarta. Pior é que não pode nem tomar uma cervejinha antes, porque o TSE não quer que você decida, bêbado, com quem vai passar os próximos quatro anos da sua vida. Complicado, hein, Brasil?

¹³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1527378-boda-de-urna.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.8 O chapeiro e dono da padaria¹⁴

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 12/10/2014

As vitórias da Dilma, no Nordeste, do Aécio, no Sudeste e a mesma divisão mostrada pelo Datafolha para o segundo turno ressuscitaram o velho preconceito de que pobre não sabe votar. Os mais ricos e escolarizados escolheriam racionalmente e votariam no PSDB, enquanto os mais pobres e com menos anos de estudo, iludidos pelas "esmolas" e falsas promessas do governo, fechariam com o PT.

Essa ideia equivocada deriva de uma falsa premissa: a de que existiria o voto certo e o errado. Candidaturas não representariam interesses distintos de diferentes camadas da sociedade, mas sim a verdade ou a mentira. Uma eleição não seria, portanto, uma escolha entre múltiplas propostas, mas se assemelharia àquele golpe em que, sobre um tabuleiro, uma pessoa vai rolando uma bolinha e a escondendo cada hora sob um de três copos; no fim, você tem que descobrir qual copo esconde a bola, quais estão vazios; qual candidatura é a certa, boa para todos, quais são as vazias, querendo nos enganar.

Ora, bolas, o Nordeste não deu 60% dos votos à Dilma porque foi enganado por ela. Deu porque, sob o PT, as condições de vida daqueles milhões de eleitores melhoraram. E o mensalão? E o escândalo da Petrobras? E a inflação? Nada disso conta? Não a ponto de escolherem outro candidato. É um voto racional.

A mesma coisa vale para os 39,45% do Aécio no Sudeste. O sudeste é mais rico, vê seus interesses representados pelo candidato, não precisa tanto de programas sociais -só quer menos Estado, evidentemente, quem não depende dele. E o mensalão mineiro? E o escândalo do metrô? E a compra de votos pra reeleição? Nada disso conta? Não a ponto de escolherem outro candidato. É um voto racional.

Na boa: você não precisa ser marxista-leninista pra concordar que as necessidades do chapeiro são diferentes das do dono da padaria, vai?

Na quinta, Armínio Fraga e Guido Mantega foram entrevistados por Miriam Leitão, na GloboNews. O que Armínio dizia era, numa livre tradução, que o PT está quebrando a padaria e, caso isso aconteça, quem mais se estrepará será o chapeiro. Mantega se defendia afirmando que a padaria não está quebrando, só está com pouco movimento por conta da crise mundial. E lembrava que, mesmo nesse período difícil, o Brasil manteve contínuos aumentos de salário e seguiu contratando chapeiros. Armínio rebatia que a crise já tinha passado e as outras padarias estão melhores que a nossa e acusava o governo de só manter o emprego e o salário nesses níveis na base da gambiarra. As planilhas estariam cheias de araminho e fita isolante. É a crise!, se defendia Mantega, alegando que na hora do dilúvio é mais importante botar a bacia embaixo da goteira que consertar o buraco no teto. Uma hora o teto vai cair, vaticinava Armínio. Com a gente, nunca caiu, se orgulhava Mantega, com vocês, caiu três vezes! Era a crise, se defendia Armínio. O que importa é que as pessoas estão bem, sorria Mantega. O que importa é que o balancete vai mal, sorria Armínio.

E eu, que não sou chapeiro nem dono de padaria, fiquei com a sensação de que os dois tinham razão e estavam errados, alternadamente.

¹⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1531197-o-chapeiro-e-o-dono-da-padaria.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.9 Política e chocolates¹⁵

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 19/10/2014

- Tem certeza de que não vai escrever sobre política?
- Absoluta.
- Mas é o caderno das eleições.
- Não tenho nada a ver com isso. Eu tava sossegado lá no "Cotidiano", cutucando o meu umbigo e pensando na morte da bezerra, quando o jornal me arrastou pra cá. Não tive muita opção. Foi tipo um Pinheirinho editorial.
- Tô vendo um viés político nessa imagem.
- Brigado por avisar. Vamos mudar de assunto.
- Por que? Você não se interessa pelas eleições?
- Me interessa muito, o problema é esse. A minha ordem de despejo dizia que eu seria instalado aqui pra contribuir de forma "leve e divertida" com a cobertura, mas tá difícil encontrar leveza e diversão...
- Escreve sobre isso, ué? Escreve sobre a histeria na internet.
- Não dá. Sou um dos históricos.
- Você defende fervorosamente um lado?
- Não. Eu rejeito fervorosamente o outro. (Sei lá. Acho que eu falei isso mais pela piada: olha eu aí tentando ser leve e divertido.)
- Qual o problema de ser leve e divertido?
- Você contaria uma piada no meio de um bombardeio?
- Contaria.
- Sério? Qual?
- Um homem entra num bar com um sapo na cabeça. O barman olha pra ele, assustado, e pergunta: "Cara, que que é isso?" Ao que o sapo responde: "Pois é, não sei, começou como uma hemorroida".
- Uau, se a pessoa não morrer no bombardeio, ela corta os pulsos.
- Desculpa. Eu sou meio pessimista em relação ao ser humano. Você é mais otimista?
- Eu era.
- Até quando?
- Até ver os deputados federais mais votados: Russomanno, em São Paulo, Bolsonaro, no Rio. Agora, se o Ponto Frio atrasar a entrega da TV ou um homem quiser casar com outro homem, a gente já tem quem nos proteja, em Brasília. Vixe Maria...
- Isso é notícia velha. O segundo turno é em uma semana e você precisa tomar uma posição.
- Prefiro tomar uma cerveja.
- Isso é piada velha. Pior do que notícia velha: não dá nem pra embrulhar peixe.
- Dá, sim. A piada tá num jornal. Aliás, é mais curta que notícia, suja menos o peixe.

¹⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1534756-politica-e-chocolates.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

- Você tá tergiversando. Sabe o que eu acho? Que você tá em cima do muro.
- Não tô, não. Tô de um lado do muro, mas não empolgado o suficiente pra falar pro povo pular pra cá.
- Entendi. Você não vai mesmo falar sobre política?
- Não.
- Vai fazer o que, então, com esse espaço?
- Vou colar uma estrofe de "Tabacaria", posso?
- Por mim...
- (Come chocolates, pequena; Come chocolates! Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria. Come, pequena suja, come! Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes! Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho, Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)
- Fernando Pessoa é foda, né?
- Foda.

2.10 A oposição fluorescente¹⁶

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 26/10/2014

Não vou votar no Aécio, hoje, mas enquanto estiver acompanhando a apuração, no início da noite, um lado meu torcerá secretamente para que ele ganhe. Esse meu lado (que não revelarei a ninguém, caro leitor, só a você, confiante na sua discrição) teme menos os próximos quatro anos sob um governo do PSDB do que os efeitos anabolizantes e lisérgicos que outro quadriênio petista pode causar à direita mais raivosa deste Brasil varonil.

Quando digo direita raivosa, não estou me referindo a quem é a favor de independência do Banco Central, Estado menor e superavit maior. Estou falando dos Bolsonaros e Felicianos, da turma que prega "direitos humanos para humanos direitos", que deseja "afogar esses nordestinos" e diz, em rede nacional, que "órgão excretor não é órgão reprodutor". (Aliás, quando ouvi aquele homúnculo cometer essa afirmação, com a segurança que só a profunda ignorância traz, me perguntei: será que ele faz xixi pelo sovaco? Ou ejacula pelo bigode? Mas não divaguemos, voltemos ao assunto.)

A chegada do PT à Presidência, 12 anos atrás, teve um pernicioso efeito colateral: por ser um partido historicamente ligado às minorias, permitiu à direita mais tacanha camuflar seu preconceito contra negros, mulheres, gays, índios e pobres sob uma papagaiada libertária, de crítica ao poder. A partir de 2003, o cara vinha com uma piadinha jurássica do tipo "o melhor movimento feminino sempre foi o movimento dos quadris" e queria aparecer na foto com um sorrisinho transgressor, tipo, "si hay gobierno, soy contra!". Fazia um número de stand-up racista e alegava estar combatendo a censura do Estado e a opressão do politicamente correto. Falava "as zelite" e "meus deretcho" fingindo zombar do Lula, quando estava é babando a ancestral demofobia.

Tal reação conservadora me parece desproporcional aos avanços dos últimos anos. Afinal, apesar de alguma melhora, continuamos profundamente desiguais. Os negros seguem pior que os brancos, as mulheres ainda ganham menos que os homens, gays não podem se casar e, vira e mexe, são acariciados por heterossexuais com socos, pontapés e lâmpadas fluorescentes.

A direita raivosa, contudo, cada vez mais ensandecida, acredita que vivemos num misto de Venezuela com Sodoma. Pior: os inegáveis casos de corrupção e outras patacoadas do PT fazem o discurso retrógrado chegar àqueles que não comungam de seus preconceitos, mas se indignam, com razão, com os erros do governo. Se na passeata de apoio ao Aécio na última quarta, em SP, que a revista "The Economist" chamou de "revolução do cashmere", a multidão gritava "viva a PM!", o que gritará em 2018, caso a Dilma ganhe?

Com o PSDB no poder, porém, os paranoicos delirantes não teriam como ver, em cada esquina, a ameaça de revolução cubana chefiada por travestis-negras-maconheiras-aborteiras. Abaixariam seus dedinhos exaltados e, confiando os anacrônicos bigodes, teriam de assumir que seu ódio não é nada além do velho racismo, machismo, homofobia e demofobia do nosso Brasil varonil.

Sem alternância de poder, não é só a situação que corre o risco de perder o pé da realidade: a oposição também precisa, de tempos em tempos, cair do seu troninho.

¹⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2014/10/1538415-a-oposicao-fluorescente.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.11 O último a sair¹⁷

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 3/5/2015

Desde os longínquos anos oitenta do século passado, quando perigava do Lula ganhar as eleições presidenciais, a direita brasileira ameaça deixar o país. Segundo apregoava o então presidente da Fiesp, Mario Amato, em caso de uma vitória petista, 800 mil empresários picariam a mula: "O último a sair, por favor, apague a luz do aeroporto", teria dito.

Neste segundo mandato de Dilma Rousseff, o projeto da diáspora voltou com tudo. Pelo que leio e ouço por aí, tem mais rico brasileiro se mudando pra Miami, hoje, do que turista japonês tirando foto da Mona Lisa no Louvre.

Acho curioso. Se alguém deveria estar contente com o estado das coisas, é a direita. Os índices de aprovação da presidente são os mais baixos da história, o Congresso quer rever o Estatuto do Desarmamento e diminuir a maioria penal, já disse que não vai tocar no tema do aborto e tenta retroceder nas conquistas LGBT, Bolsonaro & Feliciano fazem mais sucesso do que Chitãozinho & Xororó e a PM que desce o sarrafo em professores e mata criança com tiro de fuzil é aplaudida em passeatas "ordeiras" e "pacíficas". Se eu fosse de direita, não estaria pensando em fugir pra Miami, mas em construir uma Disney lá pros lados de Barueri.

Quem tem motivo para se arrastar por aí chutando tampinha e rosnando pra lua somos nós, companheiros, que colamos o adesivo "oPTei" em nossos Chevettes, lá por 1987, nós que cantamos o "Lula Lá" como se fosse um "Abre-te, Sésamo!" para Shangri-La, achando que o PT iria levar pão, poesia, matemática e tomografia para cada brasileiro. Que tristeza: apostamos num partido fundado por Sérgio Buarque de Holanda e Chico Mendes para fazer "dessa vergonha, uma nação", como cantou Caetano Veloso, e, hoje, nossa expectativa mais otimista são alguns quilômetros de ciclovias.

É preciso reagir, meus caros. É preciso tirar da direita as rédeas da história. É preciso dar um passo à frente e dizer: péra lá, não são vocês que vão embora, com seus jacarezinhos no peito e Rolex no pulso, somos nós, com nossas pochetes na cintura e barbas por fazer! Chega de tentar tirar o gigante adormecido do seu berço esplêndido. (Aliás, um gigante de 500 anos que ainda dorme em berço, já era para termos nos tocado, tem algum problema bem sério). Chega de querer construir um país do zero: nos mudemos, de mala e cuia, para um que já esteja pronto.

Para onde vamos? Pra Miami? Evidente que não. Vamos para outra cidade onde a língua também é o espanhol, mas num país cujo governo é –verdadeiramente– de esquerda, a maconha é liberada, o vinho é de primeira, a carne é estupenda e o maior defeito, ao que parece, é fazer fronteira com o Brasil. Estou falando, claro, do Uruguai.

Se o Haddad perseverar e o MP parar de encher o saco, talvez consigamos ir de bicicleta até o porto de Santos, de onde seguiremos, em comboio, de pedalinho, rumo ao Éden cisplatino. Às margens do Prata, fundaremos a nova Colônia Cecília, requereremos nacionalidade uruguaia, e, ao recebê-la, sob o radioso sol de nossa alviceleste bandeira, brindaremos com tannat, simultaneamente, duas tão sonhadas conquistas: um país justo e a Copa de 50.

O último a sair, por favor, acenda o baseado.

¹⁷ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2015/05/1624048-o-ultimo-a-sair.shtml>. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.12 Como seria um SAC para os desiludidos com o impeachment?¹⁸

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 4/9/2016

"República Federativa do Brasil, Tamara, bom dia!". "Oi, Tamara, tudo bem? Eu queria fazer uma reclamação". "Pois não, senhor". "Então, Tamara, é que eu fui, aí, nas manifestações pró-impeachment, eu bati panela... Tipo, falaram que era contra tudo que tava errado, que ia tirar primeiro a Dilma, ajeitar a economia, depois ia tirar o Cunha, ia fazer, aí, a limpa. Mas eu vi esses dias a votação do impeachment, que eu tava com problema na lombar e fiquei em casa. Tamara: Collor?! Renan Calheiros?! O figura, lá, do helicóptero de cocaína! São esses caras que tão de patrão agora!". "Desculpa, senhor, no caso, qual seria a sua reclamação?". "Ué, qual seria?! Seria que falaram que era pra melhorar, mas só tem sinistrão comandando a parada!". "Senhor, no caso, o processo de impeachment foi um processo inteiramente legal, sob o comando do STF, com amplo direito de defesa". "É, eu fiquei meio na dúvida, mas beleza, não é disso que eu tô falando, eu tô falando de todo resto. E o Cunha, com propina na Suíça?". "Isso depende dos deputados, senhor, eu não tenho como 'tar' te informando". "E quem são os deputados, Tamara? É tudo amigo do Cunha! Do partido do Cunha. Da base de apoio do governo do Cunha. Cê assistiu às sessões no Senado, Tamara?". "Eu não estou autorizada a dar essa informação, senhor". "Beleza, então eu te dou essa informação. Sabe o que o Renan Calheiros falou? Que eles tavam inaugurando uma 'nova fase na política brasileira'. O Renan, Tamara! O cara que participou de todos os governos brasileiros desde, tipo... Se marcar, o Renan chegou com o Cabral, ele era o cara que dava os espelinhos pra formar um centrão ianomâmi-tupinambá e azeitar a saída do pau-brasil. Cê acha que o Renan vai fazer a 'nova política', Tamara?". "Senhor, eu não estou autorizada." "Beleza, beleza. Tamara, e o Jucá? O Romero Jucá foi gravado planejando tirar a Dilma pra parar a Lava Jato e quando o Temer entrou ele virou ministro do quê?! Do Planejamento!". "Senhor, o Romero Jucá caiu assim que saíram as gravações!". "Caiu! Ô, se caiu! Caiu que nem a Simone Biles, de pé juntinho e recebendo aplauso! Tava lá, todo pimpão na votação! E o PSDB pagando pau pra esses caras! Eu sempre votei no PSDB. Eu achei que se a Dilma caía, não é que o Aécio ia assumir, mas, tipo, o PSDB ia ficar meio no comando, mas cê viu na TV? O PSDB tá pro PMDB que nem o PFL tava pro PSDB na época do Fernando Henrique! Pior, que o PFL era forte, o PSDB agora parece, parecem uns garçons servindo caipirinha pro PMDB!". "Senhor, desculpa, mas qual seria a sua reclamação?". "Como, qual seria? Seria que tá tudo zoado, Tamara! Falaram que era pra melhorar, mas voltou pra, sei lá, 1989! Vou acordar amanhã e vai ter um Chevette na minha garagem e chinelo Samoa no meu pé e 10 milhões de cruzados novos no meu bolso pra eu comprar um Lollo e assistir "Xou da Xuxa" numa Telefunken!". "Senhor, lamento, mas eu não tenho como te ajudar". "Como não, Tamara? Me venderam o impeachment dizendo que era pra melhorar o país, eu nem tirei da caixa e já tô vendo que não funciona! Cês vão ter que trocar por outro produto!". "E qual seria o produto, senhor?". "Eleições, Tamara! Eleições diretas já ou as minhas paneladas de volta!"

¹⁸ Disponível em: www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/09/1810085-como-seria-um-sac-para-os-desiludidos-com-o-impeachment.shtml. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.13 Cenários?¹⁹

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 21/5/2017

1. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, caindo o presidente da Câmara assume Adenor Leonardo Bachi, o Tite. Tite convoca Thiago Silva para o Ministério da Defesa, Paulinho para a Casa Civil, Neymar para a Fazenda. O Brasil cresce 7% em um ano, apagando o fantasma do 7 x 1. Numa reunião da ONU, Neymar se irrita com a distância da barreira (alfandegária) dos Estados Unidos, perde a cabeça e dá um carrinho por trás em Mike Pence –presidente dos EUA após o surgimento das gravações entre Joesley Batista e Trump envolvendo segredos militares e t-bones. Morremos todos bombardeados por Tomahawks.
2. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, o povo vai pras ruas exigir eleições diretas, a Fafá de Belém canta o Hino Nacional, Osmar Santos, Henfil e doutor Sócrates comandam a onda amarela, a Câmara rejeita eleições diretas, Tancredo Neves é 'eleito indiretamente, Tancredo morre, Sarney assume, sim, voltamos para 1985, superinflação, "Xou da Xuxa", a música do "Ghost" nos bailinhos, Belinas pelas ruas, calça semi-baggy, "fecha na Prochaska", o "Jornal Nacional" de 1989, o Collor, o Itamar, a morte do Senna, estamos condenados a viver tudo de novo até cair a Dilma, até cair o Temer, até voltar pros anos 80 mais uma vez, é um "Feitiço do Tempo" infinito, o horror em loop; de calça semi-baggy; tocando a música do "Ghost".
3. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, eleições indiretas são realizadas, o voto é secreto e qualquer brasileiro acima de 35 anos pode ser eleito, suspense total, em quem será que os excelentíssimos deputados votaram? O novo presidente do Brasil é Romero Britto. O Brasil é repintado do Oiapoque ao Chuí, todo coloridinho, feito uma caneca do Romero Britto, nossa foto no RG vira desenho do Romero Britto, o chão é Romero Britto, os grafites são cobertos por desenhos do Romero Britto, na primeira página da Folha (ilustração do Romero Britto), João Doria (tatuado por Romero Britto) é cumprimentado por Romero Britto antes de embarcar para os EUA onde tentará vender, num leilão, a obra continental de Romero Britto.
4. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice assume o presidente da Câmara, o povo vai pras ruas exigir eleições diretas, no meio da manifestação corre a notícia de que o ex-diretor do FBI, James Comey, liberou áudios em que Trump entrega a Joesley Batista segredos militares americanos em troca de t-bones da JBS. "Tem que manter isso, viu?", diz Trump nas gravações, ao ser informado que Joesley está "de bem" com o cozinheiro da Casa Branca. Trump mata James Comey, Trump mata Joesley Batista, morremos todos bombardeados por Tomahawks.
5. Caindo a presidente assume o vice, caindo o vice começa uma guerra civil entre os que defendem que o Temer chegou ao poder por culpa da esquerda, elegendo a Dilma, e os que defendem que o Temer chegou ao poder por culpa da direita, fazendo o impeachment. Morremos todos, a selva invade as cidades, micos-leões-dourados voltam a saltar pelas árvores, araras-azuis retomam os céus, bichos-preguiça bocejam pelas marginais, cobras-coral se confundem com as ciclovias, marias-sem-vergonha brotam nas rachaduras do asfalto às margens plácidas do Ipiranga.

¹⁹ Disponível em : <<https://ww1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2017/05/1885919-cenarios.shtml>>. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.14 O Brasil se esfumando²⁰

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 9/9/2018

Quando eu nasci, em 1977, o Brasil ainda era “o país do futuro”. O vaticínio, feito em 1941 pelo escritor austríaco Stefan Zweig, nos serviu por décadas ora como anestésico, ora como elixir. Vivíamos sob uma ditadura, mas no futuro... Tínhamos hiperinflação, plano econômico atrás de plano econômico, corta zero, muda a moeda, mas no futuro...

Os “teasers” do tal futuro podiam ser vislumbrados pelo observador atento ao longo da nossa história. Na natureza em que “em se plantando, tudo dá”, na “pena da galhofa” e na “tinta da melancolia” de um Machado de Assis, no saxofone de um Pixinguinha, nos dribles de um Pelé.

Pelé, aos 17 anos, recebendo a taça do rei da Suécia, era uma prévia e uma síntese da glória que o futuro nos reservava: a Europa, velha e fria, se curvando à originalidade tropical. Ver a seleção brasileira vencer times europeus era, nas palavras do cineasta Pier Paolo Pasolini, enxergar o “futebol poesia” vencendo o “futebol prosa”. Eis a lição que o Brasil ensinaria aos povos: que a vida poderia ser vivida não na cadência apolínea e burocrática de um romance realista, mas com a potência dionisíaca de uma estrofe.

Em algum momento da década passada, pareceu que o futuro tinha chegado. Que o Lula, seguindo o legado econômico do FHC e, “pela primeira vez na história deste país” levando a sério a tragédia social, havia colocado o Brasil nos eixos. Achamos que estava respondida a pergunta do Caetano Veloso em “‘Vamo’ comer”: “E quem vai equacionar as pressões/Do PT, da UDR/E fazer dessa vergonha/Uma nação?”.

Em 2009, a revista inglesa *The Economist* fez a famigerada capa do Cristo Redentor subindo como um foguete e a manchete “O Brasil decola”. Agora era só fechar a zaga e administrar a vitória, pensamos; demos uma piscada e ao acordarmos estava 7 x 1.

Passou rápido, nosso futuro. Durou o quê? Cinco anos? Três? Em 2013 —quatro anos depois da decolagem, portanto— a *Economist* colocou na capa o Cristo voando desgovernado com a manchete “O Brasil estragou tudo?”. De 2013 pra frente o desgoverno só piorou. Mesmo quem bateu panela pelo impeachment ficou de queixo caído com o espetáculo macabro da votação —preparação perfeita para o cortejo de Gedéis, Maruns, Moreira Francos & cia que viria a seguir.

Por aquela época, ressurgiu nas redes sociais uma frase do Millôr Fernandes. “O Brasil tem um enorme passado pela frente”. Aí pega fogo no museu, 200 anos de trabalho e boa parte dos 20 milhões de itens viram fumaça, literalmente —e parece que nem o passado, mais, nós temos.

Ao ver o museu queimando minha temperatura foi subindo e fui entrando numa espécie de delírio febril. Aquele futuro do Stefan Zweig não existe mais. O presente é um cadafalso que se abre sob nossos pés todos os dias —só para descobriremos que embaixo tem uma guilhotina e diante há um pelotão de fuzilamento. E então o passado arde em chamas.

É como se, não bastasse a pilhagem das quadrilhas de terno ou fuzil, enormes traças metafísicas estivessem roendo o país. Como se em qualquer manhã dessas nós fôssemos acordar e perceber uma estranha poeira no chão. Então tocamos a parede e compreenderemos que ela está se esfacelando.

Todas as paredes. E também as árvores. E o coqueiro que dá coco. E as aves que aqui gorjeiam. E nossos rostos faceiros. E nossos corpos inzoneiros. E até o fim da tarde tudo terá virado pó. E o pó será levado pelo vento. E o Brasil nunca terá existido.

²⁰ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/09/o-brasil-se-esfumando.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

2.15 Imagina eu num pau de arara?²¹

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 23/09/2018

Caro (e)leitor, cara (e)leitadora, se você gosta das minhas crônicas e pretende votar no Bolsonaro, “spoiler alert”: no caso de uma ditadura como a que já foi mais de uma vez aventada pelo capitão e seu escudeiro Mourão, eu sou o típico sujeito que vai pro pau de arara ou “desaparece”. Como é extremamente difícil digitar de cabeça pra baixo e ter boas sacadas “desaparecido”, talvez seja de bom tom, enquanto ainda me encontro com os pés cravados no chão e sem balas cravadas na testa, sugerir que mudem de candidato —ou de cronista.

Caso optem pela segunda opção, lá por 2020, 2021, quando o bicho estiver pegando, quando as atitudes autoritárias do governo houverem gerado protestos e os protestos derem a desculpa para revogarem os direitos individuais em nome da “restauração da ordem” contra as “forças da anarquia” —esse “Vale a Pena Ver de Novo” que reprisamos a cada três ou quatro décadas em nossa “democracinha”—, quando, enfim, eu, digamos, der uma morrida, vocês não perderão um colunista.

O (e)leitor pode achar que exagero. Também acho absurdo, às vezes, pensar que eu poderia ser assassinado por uma ditadura em pleno século 21, no Brasil, mas aí ligo a TV, abro o jornal, atolo no Facebook e vejo as declarações do candidato. Lá está o Bolsonaro dizendo que esse país só vai dar certo quando fizermos “o trabalho que o regime militar não fez, matando uns 30 mil”. Se ele falasse em matar 3.000 eu me calaria, humildemente, ciente de que tem gente muito mais importante para ser assassinada antes de mim. Mas pra uma baciada de 30 mil sem dúvida eu me qualifico.

“Ah”, dirá o leitor, “é entrevista antiga, de 1999. O Bolsonaro já disse que mudou de ideia”. Bom, mês passado o candidato gritou num comício, usando um tripé de câmera como se fosse uma arma, “vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre!”. Eu não sou petista. Sou, como escrevi anos atrás, “meio intelectual, meio de esquerda”, hoje com inegável viés “meio coxinha, meio burguês”, mas neste tipo de noite que se aproxima todos os gatos são rubros e até explicar que focinho de porco não é tomada um fio desencapado já pode estar ligando meu intestino à hidrelétrica de Itaipu.

“Ah”, dirá o leitor, “o ‘Mito’ não fala sério! É brincadeira!”. É? Em julho, no Roda Viva, Bolsonaro declarou que seu livro de cabeceira é “Verdade Sufocada”, de autoria do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o chefe da tortura no DOI-Codi. Em 1975, Vladimir Herzog, um jornalista sem qualquer ligação com a luta armada, um cara assim como eu, pai de um filho de nove e outro de sete, se apresentou voluntariamente ao DOI-Codi para “esclarecimentos” e foi “suicidado” na base da porrada e do eletrochoque.

Não acredito que você, caro (e)leitor, cara (e)leitadora que pretende votar no Bolsonaro, seja a favor dessa barbárie. Acredito que esteja desiludido, cansado, com raiva e coloque os abusos do passado na conta da Guerra Fria. Mas não estamos falando do passado. Estamos falando de hoje. De amanhã. Imagina eu, de cabeça pra baixo, nu, tomando choque, amanhã. Estranho, não é?

Você é de direita? Repudia o PT? Vote no Amoêdo. No Alckmin. No Meirelles. No Ciro. Na Marina. Em nenhum desses casos eu morro no final. Desculpa se pareço um pouco autocentrado, mas é que esta é a única vida que eu tenho; gostaria bastante de ver meus filhos crescerem e, se não for pedir muito, evitar choques em minhas partes pudendas. É um tanto incômodo, dizem os que sobreviveram ao ídolo do capitão.

²¹ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/09/imagina-eu-num-pau-de-arara.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

2.16 Um sonho de...²²

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 14/10/2018

Esta noite eu tive um sonho bem louco. Na verdade, começou como um pesadelo. O Brasil ia eleger um presidente fascista que falava em torturar e matar oponentes, em acabar com todos os ativismos, em vender as reservas indígenas, em militarizar as escolas, em submeter o Ministério do Meio Ambiente ao da Agricultura, em proibir a palavra "gênero" dentro das salas de aula e outras bizarrices que não faziam sentido e eu não lembro direito.

Eu tentava avisar as pessoas "Olha o que ele tá falando! Olha que absurdo!", mas ninguém ouvia, quer dizer, as pessoas ouviam, mas diziam que iriam votar no candidato fascista porque qualquer coisa era melhor que o PT.

Eu insistia "Gente, o PT fez besteiras, mas o Haddad não é a Dilma e mesmo o pior Armagedom dilmístico é melhor do que o que esse cara prega!". Aí as pessoas diziam que o que o candidato fascista falava não era verdade, ele só estava brincando de fingir que era fascista a vida inteira, mas quando fosse eleito ele iria parar com a brincadeira.

Aí seguidores dele abatiam um cachorro a tiros e matavam um cara a facadas e espancavam pessoas —ao todo, no meu pesadelo, eram 50 casos de violência perpetrados pelos soldados daquele que não estava falando sério— e eu gritava "Olha isso! Olha isso!" e as pessoas respondiam: "PT nunca mais!".

Nesse ponto o pesadelo deixou de ser pesadelo e virou um sonho. Ó que doideira: eu estava na plateia do Domingão do Faustão e no palco o Fernando Henrique aparecia junto com o Alckmin e o Ciro Gomes e a Marina Silva e o Amoêdo e quando eu via estavam ali também o Caetano e o Gil e o Henrique Meirelles e a Kátia Abreu e vários empresários liderados pelo Ricardo Semler mais o Casagrande e o Luciano Huck e o RenovaBR e o Acredito e a Ivete e a Sandy, era tipo o "We Are the World" da democracia, uma frente ampla de pessoas que discordavam em diversos pontos sobre política, economia, costumes, mas acreditavam no Estado de Direito, nos ideais herdados do iluminismo, que pregam que todos são iguais perante a lei e cada um pode ser o que é.

E essas pessoas diziam que apoiariam o Haddad contra o candidato fascista caso o PT topasse fazer algumas mudanças no programa de governo. E aí o PT dizia "Claro! Nós também estamos aqui para combater o autoritarismo e o obscurantismo, mais importante do que nosso programa é a sobrevivência da democracia!" e a Gleisi Hoffmann gravava áudio de WhatsApp condenando a ditadura na Venezuela e os economistas do PT sentavam com os economistas do PSDB e do Novo e com a Fiesp e todo mundo abria mão de algo e chegava a alguns pontos a partir dos quais era possível seguir juntos.

Aí um monte de gente que tinha votado no candidato fascista no primeiro turno porque estava com ódio da política voltava a ficar com brilho nos olhos, via que a política apodrecida e transformada na manutenção do poder a qualquer preço se tornava novamente uma ferramenta para melhorar a vida das pessoas, a luta mais justa, a competição mais bela, aquilo que nos difere dos gorilas e dos leões, das amebas e das baratas, que faz com que tenhamos algum orgulho do nosso córtex frontal. E essa frente vencia as eleições. E o fascismo era derrotado. E o Brasil cindido era costurado. E voltávamos a crescer. E dávamos mais direitos para mais brasileiros. E nos tornávamos enfim o país que até bem poucos anos acreditávamos que iríamos nos tornar.

Então eu acordei, abri os olhos e ainda era noite.

²² Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/10/um-sonho.html>. Acessado em: 22 jan. 2019.

2.17 Luz por todos os lados ...²³

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 28/10/2018

A fruteira fica no centro da mesa, no centro da sala, no centro da casa. Tipo um umbigo multicolor no encontro entre o Meridiano de Greenwich e o Equador deste apartamento ensolarado onde tenho a sorte de viver com a minha mulher, minha filha, meu filho e os amigos que aparecem para os almoços de domingo. (Nunca foram tão importantes os almoços de domingo). Gosto, sempre que passo pela sala, de ver o desarranjo harmonioso das maçãs, ameixas, goiabas, mangas e bananas recostadas no rochedo do melão, descansando à sombra de um abacaxi. Às vezes paro diante do meu pequeno oásis de fibras e vitamina C e fico admirando-o, orgulhoso, como se fosse o símbolo de qualquer coisa que não sei bem o que é. Minto. Sei o que é. Quando eu tinha uns dezesseis anos meu amigo Paulo —meu compadre, meu irmão— dizia que eu era “contra os adultos”. Verdade. Aos meus olhos adolescentes, para além dos trinta só havia hipocrisia e acomodação, crediário de geladeira, chinelo com meia, “é pavê ou pacomê?!”. Agora, ao ver meu filho no colo, pasmo diante de uma fruta do conde, “Parece um dinossauro!”, penso diferente. Casei com a mulher que eu amo —e, absurda coincidência cósmica, parece me amar também. Trabalho com o que gosto. Recebo um salário. Ponho frutas na fruteira. Vejo os meus filhos se transformando lentamente neles mesmos e aos domingos os amigos aparecem para almoçar.

É bom ser adulto. Eis o que me diz a gamela de 50 cm de diâmetro por 9 cm de altura, esculpida num compensado de cedro naval e sumaúma, sólida e delicada e generosa —nos dias de feira, no finzinho da tarde, se chegarmos bem perto e fizermos bastante silêncio, dá pra ouvir lá do fundo, entre as bananas e o abacaxi: “Aiaiiii, aiaiiii, é o canto do pregoneiro/ Que com sua harmonia/ Traz alegria/ In South American way”. (Hoje soam como versos um reino distante, há muitos e muitos anos. Digamos: Brasil, 2010).

A fruteira foi presente de casamento do Cesarino e da Ana, pais do Dinho, outro amigo do peito. Foi feita pela Julia, irmã do Dinho. Nos anos 90, passei muitos réveillons com eles, em Ubatuba. Tinha também a Beatriz, prima do Rio por quem fui apaixonado durante décadas, entre os 13 e os 15. À 0:01 do dia primeiro de janeiro de 1991 a Beatriz me chamou para pular as sete ondinhas e eu, bocó, falei que já tinha pulado. Só lá por julho fui entender que não era bem para pular ondinhas que ela havia me convidado. À 0:01 do dia primeiro de janeiro de 1992 retribuí o convite, mas já era tarde e ela não queria mais saber de compartilhar desejos comigo. Tenho pensado muito no passado, ultimamente. No que fiz até aqui. No que ando fazendo. Como nesses livros de autoajuda em que a pessoa adocece e é tomada por uma epifania, enxergo os contornos do dia a dia com afluente nitidez. Tenho revisitado poetas, aberto gavetas, dado telefonemas; na sexta chorei ao abraçar meus filhos. “É de felicidade, papai?”, me pergunta a mais velha. Ela tem cinco anos, é muito pequena para compreender o que se passa (eu também, aos 41, me sinto pequeno diante do que se passa), então eu resumo: é.

Tenho essa família, esses amigos, essas memórias, esses poemas, essa fruteira no centro da mesa, no centro da sala, no centro da casa: a luz entra por todos os lados. (A sombra do fascismo está nas ruas, qualquer que seja o resultado das eleições, a sombra crescerá. Lutaremos incessantemente pelo respeito à lei —e, não menos importante, pelos almoços de domingo).

²³ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/10/luz-por-todos-os-lados.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

2.18 Por uma exclusão inclusiva ...²⁴

Antonio Prata

Folha de S.Paulo, 4/11/2018 02h00

No início da semana apoiadores de Jair Bolsonaro passaram a circular, via WhatsApp, uma mensagem pedindo boicote a 700 artistas, jornalistas, celebridades e intelectuais que se opuseram à candidatura do capitão. A situação é grave e não posso me calar diante do que vejo não só como uma injustiça, mas como um crime: meu nome está nesta lista, enquanto o de opositores que são muito mais artistas, mais jornalistas, mais celebridades e mais intelectuais do que eu, ficaram de fora.

Segundo matéria do "Congresso em Foco", os 700 nomes foram selecionados entre as 190 mil assinaturas do manifesto "Democracia sim", feito um pouco antes da eleição. E o que 189.300 brasileiros se perguntam desde que começaram a circular os zaps pedindo boicote, é: por que não estou na lista? Qual o critério da seleção? Quem escolheu os 700? Baseado em quê? O clima é de perplexidade e confusão.

Há quem afirme que não existe nenhum critério na lista e que ela foi organizada da mesma forma que aquele café da manhã do presidente eleito, cuja foto circula nas redes: pão na mesa, sem prato, caindo em cima do celular, faca enfiada no queijo minas, uma lata de Leite Moça com uma colherinha lambuzada dentro. Ou que a lista foi improvisada às pressas, como o Morey Boogie usado para sustentar os microfones diante do presidente eleito, quinta-feira (1º), na entrevista coletiva --ou melhor, na entrevista "restritiva", uma vez que os jornais impressos foram proibidos de entrar.

Há, porém, quem veja racionalidade na lista e enxergue nela uma manobra tática de "guerra híbrida", como as que foram usadas durante a campanha. O objetivo dos vencedores seria disseminar a cizânia entre os perdedores. Cada vez que um dos 189.300 signatários do "Democracia sim" abre a mensagem de WhatsApp, procura seu nome na lista, não acha e se pergunta, cheio de ressentimento, "por que ele e não eu?", surge uma trinca nos pilares da oposição.

Já na terça-feira (30), no lançamento de um livro, senti os olhares enviesados, os comentários invejosos. Um escritor mais velho, afogando as mágoas no vinho barato, não conseguiu segurar seu rancor: "Eu não só assinei o manifesto, eu participei da organização! Eu tive livro proibido pela ditadura! Quem esses caras acham que são pra não me boicotar assim?!"

Tive problemas até no trabalho. O diretor da série que estou escrevendo na Globo, o grande Luiz Henrique Rios, que tem em seu currículo novelas das seis, das sete, das oito, além de séries, minisséries e o escambau, ficou fora da lista. Eu, em meu primeiro trabalho como autor, lá estou. É uma inversão de hierarquia. Como se, digamos, um capitão ficasse acima de um general. Imagina só, que loucura? Os coautores da série, Chico Mattoso, Thiago Dottori e Bruna Paixão também foram inexplicavelmente excluídos do clube dos 700. O ar na sala de roteiristas está pesadíssimo. Talvez não haja clima para uma segunda temporada.

Nem tudo, no entanto, é motivo para desesperança. O pequeno texto que acompanha a lista diz: "Artistas que se manifestaram contra a vontade do povo, pois mamam do dinheiro público! Se faltou algum, acrescente o nome e passe adiante." Fica aí a chance, portanto, de todos aqueles que se sentiram boicotados do convite ao boicote incluírem-se na lista da exclusão. Façam-no e passem a lista adiante: o Brasil talvez não tenha jeito, mas podemos ao menos tentar salvar as nossas biografias.

²⁴ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/11/por-uma-exclusao-inclusiva.shtml>. Acessado em: 22 de janeiro de 2019.